



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



TIAGO ALBERIONE DA SILVA BOTELHO

**A EDUCAÇÃO LIBERTADORA NO CONTEXTO DE HOJE: ENTRE EXIGÊNCIA E
ESPERANÇA PARA A EMANCIPAÇÃO HUMANA**

Rondonópolis - MT

2020

TIAGO ALBERIONE DA SILVA BOTELHO

**A EDUCAÇÃO LIBERTADORA NO CONTEXTO DE HOJE: ENTRE EXIGÊNCIA E
ESPERANÇA PARA EMANCIPAÇÃO HUMANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso, no Campus Universitário de Rondonópolis. Linha de Pesquisa: Formação de professores e Políticas Públicas Educacionais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ademar de Lima Carvalho

Rondonópolis - MT

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

B748e BOTELHO, Tiago Alberione da Silva.
A EDUCAÇÃO LIBERTADORA NO CONTEXTO DE HOJE: : ENTRE
EXIGÊNCIA E ESPERANÇA PARA EMANCIPAÇÃO HUMANA / Tiago
Alberione da Silva BOTELHO. -- 2020
160 f. ; 30 cm.

Orientador: Ademar de Lima Carvalho.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de
Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Rondonópolis, 2020.
Inclui bibliografia.

1. Educação Libertadora. 2. Emancipação. 3. Esperança. 4. Diálogo. 5.
Conscientização. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Rod. Rondonópolis.-Guiratinga, km 06 MT-270 - Campus Universitário de Rondonópolis - Cep:
78735-901 -RONDONÓPOLIS/MT
Tel : (66) 3410-4035 - Email : ppgedu@ufmt.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO : "A EDUCAÇÃO LIBERTADORA NO CONTEXTO DE HOJE: ENTRE EXIGÊNCIA E ESPERANÇA PARA EMANCIPAÇÃO HUMANA"

AUTOR : Mestrando Tiago Alberione da Silva Botelho

Dissertação defendida e aprovada em 24/08/2020.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientador Doutor(a) Ademar de Lima Carvalho
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinador Externo Doutor(a) Livio dos Santos Vogel
Instituição : INSTITUTO FEDERAL MATO GROSSO

Examinador Interno Doutor(a) Eglen Silvia Pipi Rodrigues
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinador Suplente Doutor(a) Ivanete Rodrigues dos Santos
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

RONDONÓPOLIS,24/08/2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que é o nosso Pai criador e que nos dá o grande dom da vida presenteando-nos com sabedoria, amor, paz e união. Peço e agradeço a Deus por todas as bênçãos dadas a mim e também a toda a minha família.

A meus pais, que me deram muito apoio e sempre me incentivaram a caminhar para frente, sempre rezando por mim e também por todos para que a bênção de Deus chegue e entranhe nas nossas vidas. Fico contente por eles sempre estarem em oração e por sempre me ajudarem em todos os sentidos desde o início de minha chegada a Rondonópolis-MT e o início do mestrado até o dia de hoje. Sou imensamente grato a eles.

Minha eterna gratidão aos meus irmãos Moisés Phillip Botelho, Aurelúcia Botelho e Arthur Botelho, que sempre me incentivaram a ter garra e determinação nos estudos. Sempre estavam preocupados comigo e me animaram para que eu não perdesse alegria no estudo e no trabalho.

Aos meus familiares e amigos que estavam sempre ao meu lado, dando incentivo e me animando sempre. Agradeço aos meus amigos de mestrado que me apoiaram muito tanto dentro do mestrado quanto fora também. Fico totalmente feliz pela preocupação daqueles que contribuíram para a minha vida.

Os meus sinceros agradecimentos a minha amiga Ludmila Morais Calixto, que, desde a minha chegada a Rondonópolis, foi muito solícita e me apoiou muito na hora em que eu precisasse. Que o bom Deus Pai todo misericordioso te abençoe hoje e sempre, Ludi! O que você tem feito por mim foi uma atitude de amiga, que quer ver bem o próximo. Desejo tudo de bom a você!

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso, campus universitário Rondonópolis, sobretudo aos(as) professores(as) que tive a oportunidade de conhecer. Agradeço também pela partilha de seus conhecimentos e também de sua trajetória. A todos os funcionários do campus que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação.

Aos colegas que conquistei nesta caminhada, de um modo especial Luiz, Adriana, Laudileire, Anabel, entre outros que contribuíram de todas as formas para o meu crescimento intelectual e amadurecimento pessoal. Agradeço de coração por fazerem parte da minha vida e por terem sempre me ajudado naquilo que eu não era capaz de realizar. Eles sempre me deram força. Agradeço a Deus por ter colocado vocês na minha vida.

Aos membros de minha banca: Professor Dr. Lívio dos Santos Wogel, Professora Dra. Églen Silvia Pipi Rodrigues e professora Dra. Ivanete Rodrigues dos Santos, que analisaram minuciosamente meu trabalho e contribuíram para que eu melhorasse como pessoa e também como um futuro profissional, para que eu me tornasse mais qualificado e muito mais humano.

Ao meu professor orientador, Dr. Ademar de Lima Carvalho, pela disponibilidade e também pelas orientações precisas que serviram de amplo suporte para o meu trabalho. Peço desculpas por alguns momentos de falta de compreensão de minha parte e também momentos de impaciência com o senhor e pedindo minhas sinceras desculpas devido ao meu jeito de ser.

Sou grato ao Pai do céu por tê-lo colocado para me guiar e orientar! Não esqueço também quando o senhor me apresentou o Sr. Juvenal, a quem eu poderia ajudar numa comunidade eclesial de base, de modo a colaborar no fortalecimento da minha fé e a fé da comunidade onde estou servindo com muito amor e caridade e com toda a minha fé “*Fides Qua e Fides Quae*”.

Não podemos esquecer os grupos de estudos que me ajudaram na minha formação intelectual, cujos professores responsáveis pelos grupos são Églen (às terças-feiras) e Ademar (às quintas-feiras). Tive a imensa satisfação de participar desse grupo e obtive uma grande experiência de conhecimento sobre o mundo da educação por onde ela percorre.

Finalmente, agradeço a todas as pessoas, tanto UFMT quanto do trabalho (escola e clínica) que contribuíram para a minha formação e peço a Deus que lhes dê Graça em abundância na vida a todos que passaram por mim.

Em suma, de todo coração e com todo carinho, deixo-lhes o meu muito obrigado!

RESUMO

Esta investigação vincula-se ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Formação de Professores e Políticas Públicas Educacionais da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Rondonópolis. Seu objetivo é aprofundar e analisar os pensamentos e conceitos de Paulo Freire, que são: educação libertadora, emancipação, esperança, diálogo e conscientização. Tais conceitos nos fazem questionar por que a educação libertadora ajuda o sujeito a ser emancipado, livre e reflexivo nos tempos de hoje. A educação libertadora ajuda o ser humano “a ser mais” e a ser um humano melhor. Nesse contexto, surgem os questionamentos: qual é a importância da educação libertadora aos dias atuais? Por que a esperança e a emancipação dão grande possibilidade ao ser humano para ser mais reflexivo, livre e autônomo? Qual a importância deste estudo sociopolítico na atualidade? A metodologia utilizada é de cunho qualitativo, de caráter bibliográfico. Esta dissertação está fundamentada no pensamento de educação libertadora concebida por Freire, Gadotti e outros autores que dialogam com o pensamento Freiriano em torno da educação brasileira na atualidade. A educação libertadora tem a finalidade de contribuir com a formação do pensamento reflexivo-crítico do sujeito, para que ele possa analisar a sociedade e tomar decisão frente ao mundo em que está inserido. Assim, o ser emancipado tem como a intencionalidade política que possa assumir um futuro e a transformação social. Ser emancipado é ter a conscientização de conseguir encontrar a liberdade, a felicidade e também a democracia. Para reflexão sobre a temática da educação libertadora na atualidade, este estudo limitou-se à análise das categorias conscientização, diálogo, esperança, autonomia e liberdade como fundamento do pensamento educativo de Freire para superação da condição de oprimido e para que se possa assumir o protagonismo de sujeito histórico, agente da transformação social. A investigação sobre a educação libertadora possibilitou evidenciar ao sujeito o conhecimento, a dinamização e a aplicação do método de Freire no sujeito que deseja ser livre. Diante disso, o sujeito se reconhece e conhece também o outro, assim pode se desenvolver, melhorar a sua vida e reintegrar a sociedade. A esperança no contexto de Freire é almejar, sonhar, agir e buscar uma vida mais digna e solidária. Quanto à libertação, ela é um instrumento com o qual, a partir da reflexão obtida do seu conhecimento, o sujeito coloca em prática e se liberta de si e do outro. Portanto, a sociedade desejada por Freire, democrática, aberta, livre, tem como exigência a luta esperançosa da emancipação humana. A educação libertadora no contexto de hoje desafia a toda sociedade, sobretudo, os educadores como agentes políticos a resgatarem a esperança, o sonho e a luta por um mundo melhor, justo e fraterno. Ter esperança na atualidade significa resistência e coragem para lançar a luta para a construção de um projeto de civilidade que garanta as condições de vida digna para cada ser humano.

Palavras-chave: Educação Libertadora. Emancipação. Esperança. Diálogo. Conscientização.

ABSTRACT

This research is linked to the Graduate Program in Education, in the line of research Training of Teachers and Public Educational Policies of the Federal University of Mato Grosso, Campus Rondonópolis. Its objective is to deepen and analyze Paulo Freire's thoughts and concepts, which are: liberating education, emancipation, hope, dialogue and awareness. Such concepts make us question why liberating education helps the subject to be emancipated, free and reflective in today's times. Liberating education helps the human being "to be more" and to be a better human being. In this context, questions arise: what is the importance of liberating education for today? Why do hope and emancipation give a great possibility to the human being to be more reflective, free and autonomous? What is the importance of this socio-political study today? The methodology used is of a qualitative nature, of a bibliographical nature. This dissertation is based on the thought of liberating education conceived by Freire, Gadotti and other authors who dialogue with Freirian thought around Brazilian education today. The purpose of liberating education is to contribute to the formation of the subject's reflexive-critical thinking, so that he can analyze society and make decisions in front of the world in which he is inserted. Thus, the emancipated being has as its political intentionality that can assume a future and social transformation. To be emancipated is to have the awareness of being able to find freedom, happiness and also democracy. For reflection on the theme of liberating education today, this study was limited to the analysis of the categories of awareness, dialogue, hope, autonomy and freedom as the foundation of Freire's educational thought for overcoming the condition of the oppressed and for assuming the role of historical subject, agent of social transformation. The research on liberating education has made it possible to highlight to the subject the knowledge, dynamization and application of Freire's method in the subject who wishes to be free. In the face of this, the subject recognizes and knows himself/herself as well as the other, so he/she can develop, improve his/her life and reintegrate into society. The hope in Freire's context is to aim, dream, act and seek for a more dignified and solidary life. As for liberation, it is an instrument with which, based on the reflection obtained from his knowledge, the subject puts into practice and frees himself from himself and the other. Therefore, the society desired by Freire, an open, free democracy, demands the hopeful struggle for human emancipation. Liberating education in today's context challenges all of society, especially educators as political agents, to rescue hope, dreams and the struggle for a better, just and fraternal world. To have hope in today's world means resistance and courage to launch the struggle for the construction of a project of civility that guarantees decent living conditions for every human being.

Keywords: Liberating Education, Emancipation, hope, dialogue and awareness.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: LEITURA FREIRIANA E PROCESSO METODOLÓGICO.....	15
1.1 Processo metodológico	22
2 A EDUCAÇÃO CIDADÃ NO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE	37
3 A EDUCAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO	47
3.1 A educação como processo de conhecimento.....	53
3.2 Uma reflexão Freiriana contra a educação bancária	55
3.3 A conscientização	61
3.4 O diálogo numa visão Freiriana	64
3.5 Esperança, autonomia e liberdade na Educação Freiriana	68
4 A EDUCAÇÃO LIBERTADORA NO CONTEXTO DE HOJE.....	91
4.1 A educação Libertadora	103
4.2 A atualidade da educação Libertadora.....	134
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
REFERÊNCIAS.....	155

APRESENTAÇÃO

Cada pessoa tem a sua história. A produção desta dissertação nasceu do desejo, do desafio e da necessidade de problematizar a educação no contexto do mundo marcado por diferentes condições sociais e compreensão de projeto de civilidade. O ser humano está submetido ao mundo da vida, e a tessitura de um texto é tornar possível a compreensão da leitura do mundo e a interrelação com a fundamentação teórica lida.

O que se propõe com esta escrita dissertativa é apresentar uma reflexão teórica sobre a educação libertadora nos dias atuais e que se expressa de uma forma estarrecedora como a exigência e também num viés em prol da esperança, onde o ser humano possa emancipar nos fundamentos da teoria da educação de Paulo Freire.

Mas, antes de tudo, começo situando-me no contexto sobre minha trajetória de vida até os dias atuais. Meu nome é Tiago Alberione da Silva Botelho, nascido em 17 de maio de 1983. Estudei na escola de minha mãe, que se chamava Educandário José de Anchieta e estudei praticamente durante 13 anos. Após isso, fui aprovado para o curso de Fisioterapia. E o concluí no ano de 2007. Ingressei nos Missionários Saletinos no ano de 2008 e fui morar em União da Vitória-PR. Foi o ano do propedêutico e um pouco do aspecto missionário. Passando dessa fase, em 2009, fui morar em Belo Horizonte/MG e dei início aos meus estudos filosóficos no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA/PUC/MG) e concluí no ano de 2010. No ano de 2011, fui para a Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria (SSCC) e iniciei meus estudos teológicos na Faculdade dos Jesuítas (FAJE) onde tive de encerrar no ano de 2013.

No ano de 2014, ingressei na Fraternidade Apostólica da Boa Nova (FABN) em São Leopoldo-RS. Fiz meus primeiros votos e fiquei por lá até o ano de 2016. A Fraternidade por si só não se sustentava, éramos poucos e decidimos que cada um fosse seguir com sua vida. Em junho de 2016, eu trabalhei numa equipe missionária como leigo missionário atuando com os padres nas paróquias que necessitavam de um apoio e animação pastoral. Em 2017, voltei para Mato Grosso e passei a lecionar em duas escolas em Várzea Grande as disciplinas de filosofia, sociologia, artes e inglês.

E também trabalhei no Conselho Regional de Fisioterapia 9 (Crefito) como analista de processos. Atuei também como professor na Wizard idiomas, onde lecionei inglês e espanhol. No mesmo ano, fui aprovado como aluno especial do Mestrado em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e, durante um semestre, tive a oportunidade de estudar com a professora Églen Pippi. Em 2018, fui aprovado como aluno regular do Mestrado em Educação,

para a linha de Formação de professores e políticas públicas educacionais, seguidamente sendo orientado pelo professor Ademar.

A dialética de Paulo Freire com relação à formação de professores e políticas públicas educacionais nos faz um encontro conosco mesmos e volta o nosso olhar em si, no sujeito e no mundo. Freire nos envolve não apenas em palavras e sim como podemos ler o mundo. A proposta Freiriana mediante a formação de professores nos dá consciência crítica que nos permite questionar a natureza de sua situação histórica, social, política, educacional e filosófica. Assim, temos como objetivo atuar como sujeitos na reformulação de uma sociedade mais democrática.

Percebemos que no pensamento Freiriano, ao se encontrar numa retomada reflexiva sobre a formação dos professores e alunos, é enfatizada a importante troca de conhecimentos entre educador e educando, onde ambas as partes aprendem, questionam, refletem e ajudam na construção de um sujeito e da sociedade.

O que me motiva a pesquisar e aprofundar na filosofia de Paulo Freire é que seu método de educação é voltado a um olhar humanístico e também ao amor. O amor e a esperança desamarram toda angústia, calúnia e a opressão. Quando não somos oprimidos, somos seres da vida e da liberdade. Partindo desse pensamento, podemos compreender que a esperança brota do nosso coração, onde o oprimido se sente acolhido com a forma que é tratado. A esperança do oprimido o faz abrir os olhos, sendo assim, ele vê as injustiças sociais e também percebe que o outro é oprimido ao longo da história.

Percebe-se que a filosofia de Paulo Freire está fundamentada numa concepção educativa própria, que cruza a teoria social, o compromisso moral e a participação política. Suas obras funcionam como espécie de consciência crítica, que nos põe em guarda contra a despolitização do pensamento educativo e reflexão pedagógica.

Quando o ser humano reflete e adentramos no pensamento Freiriano, surgem algumas questões. Os problemas principais da educação não são questões pedagógicas, ao contrário, são questões políticas. Para Freire, a educação e o sistema de ensino não modificam a sociedade, mas a sociedade pode mudar o sistema instrucional. O sistema educacional pode ter um papel de destaque numa revolução cultural. Ele chama de revolução a consciente participação do povo. Logo, a pedagogia crítica e reflexiva de Freire vem com uma constante contribuição para revelar a ideologia esquecida na consciência das pessoas.

Ora, o papel do educador tem como intenção acreditar que é possível ocorrer mudanças. Todos devem participar da história, da cultura e da política. Ninguém deve ficar neutro, nem estudar por estudar. Todos nós devemos fazer perguntas, não podemos ficar alheios. Devemos

ser rebeldes e não resignados, pois é “na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos” (FREIRE, 1996, p. 31).

A democracia é tema básico da prática e da teoria de Paulo Freire, uma democracia liberal, social, socialista, mas sempre democracia. A questão central que percorre todo o discurso Freiriano, em todos os momentos, é a educação e pedagogia enquanto prática e teoria contribuintes da radicalidade democrática. Freire nunca admitiu o autoritarismo. A conscientização político-pedagógica poderia atingir todas as classes e o diálogo deveria levar ao entendimento geral para o desenvolvimento de todos da Nação, que estaria acima de todos os interesses particulares.

O pensamento político-pedagógico de Freire serviu muito mais à mobilização, à organização, à difícil conquista da representatividade e da cidadania das classes populares do que à manipulação típica dos populismos.

*“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo,
os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”*
(FREIRE, 1981, p. 39).

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: LEITURA FREIRIANA E PROCESSO METODOLÓGICO

A pedagogia Freiriana e sua filosofia têm como ponto de partida e está extremamente fundada no diálogo e também na troca de saberes porque há saberes diferentes entre homens e mulheres e o mais importante: o diálogo está caracterizado por ser dinâmico, por ajudar na construção e reconstrução do indivíduo. E quando atinge o indivíduo, sente o desejo de partilhar o seu saber com o (a) outro(a) e assim atinge coletivamente o coletivo. Ou seja, o diálogo possibilita uma interação coletiva e uma futura mudança de pensamento que transforma homens e mulheres e gera uma nova sociedade.

A educação de Paulo Freire nos dias atuais nos traz uma grande esperança, porque acreditamos na mudança do ser humano para que ele se torne muito melhor. Quando há esperança, não perdemos o sonho de ser livres e autônomos devido ao fruto de nosso raciocínio e assim podemos chegar à felicidade ideal que todo o ser humano exige: uma sociedade justa e com mais amorosidade.

Estudar o método de Paulo Freire não envolve apenas ler palavras, mas sim ler o mundo. Mediante isso se percebe o desenvolvimento da conscientização do ser humano. Quando pensamos no ser humano, podemos pensar também na consciência crítica que nos permite questionar a natureza de sua situação histórica, social, cultural para ler o mundo – com o objetivo de sermos sujeitos que estejam em plena criação de uma sociedade democrática.

Quando refletimos sobre a palavra educação, numa ótica de Paulo Freire, ele nos enfatiza uma importante troca de conhecimentos uns com os outros, onde ambos aprendem, refletem, discutem e também que são participativos numa construção de significados.

Estudar Paulo Freire significa pensar a educação como o cultivo da curiosidade no sujeito, as práticas horizontais mediadas pelo diálogo, os atos de leitura de mundo, a ampliação do conhecimento, a interligação com os conteúdos aprendidos em sala de aula e também no seu histórico de vida e o compartilhamento do mundo conhecido a partir do processo de construção do conhecimento.

A pedagogia Freiriana, em tempos atuais, vem nos mostrar o quanto é importante para o ser humano o processo de construir e reconstruir o pensamento de uma práxis educativa, política e pedagógica. Nessa forma, o estado do conhecimento sobre A educação libertadora no contexto de hoje: entre a exigência e esperança para a emancipação humana me interessa por permitir a compreensão sobre o que já foi pesquisado sobre o assunto. Para tornar possível análise das pesquisas, foram definidos alguns critérios de inclusão de trabalho científicos. Os

descritores na busca foram: “Educação libertadora”; “Emancipação”; “Esperança”; “Diálogo”; “Conscientização”. Os critérios de inclusão foram: Terem sido publicados no período adotado como recorte temporal para a pesquisa (2018 – 2020). Estarem nas bases de dados definidas como repositório a serem consultados (Biblioteca digital de Teses e Dissertações – BDTD e Portal de periódicos SciELO). Se relacionar com a análise de elementos que estudem a temática A educação libertadora no contexto de hoje: entre a exigência e esperança para a emancipação humana. Foi encontrado em cada palavra chave: Educação libertadora (17 dissertações e 3 teses), Emancipação (2 dissertações, 10 teses), Esperança (5 dissertações), Diálogo (8 dissertações), Conscientização (8 dissertações, 5 teses).

Os descritores utilizados, combinados com os critérios de seleção, possibilitaram uma escolha mais coerente e alinhada com os objetivos deste trabalho. No entanto, não é possível afirmar com precisão que não tenha escapado algum trabalho importante para a discussão.

Um dos seus principais objetivos está no pensar nessa práxis como algo que inclui desde o planejamento, a sistematização até a dinâmica no processo de aprendizagem, no qual o ser humano vem se construindo em todos os aspectos, em que ele se enxerga no mundo e percebe a sua importância e sua função que virá servir no meio de uma sociedade.

Esse processo vai muito além da aprendizagem, uma vez que conhecimento é uma forma de garantir o conteúdo e as atividades, que têm uma importância significativa no estágio de formação para o ser humano.

Assim, compreendemos a educação como o instrumento e também como o serviço da democratização, dando uma contribuição pelas vivências comunitárias dos grupos sociais, o diálogo, para que possamos formar sujeitos participantes. A reforma da educação e também a reconstrução de uma sociedade andam de mãos dadas, sendo parte desse processo.

Caminhando nessa lógica, Paulo Freire se apresenta como educador que reflete o que é o homem, a sociedade de relações, ele se preocupa em discutir a educação nacional e pensar meios de como ela pode se tornar melhor perante os compromissos e a participação de todos numa perspectiva de educação libertadora. Para Freire, a educação precisa ser capaz de contribuir para a formação de homens e mulheres que sejam sujeitos do seu próprio aprendizado e também que se preocupam com seu desenvolvimento reflexivo diante da presença de um(a) orientador(a), que está na figura do(a) educador(a).

Quando pensamos nesse educador, Freire nos diz que a educação é um ato de coragem, sustentado no diálogo, na discussão, no debate. O nosso olhar deve estar centrado nos saberes, nos homens e mulheres, já que não ignoramos tudo, da mesma forma que não dominamos tudo. O importante para nós é sabermos que a nossa compreensão histórica é um processo de

participação de todos; diante disso, é na escola onde encontramos o lugar privilegiado para o ensino e aprendizagem. Também é o local que deve ser construído.

Deve-se compreender que o ser humano é um ser histórico, logicamente, ele é capaz de construir a história e também a nossa própria história, participando ativamente uns com os outros no mundo. Paulo Freire defende que se trata do mundo imediato dos sujeitos, ou seja, o local onde habitam, criam, reproduzem e sonham.

Ao observarmos a pedagogia de Paulo Freire, notamos uma participação no processo de transformação na escola mediante a compreensão sobre o ato de conhecer, qual a finalidade de aprender, a necessária existência de uma relação dos sujeitos com mais amorosidade, respeito e comprometida. É na escola que se promove o diálogo e, por isso, ela precisa de constância, nela a qualidade do ensino precisa estar refletida no desejo e também no interesse em conhecer mais, em buscar cada vez mais o conhecimento e a superação. A aprendizagem é o resultado das relações contidas no âmago do ato de ensinar e também no compromisso de aprender.

A pedagogia Freiriana, para ser bem compreendida, pressupõe quatro tipos de reflexões que nos ajudam a compreender melhor o seu pensamento crítico reflexivo mediante a educação: a pedagogia do oprimido, que trata da relação do professor e do aluno e seu método de ensino; a pedagogia da esperança, segundo a qual o sujeito, após ser liberto, mostra de várias faces como ele pode ser mais feliz e político; a pedagogia da indignação, que trata sobre a necessidade de que o processo educativo desperte a consciência humana para obtermos mudanças para um mundo melhor e para que possamos transformar a realidade e fazer mudanças históricas e, por último, a pedagogia da autonomia, segundo a qual o sujeito já é livre e nos são apresentadas as várias faces da autonomia e também é feita uma interligação com outras pedagogias escritas por Freire.

A educação é uma ação dos seres humanos, ou seja, uma conduta num processo da autonomia! Um viés da teoria e a prática na vida cotidiana. Freire, ao comentar o que é consciência crítica, faz uma alusão com o conhecimento prático, ou seja, uma pedagogia da consciência. Isto é, ocorre uma troca de saberes entre professor e aluno:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (FREIRE, 1996, p. 17-18).

Quando nos referimos à troca de saberes, não podemos esquecer um elemento principal que é a prática pedagógica. Esse elemento implica uma melhor aprendizagem para o ser humano, em que ele abstrai o conhecimento aprendido e coloca-o em prática e o propósito mediante essa prática pedagógica gera atitude e conduta, e seu processo educativo fica mais rico, tanto para o aluno quanto para o professor. Essas práticas fazem o ser humano se ampliar no seu discernimento numa visão educativa, política, pedagógica e rumo à felicidade.

A prática educativa pede que observemos os processos formativos que ocorrem no meio social, que estão interligados de modo necessário e inevitável pelo simples fato de existirem socialmente. A prática educativa, quando vista numa pesquisa, pode ser grande instrumento na construção do conhecimento do sujeito. Por isso, faz-se necessário, sempre que possível, que o professor mande algum tema para a pesquisa relacionado ao conteúdo, a fim de contribuir na construção da aprendizagem.

Enquanto isso, a prática pedagógica é uma prática social e política, pois não se pode conceber que a educação sem um vínculo sócio-histórico. A educação não pode ser compreendida fora de um contexto histórico social concreto, e a prática social é o ponto de partida e o ponto de chegada da ação pedagógica.

Segundo Luckesi (2011, p. 33), “A educação é uma prática humana direcionada por uma determinada concepção teórica. A prática pedagógica está articulada com a pedagogia que igualmente está interligada com uma concepção filosófica da educação. Tal concepção ordena os elementos que direcionam a prática educacional”. Nesse sentido, ao se falar em práxis educativa, política e pedagógica e refletir sobre ela, percebemos que não se separa das práticas sociais.

A prática social faz parte da sociedade marcada pela cultura. Pensar em cultura é pensar também em regras, ou seja, em condutas, hábitos, forma de pensar e agir do ser humano. Diante disso, a cultura tem o seu valor na sociedade e também para a melhoria do ser humano.

No pensamento Freiriano, quando o ser humano já está se desprendendo do mundo velho para o mundo novo, ele acredita na esperança de ser liberto, também se torna emancipado e autônomo e percebe que tem a visão de mundo. Leitura de mundo, numa visão Freiriana, é olhar com seus próprios olhos e decodificar a realidade percebida por si mesmo devido ao seu próprio processo de construção e, perante isso, é preciso observar a realidade por si só, sem uma imagem distorcida (FREIRE, 1996).

Ter a visão de mundo é um processo de construção do conhecimento do sujeito em várias óticas: políticas, econômicas, sociais e culturais onde ele vive. A construção do conhecimento se dá por meio do diálogo com aqueles que estão a sua volta, e esse processo é

permanente! Ensino e aprendizagem ocorrem o tempo todo, tanto dentro do espaço físico da escola quanto fora dela. Freire nos reforça que o diálogo e o conhecimento devem ser feitos com frequência, ou seja, diariamente, cotidianamente.

O conhecimento vai muito além do cognitivo, uma vez que está entrelaçado com o sensitivo, o motor, o estético, o intuitivo e também o emocional. O ser humano, o mundo e a comunidade têm papel fundamental na construção do conhecimento individual e coletivo. O diálogo, para Freire, tem uma importância significativa, visto que a escuta e o diálogo se tornam a condição para o conhecimento. A semântica do ato de conhecer ocorre em um processo social, pois é o diálogo o mediador e o processo. Se pensarmos bem, transmitir ou receber alguma informação não se configura caracteristicamente como o ato de conhecer.

Conhecer é aprender o que está aí no mundo, e esse aprendizado não ocorre sozinho. O processo de ver o mundo e de ver o processo da educação para o ser humano é desafiador. É tentar imergir em águas mais profundas e abrangentes no saber. A princípio, uma das principais tarefas para uma visão de mundo é por meio do diálogo. Visão de mundo é entender o nível de percepção deles diante do mundo vivido pela sua própria experiência de vida prática.

Educação, política, emancipação, esperança estão interligadas com a visão de mundo. Estar livre é a maior condenação que ele (a) tem. A educação, numa prospecção libertadora, exige dialogicidade ou leitura de mundo coletivo. A realidade imediata falada por Freire vai sendo inserida em totalidades abrangentes, revelando ao ser humano o que é a realidade local e também existencial. Possui relações com outras dimensões tais como: regional, nacional, continental e com nosso planeta. Sem elencarmos também diversas perspectivas sociais, políticas e econômicas que nos interpelam. Todos esses aspectos também nos fazem ampliar a visão de mundo.

A priori, sabemos que somos seres inacabados e sempre vamos revisando o nosso histórico de mundo e também como pessoa! Há uma grande mudança interna que é chamada de um processo de reconstrução, voltando o nosso olhar para si e com um grande questionamento que nos interpela:

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. (FREIRE, 1996, p. 23).

Freire aborda, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, o seu pensamento pedagógico e político, cujo foco está nas classes sociais, realidade em que ocorre a opressão de classes mais

abastadas sobre as classes populares. O eixo central de sua reflexão gera uma perspectiva das desigualdades entre as classes sociais, onde aquele que possuía um grande poder de dominação diante dos marginalizados os oprimia e os colocava fora da sociedade, deixando-os à margem e à mercê, sem perspectivas de vida, tais como: educação, política e saúde.

O seu pensamento pedagógico com a realidade política nos faz recordar a práxis pedagógica para a liberdade. E a luta de classes que Freire aborda é que exista igualdade e que nenhuma das classes fique acima da outra, ou seja, que as classes se tornem apenas uma por conta do diálogo e da compreensão entre ambas. Nesse processo de diálogo, é importante que as diferenças estejam de lado e que todos possam viver uma vida mais digna em abundância.

Essa realidade a respeito da qual Freire escreve destaca, sobretudo, o quanto a relação opressor *versus* oprimidos, dando aos oprimidos meios para que sejam libertos. Ele fala ainda do mais importante: a autocrítica reflexiva (FREIRE, 1987), que faz o oprimido ver que ele(a) faz parte e constrói a sociedade diante do seu pensamento crítico. Assim, vai se libertando de si e do opressor e passa a mostrar ao outro oprimido que há possibilidade de se libertar e assim vai reconstruindo uma sociedade mutuamente.

O oprimido só se liberta quando há esperança. O ser humano sem esperança não tem autonomia de si, ele se anula e se esquece de que é um ser humano, se esquece da sua própria dignidade e também se esquece que é autorreflexivo e pode mudar a sua própria história. Ou seja, o oprimido estará às margens e anulado pelo opressor. Diante disso, o oprimido, por estar sendo marginalizado e explorado pelo opressor, não consegue ver a realidade.

Quando tocamos e internalizamos a palavra “esperança”, ela nos remete ao fato de que a esperança brota do nosso coração, onde o oprimido se sente acolhido pela forma com que é tratado. A esperança do oprimido o faz abrir os olhos, sendo assim, ele vê as injustiças sociais e também percebe que o outro é oprimido ao longo da história.

Em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1987), Freire evidencia a configuração da realidade brasileira em seu jeito de ver como a educação libertadora, numa visão política até os tempos atuais, mudou pouca coisa. Isso foi evidenciado por Paulo Freire,¹ o que nos faz compreender que a educação é um ato político, que nos dá a liberdade e liberta o indivíduo por meio da consciência crítica que transforma e nos diferencia e também nos leva a uma educação numa práxis libertadora.

¹ Assim, a Pedagogia do Oprimido implica uma atitude e postura radicais baseadas no encontro com o povo através do diálogo enquanto instrumento metodológico que permite a leitura crítica da realidade, partindo da linguagem do povo, dos seus valores e da sua concepção do mundo, transformando-se numa luta pela libertação dos oprimidos.

A prática de uma educação libertadora impulsiona e dá ânimo para o desenvolvimento da criticidade e luta do ser humano, por um mundo melhor e digno para todos. Nessa perspectiva, a pedagogia Freiriana constitui-se como instrumento fundamental de mediação da prática educativa. Para Freire, a práxis educativa não acontece no vazio: ela se desenvolve num tempo histórico engajada num contexto social, o que significa destacar que

Não existe um processo educacional neutro. A educação ou funciona como instrumento usado para facilitar a integração da geração mais jovem na lógica do sistema atual e trazer conformidade à mesma, ou então torna-se a “prática da liberdade” – o meio através do qual homens e mulheres lidam crítica e criativamente com a realidade e descobrem como participar da transformação de seu mundo. (GIROUX, 1997, p. 62).

Da mesma forma, ao refletirmos sobre as práticas da liberdade, pensamos numa educação voltada ao diálogo, já que nisso consiste uma relação horizontal, ou seja, uma relação entre homem x homem, homem x mulher e mulher x mulher e humanidade (homens e mulheres x Mundo) que são indissociáveis.

Assim procedendo, Freire nos mostra que, na sua pedagogia crítica e reflexiva, podemos promover o diálogo, que é o melhor caminho a se seguir, uma vez que a prática do diálogo nos leva para a liberdade e visa à busca do exercício do conhecimento participativo e transformador. A educação, para se constituir cidadã, deve estar disposta e considerar o ser humano como sujeito da aprendizagem, não como simplesmente um objeto sem resposta e sem saber, como caracteriza a visão de educação que compactua com a ideia de neutralidade. A educação cidadã considera que o educando, a partir de sua vivência e de sua realidade, o faz enxergar e decifrar o mundo como ele(a) o vê (FREIRE, 1987, 1996).

Diante disso, vemos que sua dialética nos proporciona um passo para a transformação. E, quando o ser humano reflete a realidade e a transforma, faz o outro(a) perceber que ele também tem essa possibilidade de fazer surgir um mundo melhor! Uma transformação coletiva. E, nessa coletividade, o ser humano que estava às margens da sociedade se reconhece e vem para o meio e sente a responsabilidade de transformar o mundo também a partir de uma reflexão coletiva e crítica.

Muitas vezes, problematizamos esse conceito Freiriano e não internalizamos de vez qual o sentido de seu pensamento. Uma vez que fazer-se sujeito é um ato de libertar-se e, por isso, torna-se um compromisso histórico! É uma prática humanizadora. A liberdade é uma conquista que pressupõe um esforço diário para se libertar de um sistema opressor. Paulo Freire aborda esse pensamento voltado para a educação como um processo de humanização. Por que esse

processo de humanização? Quais os motivos? Podemos considerar inicialmente que a educação tem inúmeros significados, conceitos e sentidos. Por exemplo, pode se referir a um trabalho desenvolvido na escola, na universidade e até mesmo na comunidade.

Nesse sentido, trata-se de ensino-aprendizagem ou de troca de saberes. A educação está interligada com a cortesia, a civilidade, a urbanidade e o mais importante: a capacidade de socialização de cada indivíduo.

Vendo numa perspectiva antropológica, restringe-se aos elementos de subjetividade individual. Nela, o sujeito faz a reflexão, percebe o mundo com a sua ótica e daí, do fruto de sua racionalidade, ele(a) transforma e retransforma aquilo que ele(a) pensou e faz melhorias.

A educação agregada à humanização é um componente fundamental, do qual o resultado é educar, ou seja, “trans-formar” o ser humano valorizado num processo de mudança do sujeito e, diante disso, percebemos que o ser humano tem suas potencialidades e vai se tornando cada vez mais humano e capaz de: construir, desenvolver-se, inventar-se, pois não nascemos prontos, acabados e satisfeitos. Essa é a condição humana de não estarmos totalmente feitos, e isso exige que aprendamos a ser gente e até a nos constituirmos humanos.

Freire defende que os homens e as mulheres são as únicas pessoas capazes de aprender com alegria, esperança e amor. Perante isso, Freire tem a convicção de que a mudança é algo possível. O ato de aprender é uma descoberta criadora em que há riscos e aventuras do ser; quando se ensina se aprende e, no aprender, se ensina.

Após fazermos um aprofundamento sobre a reflexão e a pedagogia Freirianas, iremos abordar a questão da metodologia de investigação de Freire que se mostra com a sua filosofia baseada no diálogo, procurando transformar o sujeito em um aprendiz ativo onde Freire defende uma educação que incentive a criticidade do sujeito. A metodologia Freiriana tem como objetivo formar cidadãos livres e questionadores e que transformem a sociedade e também a nossa realidade. Sabemos que o educador é o mediador que sabe escutar e também que promova esse processo, de modo a gerar confiança do ser humano e de forma a valorizar o seu conhecimento.

1.1 Processo metodológico

Na visão de Paulo Freire, a educação está inserida na história de uma sociedade, ela é produzida pelo ser humano emancipado mediante uma lógica exploradora e opressora.

Nesse sentido, o objeto de investigação desta dissertação é aprofundar na educação libertadora, tomando como ponto central os conceitos Freirianos de esperança, libertação e

emancipação humana. Mediante esses três conceitos, o que se propõe com o estudo é analisar o pensamento Freiriano nos tempos atuais e demonstrar que a esperança e a emancipação podem transformar as pessoas em seres humanos mais íntegros, racionais, o que possibilita a sua própria construção a partir de sua intelectualidade elaborada por meio de seu próprio raciocínio e, diante disso, ele(a) se autoliberta, ajuda mutuamente e (re)constrói uma sociedade mais justa e com equidade, alcançando, assim, a felicidade.

A relevância desta pesquisa está na necessidade do ser humano de não perder a esperança, a liberdade e também a sua emancipação. São esses que lhes dão o grande poder da criticidade, do pensar livre e lhe permitem buscar a ampliação de sua consciência social e lutar por sua autonomia.

Para ampliar a reflexão, destaco como ponto de partida a questão: por que estudar Paulo Freire sobretudo nos tempos atuais, sob a perspectiva de uma educação libertadora? No contexto do mundo contemporâneo em transformação social, pautado por contradição e desesperança, compreendo que o pensamento educativo Freiriano caracteriza-se como uma exigência quando se pretende ajudar no desvelamento da prática educativa opressora, visando à implementação de uma pedagogia humanizadora.

A pedagogia Freiriana defende que lutemos sempre pela esperança, pela utopia e pela emancipação humana. A reflexão para elucidar essa questão levou-nos a buscarmos entender quais anseios devemos compreender em sua filosofia e também em sua pedagogia, que a faz ser amplamente estudada por diferentes teóricos em tantos países que o tomam como suporte teórico para educação. Por outro lado, é importante destacar que, no contexto atual, a pedagogia Freiriana é vista como uma afronta, por isso, tem sido atacada pelo poder instituído que governa o país atualmente. Ela é vista como um afronte em um momento tão sombrio, especialmente no contexto atual.

Esta pesquisa é de natureza bibliográfica, de abordagem qualitativa, com o objetivo de aprofundar nos conceitos de Paulo Freire tais como: a educação libertadora, a emancipação, a esperança, o diálogo e a conscientização. Para tanto, vamos nos valer dos escritos de diversos estudiosos da temática Freiriana.² Esses conceitos nos fazem questionar por que a educação libertadora ajuda o ser humano a se tornar livre e também o conduz à emancipação, tornando-o(a) livre e também mais reflexivo nos dias atuais. Reforçamos que a educação libertadora leva o ser humano a “ser mais” e, diante disso, o faz ser um ser humano melhor.

² Alguns teóricos que estudam Paulo Freire: Michael Apple, Henry Giroux, Carlos Alberto Torres, Ira Shor, Mylles Horton. Maocir Gadotti, Ana Maria Saul, Danilo R. Streck, Ana Maria Araújo Freire, Afonso Celso Scucuglia, entre outros.

Nesse sentido, o objeto de investigação desta dissertação é aprofundar numa visão Freiriana de educação libertadora, tomando como eixo central o conceito de esperança, de libertação e de emancipação humana.

A educação libertadora torna o sujeito emancipado, o estimula a ter esperança em si, no outro e no mundo. Essas três categorias os levam a serem seres humanos mais íntegros, reflexivos e racionais e também nos possibilita construir e reconstruir o ser humano e, por consequência, a sociedade.

O ideal é que o ser humano esteja liberto nos âmbitos social, cultural, espiritual e político mediante a educação libertadora, que o torna um ser que se autoconstrói e reflete a realidade. Então, ele vê, julga e age para transformar o ser humano e o levar a ser mais e ser melhor, de modo a alcançar a suma felicidade.

A relevância desta pesquisa está nas discussões acerca da necessidade de o ser humano cultivar a esperança, a liberdade e também buscar a sua emancipação, pois é ela que lhe dá o grande poder da criticidade, do pensar livre. Assim surge a consciência social e se caminha rumo à autonomia. O método é uma investigação temática na qual o nosso olhar é direto para o ser humano, sendo um processo de busca e conhecimento na engrenagem dos significados. Nesta investigação, faz-se um esforço de consciência da realidade e de autoconsciência, tendo nesses elementos o ponto de partida do processo educativo.

A pedagogia libertadora, ou como comumente é chamada, a pedagogia da libertação, quando internalizada, conscientizada e reflexiva, faz com que o ser humano se torne cada vez mais humano por meio da compreensão dessa pedagogia, que o faz a ser livre.

Estudar Freire numa abordagem qualitativa é método de caráter exploratório. O objetivo desta pesquisa é focar no pensamento Freiriano numa pedagogia libertadora com suas principais categorias como: esperança, libertação e emancipação. Em outras palavras, venho buscar uma compreensão sobre a pedagogia libertadora em Freire, visando a conhecer a sua filosofia, onde o ser humano possa ser livre, emancipado e capaz de construir sua história.

A partir dessa perspectiva dialética da esperança que o ser humano encontra força para construir alternativas, caminhos para sua libertação e, por isso, não devemos nos esquecer de analisar o contexto político que vivemos hoje. Isso porque a política empregada já há alguns anos (e, sobretudo hoje) prima pelo silenciamento e pela produção da morte do sujeito. Ou seja, ofusca a esperança e a nossa vida se torna sobrevida! A esperança é o imperativo existencial e histórico do ser humano. Não ter esperança é ficar imóvel e sem ação. Tem-se a crença do fatalismo de que não é possível mudar ou recriar o mundo. A esperança tem de estar coligada

com a consciência e com a ação crítica. Alimentar-se da esperança é fundamental, ou seja, a esperança deve estar junto com a práxis.

Ainda nessa perspectiva, a presente pesquisa se caracteriza metodicamente como um estudo bibliográfico. Procedemos às leituras exploratório-analíticas das principais obras de Paulo Freire: *Educação e atualidade brasileira* (1959), *Educação como prática da liberdade* (1967), *Cartas à Guiné Bissau* (1978), *Conscientização: teoria e prática da liberdade: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* (1979), *Ação cultural para a liberdade* (1981), *Educação e Mudança* (1983a), *Extensão ou Comunicação?* (1983b), *Pedagogia do Oprimido* (1987), *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam* (1989), *Pedagogia da Esperança* (1992), *Pedagogia da Autonomia* (1996a), *Professora sim, tia não* (1997), *Pedagogia da Indignação* (2000) e *Política e Educação* (2001).

Para ajudar na elucidação da questão investigava, além de Freire, buscamos outras fontes, que têm proximidade com seu pensamento educativo, tais como livros, teses, dissertações, artigos realizados por pesquisadores, estudiosos como Moacir Gadotti (1994, 1995, 1996, 2003, 2004, 2006, 2010, 2014), Celso de Ruiz Beisiegel (2010); Jason Ferreira Mafra (2007), Danilo R. Streck (2006), Euclides Redin e Jaime José Zitkoski (2006, 2010, 2011).

Ao observarmos a historicidade de Paulo Freire e as inúmeras contribuições feitas por Gadotti, Streck, e Zitkoski, notou-se que eles contribuem em vários âmbitos, não somente na educação brasileira e sim no mundo. Verificamos que sua filosofia e seu jeito de pensar na educação voltada para o sujeito direcionam um olhar minucioso sobre a educação multicultural, moral, ética e política com foco da libertação e na transformação contínua do ser humano.

É importante frisar que o pensamento de Freire é atualíssimo no campo da educação e também em outras áreas de conhecimento e de estudo que têm como base de sustentação o pensamento de Freire, segundo o qual o ser humano faz uso da razão para o bem do próximo.

Quando pensamos em Paulo Freire, por conseguinte, fixamos nosso olhar em busca de uma educação problematizadora, que visa à liberdade do ser humano e possa expressar seus sentimentos. Assim, nesse ato do pensar, percebe a realidade sua e do mundo onde vive por meio do seu olhar e também do seu raciocínio e, a partir disso, transforma, modifica, melhora e ajuda a transformar o mundo, tornando-o um lugar no qual todos possam viver como iguais, que possam ter uma vida mais digna perante a sociedade.

Quando vivenciamos uma educação tradicional, percebemos que ela é excludente e marginalizadora, uma vez que o ser humano tem sido doutrinado a ser uma pessoa com uma falsa consciência, ou seja, a realidade que ele(a) vê ou pensa que vê é falsa e alienada ao sistema

imposto. Freire vem quebrar essas barreiras e nos propõe um ideal: a conscientização para o conhecimento, em que se vê a realidade com os próprios olhos e com seu próprio ato de reflexão o que está preexistente na sociedade.

Paulo Freire nos conscientiza de que o ato do conhecimento nos leva para a coletividade, onde há ação – reflexão. O ato de refletir vem a partir da realidade vista com a nossa consciência, na qual gerimos uma reflexão dele e agimos para uma mudança ou uma reconstrução daquilo que foi pensado.

O pensamento dialógico e dialético numa visão Freiriano propõe uma pedagogia libertadora, na qual os marginalizados se libertem e reconhecem que são o corpo da sociedade, dela fazem parte, saindo, assim, da condição de ser explorados, marginalizados e também até escravizados pelo próprio sistema imposto. Pela proposta de pedagogia libertadora de Paulo Freire é que esses marginalizados se veem livres, libertos e se tornam pensativos e reflexivos a partir de sua leitura da realidade e assim podem ser felizes, comunicativos e passam a agir com base em sua intelectualidade.

O ideal para o oprimido, segundo Freire, é que ele se torne livre no ato de agir e de pensar. É preciso recolocar de volta à sociedade aqueles que estão às margens dela e enfatizar que eles são e estão na sociedade e que ajudam a contribuir com ela a partir de seus esforços, de seu livre arbítrio. Assim, poderão crescer em uma comunidade que valoriza o ser humano. Freire pontua muito bem o valor do ser humano e de sua capacidade de construção e reconstrução e sua lógica é fazer um resgate muito importante: O ser humano! Ser humano que tenha a capacidade de se humanizar e se humanizando, ele (a) se vê dentro da sociedade ajudando o “outro (a)”, libertando-o e fazendo-o enxergar a realidade de que a sociedade é discriminatória, opressora e injusta.

A pedagogia Freiriana é orientada pelo referencial teórico crítico imbuído de uma prática crítica, onde o ser humano é instigado à reflexão, visando a mudança de mentalidade, na perspectiva da produção da melhoria de qualidade da vida sociocultural política, voltada a todos que estão em comunidade. Para tanto, é necessário que possamos nos libertar mutuamente e nos reconstruir como seres humanos. O oprimido, ao ser liberto, tem o direito de transformar o mundo e ter a consciência de tudo que o fazem num clímax de solidariedade com o outro(a) por meio da reflexão e ação.

A dialética é o eixo principal que conduz à humanização de todos. Uma sociedade mais humana, mais aberta ao diálogo, com menos rejeição ao diferente, o ato de reflexão e reconstrução de uma sociedade e também uma reconstrução do ser humano ser mais justo, de forma a proporcionar a todos alcançar a felicidade. Freire e seus discípulos relatam sobre a

conscientização! Para Paulo Freire, conscientização é uma tomada do desenvolvimento crítico vindo da consciência, então, onde o pensamento ultrapassa a esfera da realidade e chegamos a um momento crítico do todo. Diante disso, a reflexão de Paulo Freire nos diz que “se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa” (FREIRE, 1983a, p. 11).

Para se chegar à consciência crítica numa possibilidade de reconstrução, o que chama mais atenção no pensamento dialético de Freire são os questionamentos: o que é ser humano hoje? Qual é a consciência crítica do ser humano? Qual a relevância do humano “ser” humano hoje em dia? A concepção de ser humano é um ser bio/psico/social/histórico/cultural e também inacabado, um ser que necessita buscar sempre ser mais e “Refletir criticamente sobre o próprio condicionamento e ir mais além dele” (FREIRE, 2001, p. 09).

O inacabamento do ser humano no olhar Freiriano nos diz que somos incompletos, em constante processo de construção. A educação irá ajudar a ser mais polidos e políticos e a vivermos numa sociedade melhor e mais reflexiva, completando-nos uns com os outros e formando a nossa consciência ética e moral. Freire nos apresenta uma definição de inacabamento:

Aqui chegamos ao ponto de que devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou a sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. (FREIRE, 1996, p. 26).

Ser humano, na pedagogia Freiriana, é ser mais! Ser mais é ser o ser na história, deixando marcas positivas na sua construção como pessoas e também contribuindo na construção do outro e colocando-o na sociedade como um ser político reflexivo, com as ideologias engajadas para que tenhamos uma vocação para uma sensibilidade, ao menos que este possa ser mais.

Autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 1996, p. 55).

A esperança abre nossos olhos e nos impulsiona a viver com mais dignidade e a enxergamos a realidade do mundo com o nosso próprio olhar crítico analítico com base em

nossa intelectualidade. Diante disso, devido ao esforço do raciocínio, percebemos que a esperança está interligada com a liberdade e também com a realidade. Isso nos faz pensar que podemos ser pessoas mais humanas, com a capacidade de reflexão própria e assim em comunidade nós nos tornamos pessoas mais éticas e damos mais valor à vida! A pedagogia de Paulo Freire na realidade atual nos faz sentir o que é ser humano e também valorizarmos o que temos de mais importante: a liberdade e a emancipação do ser humano.

O ato do refletir e de pensar como resolver algum problema é de total responsabilidade somente do ser humano. Assim podemos tomar decisões certas, de modo a não prejudicar os demais. A educação não internalizada ou uma educação em defasagem como nos tornamos a ser bom! Podemos sonhar com uma educação no amor, onde todos saibam refletir e tenham a consciência dos seus atos. O processo de educação é um ato eminentemente humano, pois só os homens têm consciência de sua incompletude e, por isso, buscam compreender o mundo onde vivem em sua finitude.

É na educação problematizadora, geradora de história, que se humaniza a sociedade e que se mostra que a educação baseada na esperança e numa práxis libertadora e na amorosidade nos possibilita ser homens e mulheres de bem. Assim, enxergamos a realidade como ela é, o amor abre nossos olhos e nos impulsiona a denunciar o mal que há no mundo.

A educação nos torna mais éticos porque aprendemos a pensar e a refletir sobre o que há no mundo. O ato de pensar é o principal instrumento reflexivo do homem. Assim, podemos tomar decisões certas sem prejudicar outras pessoas. Por isso, a educação Freiriana está pautada na conversa, na comunicação entre professor e aluno e entre os colegas, assim ela se tornará uma educação para a libertação, na qual todos terão direito de expressar suas opiniões.

No segmento ao pensamento educativo Freiriano, é de suma importância que o educador tenha um olhar humanitário. Se formos humanitários, então, brota a esperança. A esperança é uma invenção do ser humano e hoje faz parte da própria natureza que se vai constituindo histórica e socialmente. Ou seja, a esperança é um projeto do ser humano e é também a viabilização do projeto.

Uma sociedade sem amor e sem esperança é como se jogássemos fora toda a nossa dignidade, tornando-nos seres aprisionados. A prisão é antagonista do amor. Quem vive na prisão vive no medo. A práxis libertadora nos dá ‘animus’ – ‘alma’ – para que possamos enfrentar as dificuldades sem medo e sem repressão. Quem tem medo não vive. E a proposta cristã é de que devemos perder o medo e vivermos a vida com amor e na esperança.

Nessa perspectiva, é que reafirmamos que o caráter da presente pesquisa é de cunho qualitativo, um estudo estritamente bibliográfico, cujo propósito é estudar e aprofundar nos

fundamentos de Paulo Freire, como referencial teórico-metodológico de estudo da educação atual. Com base nisso, nos perguntamos: por que sua pedagogia libertadora que foi escrita nos anos de 1960 e 1970 é tão atual nos tempos de hoje? Por que não devemos perder as esperanças, a autonomia, a capacidade de raciocínio, a liberdade e também a fé no próximo? Trabalharemos com essa temática demonstrando que Freire é atualíssimo devido ao fato de que sua pedagogia e também sua filosofia nos fazem mudar de olhar e também nos fazem sentir como seria estar no lugar do outro que está às margens – fora do centro – e resgatando em nosso íntimo o que é ser humano livre e capaz de ver a realidade com o fruto do seu pensamento. Ou seja, somos capazes de refletir o que é a condição humana e também capazes de produzir o conhecimento por meio de nossas trajetórias devido ao aprendizado obtido em vida e sermos capazes de ser autorresponsáveis.

Compreendemos que, quando o ser humano se torna livre e emancipado, ele ajuda a construir uma sociedade mais justa e igualitária. Por isso, não podemos esquecer que esse ser humano é um ser político, que transforma a sociedade a partir de uma educação livre e emancipada; é por ela que deixamos de ser seres “condenados” e passamos por uma transformação e libertação. A pedagogia de Paulo Freire nos traz elementos fundamentais para um processo educativo e sua eventual dinâmica.

No pensamento Freiriano, a educação tem um papel fundamental no processo de formação, leitura de mundo e conscientização do sujeito! Percebe-se que a educação é um ato político por meio do qual chegaremos a uma prática da liberdade. Para que aconteça isso, necessitamos valorizar o outro e suas adversidades, respeitar a cultura e não nos esquecer do diálogo. Ele é de suma importância, pois nos faz ser conscientes, politizados e educados num sentido de nos identificarmos como sujeitos na história e com criticidade no meio da sociedade.

A pergunta fundamental que fazemos quando temos o grande propósito de mergulhar em águas mais profundas é: qual a importância e a relevância de estudar e aprofundar sobre a emancipação e a esperança para uma educação cidadã nos dias atuais? Qual a necessidade do ser humano de ser livre de pensamento para construir uma sociedade mais justa e igualitária? De que modo a pedagogia de Freire nos faz ressurgir e sabermos que somos, por meio da educação, capazes de construir uma sociedade de pessoas de bem a fim de que vivamos uma vida de abundância? Estas questões estão no substrato da orientação da reflexão sobre a problemática da emancipação e esperança na atualidade.

Da mesma forma, são questões que nos fizeram mergulhar na produção teórica de Paulo Freire para verificarmos que o ser emancipado é uma conquista política dos seres humanos quando são libertos em comunidade. Quanto mais são libertos individualmente, mais poderão

ajudar todo o grupo a se libertar. Esses que conquistam a liberdade normalmente têm um histórico de vida marcada por dores, sofrimento e sem posse e sem perspectiva. Além disso, em regra, estes(as) estão às margens em vários âmbitos: sociais, econômicos e políticos. Justamente por isso que compreendemos a importância de explorar os conceitos de emancipação na obra de Freire e outros autores que estão em sintonia com o seu pensamento político-educativo.

Freire (2000) explica de diferentes formas o que é opressão e dominação no mundo neoliberal e também evidencia a exclusão dos mais fracos e desfavorecidos. É importante salientar que essas pessoas vivem uma pobreza material, pois essas famílias têm a total desesperança de que algo melhore e, devido a isso, se afundam na tristeza e perdem a capacidade de viver, não conseguem encontrar a felicidade, a liberdade e perdem também a capacidade de cidadania. Para uma emancipação com esse viés, deve haver uma intencionalidade política, na qual se assume um futuro voltado para uma transformação social.

Zitkoski (2006) nos diz que essas pessoas estão acometidas na desopressão e percebemos um fatalismo autoritário defendido pela pós-modernidade transformando a vida destes em “sobrevida”, possivelmente voltada para anular e matar o indivíduo. A pedagogia do oprimido tem como objetivo mostrar a grande possibilidade de o indivíduo se emancipar diante de suas lutas buscando a liberdade: “só faz sentido se os oprimidos buscarem a construção de sua humanidade e realizarem a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se de si e dos opressores.” (FREIRE, 1987, p. 20).

Freire aborda, em seu pensamento sobre a realidade da emancipação, que ela tem uma grande relação com a política e a educação. Paulo Freire defende que a emancipação tem um grande potencial educativo, pois é tensionada a prática por meio do engajamento social. A prática educativa por ela mesma transforma a realidade e compreende que a transformação em sociedade acontece nas condições materiais objetivas pela práxis humana e pela luta de classes:

No atual contexto latino-americano embate colocado para o campo da esquerda e, portanto, para as forças políticas progressivas é a luta contra a hegemonia neoliberal e, igualmente, a construção de alternativas a esse projeto que está levando à barbárie o mundo todo. (ZITKOSKI, 2011, p. 12).

Freire é um educador crítico e seu ensino é desafiador, pois reconhece seus efeitos contraditórios numa visão da realidade desafiadora em que estamos inseridos. E também um educador crítico e problematizador com o seu educando, que mostra a sua realidade concreta.

Hoje se fala de uma educação pela escola sem partido³, na qual o educador não pode dar sua opinião e nem se mostrar como vê a realidade, o modo que seus olhos estão percebendo mudanças! Na educação na escola, percebe-se esse novo movimento que está por vir, que é a escola sem partido. Tem-se a impressão de que o educador irá para a sala de aula sem “alma” – “*Angust*”. Assim, proporciona-se ao estudante a possibilidade de não pensar, de não refletir e não observar o que está à sua volta. Sendo assim, o educando vai percebendo que ele é uma máquina voltada para o trabalho, ao capitalismo desenfreado no qual a felicidade dele é o capital – adquirir bens! Ele não percebe que o trabalho dá sentido para ele e para a sociedade.

A escola sem partido perde um grande elemento que é a reflexão! O ato do pensar nasce dentro de uma escola onde se formam cidadãos com responsabilidade. A escola sem presença na sociedade nos leva a uma gama de preocupações futuras, onde nossos educandos, ou o(a) oprimido(a), não terão a capacidade de se auto desafiar, autoceticismo, ou seja, a dúvida que leva o ser humano a resolver problemas de si e do outro.

Revedo toda essa problemática, ressaltamos que a educação tem como objetivo preparar o educando para a sociedade e não apenas prepará-lo com equipamentos tecnológicos, num espaço físico ou numa mobiliária. Temos de prepará-lo e dar-lhe capacidade de realizar seu trabalho, pensando, refletindo e problematizando a questão até resolvê-la. A proposta Freiriana é dar “ação” aos educandos uma ação no seu particular, mas visando a uma ação coletiva. Assim, ele reflete, reescreve e reconstrói o seu “eu” no mundo (FREIRE, 1981).

Mediante toda essa problemática, à luz do pensamento Freiriano, é que poderemos formar cidadãos de bem, ou seja, é importante que seu currículo dê um norte para sua vida e que ele esteja instrumentalizado para encarar os desafios que a sociedade impõe. Sendo assim, faça-o pensar criticamente a realidade social, faça-o ver a história e a política e tudo aquilo que foi absorvido em sala de aula e que o educando o pratique! Esse é o ato do ver, julgar e agir mediante os problemas.

Por isso, a escola sem partido não dará essa oportunidade e nem oferecerá ao educando o simples ato de ver a realidade com criticidade. Este já formado não tomará as rédeas de sua própria vida e muito menos as rédeas de seu país. Seremos homens e mulheres sem compromisso e jogaremos a nossa liberdade e a nossa autonomia fora.

³ A “Escola sem Partido” é uma referência a coisas distintas. Primeiro, há o movimento “Escola sem Partido”, um grupo que diz representar pais e professores. No *site* oficial, o movimento diz se preocupar “com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras”, e afirma que “um exército organizado de militantes travestidos de professores prevalece-se da liberdade de cátedra e da cortina de segredo das salas de aula para impingir-lhes a sua própria visão de mundo”.

Quando refletimos sobre a educação, não podemos esquecer-nos de alguns pontos fundamentais e básicos no pensamento Freiriano: quem é o Oprimido? Por que devemos acreditar na esperança visando ao Opressor e ao Oprimido nos tempos atuais de nossa educação? Ao sermos libertos, por que a autonomia dá liberdade para ambos (opressor e oprimido)? O que é liberdade num pensamento Freiriano nos dias atuais?

Fazendo uma analogia dessas quatro categorias fundamentadas em Freire, podemos dizer que oprimido está numa posição de ser/estar dominado por aquele que oprime em diversos sentidos. Seja por violência física, moral, social e até mesmo psicológica. Freire tem sua reflexão não apenas voltada para a sala de aula, mas também àquela pessoa que está na sociedade. O pensamento crítico das relações de poder entre maior e menor ou de empregado e empregador também está presente nas discussões Freirianos.

Freire dialetiza as relações de poder que estão entranhadas na sociedade. Em seus escritos, ele nos demonstra como o pobre e o oprimido têm meios de se libertar e também de reconhecer que fazem parte da sociedade e contribuem com ela. E nessa pedagogia faz o oprimido sair do passivo para o ativo reflexivo, onde ele é o autor de sua própria história e, devido a sua reflexão, ajuda a transformar o seu ser e também reconstrói a sociedade. Assim, ao transformar a sociedade, ele incentiva o ser humano a ser melhor e a ser “humano” de verdade e que possa ajudar os outros.

Quando o oprimido se liberta, ele se reconhece como ser humano que faz parte da sociedade e contribui para que ela melhore e se transforme sempre. Ele é a sociedade que transforma e reconstrói para sua melhoria e também uma mudança do outro.

A autonomia, se refletirmos bem, é a emancipação do ser humano. Ao falarmos em autonomia num viés Freiriano, notamos que, quando o homem está livre de fato, existe a grande possibilidade de tomar a guia, ou seja, o volante de sua própria vida. Ele o assumindo de fato, também vem com ele carregado no seu âmago o senso de criticidade.

E ser crítico proporciona a emancipação devido ao seu pensamento reflexivo da realidade e o faz livre, autônomo e autor da sua história porque ele é o diretor que escreve, reescreve seu próprio roteiro de sua vida, onde não há intervenções daquele que queira mudá-la de forma drástica e opressora, não havendo diálogo e também imposição daquele que discorda de sua própria autoria.

Segundo o conceito de autonomia, como uma expressão alemã utilizada nos conceitos bíblicos, “*SitzimLeben*” – que significa “Contexto vital” –, é o oprimido que tem a capacidade de se reconhecer e se libertar e realizar grandes feitos devido a sua racionalidade por meio da

reflexão do tudo e do todo e assim promovendo mudança de paradigmas de sua liberdade e reescrevendo sua própria história mediante sua própria reflexão.

Quando se trata de mudança de vida ou de uma virada transcendental da sua própria história com intuito de reescrever e reconstruir a sociedade, já temos um ato de esperança. É uma esperança imortalizada que nos dá mais motivos de reestruturá-la e reconstruí-la sempre! E essa reconstrução nos impulsiona cada vez no horizonte da liberdade. Como já sabemos, a liberdade não é uma dádiva e sim uma conquista que exige muito esforço e luta para ser conquistada.

Essa luta pela liberdade exige muita esperança e suor do não oprimido e também pressupõe que ambos estejam abertos ao diálogo e que possa haver mudanças e melhorias para todos. O processo de libertação no pensamento de Paulo Freire é semelhante a um parto que também é dito num conceito socrático. Sócrates (470 – 399 a.C.) estimulava a discussão e se definia como parteiro de ideias. E nessa crença eram as ideias abstratas, como a bondade, a beleza e a justiça. Interligado com o pensamento de Sócrates, o de Paulo Freire mostra que a educação é um processo de muita dor, no qual, após o término das amarras da opressão, vem a liberdade, a felicidade, a sensação iminente de ser livre. O ato de ser livre e da conquista da liberdade foi devido à luta e essa luta tem o sentido pela práxis de sua busca! A busca de algo melhor que é chamado amor. E pelo amor se vê melhor a realidade e também ajuda a compreendê-la melhor.

Existem pessoas libertas que ainda não sentiram qual é a compreensão da liberdade, não é ser livre por estar livre. Ser livre nos dá o sentido amplo do que a vida nos representa e nos mostra que a vida bem vivida com responsabilidade e autonomia ajuda numa reconstrução:

Homens e mulheres [...] podendo romper esta aderência e ir mais além do mero estar no mundo, acrescentam à vida que têm a existência que criam. Existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir de criar, de recriar, de comunicar-se. Enquanto ser que simplesmente vive não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente reflete sobre sua vida, no domínio mesmo da existência e se pergunta em torno de suas relações com o mundo. O domínio da existência é o domínio do trabalho, da cultura, da história, dos valores – domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade. (FREIRE, 1981, p. 53).

E, nessa busca incessante de um sentido à vida, é que o opressor precisa ter esperança e nunca pode perder sua autonomia de vida que esteja pautada na responsabilidade, na alegria e no amor, pois isso sim promove a verdadeira liberdade. A educação cidadã nos tempos atuais nos deixa muito claro que o ser humano é um reflexo voltado para a esperança e para a

liberdade. Isso nos faz pensar como a sociedade está em plena metamorfose e vemos que o pensamento e a cultura estão cada vez mais se fechando ao diálogo. A pedagogia de Paulo Freire voltada para a liberdade dá um grande esclarecimento para a humanidade, que se sai do sujeito ingênuo para um sujeito com criticidade e se abre para se relacionar com o outro e com a realidade. Assim vai se reconstruindo e ajudando a reconstruir o ser humano para uma sociedade mais crítica e reflexiva, alcançando o bem comum.

A educação cidadã tem como entendimento numa práxis social como instrumentalização do homem pela democratização da cultura, onde o ser humano se enriquece no bem social, político, humanitário para o bem de todos onde possamos, de verdade, ser “humanos”.

Mediante o pensamento de Freire e Gadotti (1994), verificamos que a escola cidadã ajuda a criar novas condições de surgimento de uma nova cidadania e, diante disso, cria-se um espaço onde a sociedade se organiza e detém seus direitos adquiridos e conquistados.

Se aprofundarmos e compreendermos o que é a escola cidadã de fato, entenderemos que ela forma o indivíduo com mais visão de mundo, ou seja, ele se torna mais crítico perante a realidade e também se torna mais conscientes de si e do outro, promovendo diálogo. Por meio do diálogo, os seres humanos se comunicam e, mediante esta reflexão, fica em nossa consciência o indispensável caminho não apenas nas questões vitais de ordenação política, mas em todos os sentidos de nosso ser (FREIRE, 1983a).

A *episteme* da escola cidadã, com seus intelectuais da educação como Freire, Gadotti (1994, 1996, 2003, 2004), Danilo Streck (2006) e Mafra (2007), nos faz aprofundar na sua dinâmica de preparar o ser humano para realizar o seu projeto de vida, sua formação intelectual e também moral com uma formação de qualidade que possa realizar seus projetos futuros. Diante disso, esse novo ato de refletir os valores da vida tem como objetivo preparar o indivíduo para que ele possa viver em comunidade (coletividade) – ou seja, não pensar em si, mas sim no todo que está em torno de si! Isso faz o ser humano pensar que faz parte da sociedade e que não é um indivíduo que está numa ilha, e sim com diversas pessoas e com diversos tipos de pensamentos. E quando se vive em sociedade, não podemos esquecer de observar com clareza que devemos ter a obrigação de refletir no todo numa visão ética! O pensamento de Lima Vaz (1992, p. 77) sobre o conceito de ética nos mostra que:

A comunidade humana é, pois, já na sua gênese constitutivamente ética, e esta eticidade se explica, na sua razão última, pela submissão tanto dos sujeitos como da relação intersubjetiva que entre eles se estabelece, à primazia e a norma do ser. O ser rege tanto o agir individual como agir social.

Dialetizando com o pensamento de Lima Vaz, Freire e Gadotti, podemos entender que a convivência com o próximo é de extrema importância para o crescimento em todos os aspectos, fazendo-nos conviver com o “diferente” e respeitando-o. Quando a convivência é ordenada, o relacionamento interpessoal tem mais qualidade com muito mais justiça, respeito e solidariedade. Assim, as relações são mais duradouras, e isso também possibilita o poder da crítica e da autocrítica que levam o ser humano a identificar as possibilidades de reconhecer nossos limites em nossas ações e nos relacionamentos a partir dos valores que nos orientam.

O que me dá ânimo e fé na temática aqui explorada é que estudar Freire nos tempos atuais é a expectativa de mudança para o ser humano no individual e também no coletivo. A práxis Freiriana nos impulsiona a ser gente e como podemos olhar a realidade com os nossos próprios olhos a partir de uma reflexão própria de leitura de mundo. São três os pontos fundantes a serem abordados: educação libertadora, emancipação e esperança. Acreditamos que eles são imprescindíveis para que o ser humano possa sair da escuridão da ignorância e caminhar na luz da sabedoria e da liberdade.

O pensamento de Paulo Freire que será abordado a seguir nos mostra a importância de ter uma reflexão crítica, ou seja, o pensar certo com rigorosidade e com decência e pureza. O pensar certo, no pensamento Freiriano, mostra que há uma disponibilidade ao risco, a aceitação do novo e atualização de um critério para a recusa do velho (FREIRE, 1996); em suma nenhum tipo de discriminação.

Quando o ser humano tem fé no outro, ou seja, esperança, pode-se acreditar que nós dialogamos uns com os outros e devemos estar abertos sempre para o diálogo! No olhar de Freire, percebemos que o ser humano não educa o outro, e sim nós nos educamos em comunidade e em comunhão. Isso nos revela o quanto somos educadores uns dos outros. A educação libertadora não surge inteiramente do indivíduo e sim do sujeito externo. O que fica no âmago interno que a pedagogia e a forma do ensinar de Paulo Freire é que fica perceptível a preocupação com o próximo, com uma sociedade democrática, justa e solidária. Educação libertadora inclusiva na perspectiva de assumir a condição de sujeito comprometido com a sua emancipação.

A tessitura da dissertação está estruturada numa relação dialética consubstanciada à temática da educação libertadora imbricada ao pensamento educativo de Paulo Freire como exigência para formação do pensamento crítico no contexto do mundo de hoje. Para aprofundamento da temática, o estudo começa a reflexão desde a introdução. Espaço que destaca a justificativa e as razões que motivaram este estudo, de forma a evidenciar a necessidade de uma pedagogia que promova autonomia e que, conseqüentemente, promova

também esperança e a luta pela emancipação humana e da sociedade. Será feito um aprofundamento nas obras de Freire, de modo particular, a *Pedagogia do oprimido* (1987) e autores que comungam com o pensamento Freiriano.

Partimos da reflexão que aborda a educação cidadã no pensamento de Freire, na qual iremos dialetizar o pensamento do autor e outros que o comentaram, tratando sua teoria da educação focada na compreensão de educação cidadã. Cabe lembrar que a concepção de educação não está dissociada de uma visão política, de ser humano e sociedade. Na sequência, a abordagem traz como foco a educação para a formação do pensamento crítico. Esta reflexão versa sobre o pressuposto de que a pessoa sem a educação não se torna livre, nem autônoma, nem emancipada, ou seja, um ser humano sem criticidade e que não conseguirá ser livre.

Finalizando o aprofundamento teórico, estabelecemos um diálogo propositivo com o pensamento Freiriano. Aqui a abordagem trata da problemática da educação libertadora no contexto da educação hoje como uma exigência necessária. Nesse capítulo, destacamos que o pensamento de Freire constitui uma exigência atual para a leitura crítica de mundo, bem como suporte teórico-metodológico para a formação e prática docente.

O pensamento de Freire é atual, uma vez que ele mostra ser possível que a educação eleve o indivíduo a um sentido mais humano, solidário e comunitário a uma libertação mútua! É aqui que buscamos elucidação sobre a questão do oprimido em Freire na atualidade. Nesse ponto, falaremos sobre quem são os oprimidos nos tempos de hoje, em todos os aspectos. Demonstraremos que a educação é uma prática de liberdade, na qual o ser humano deixa seu estado de coisificação e passa a ser objeto de sua própria história e destino. A teoria do conhecimento Freiriana é uma teoria que nasce das relações dialéticas consciência-mundo. Logo, o método de Paulo Freire nos indica a possibilidade de “ser libertos” nos dias de hoje.

No término desta dissertação, serão feitas as considerações finais sobre o tema ora explorado e, nessa parte final, serão feitos breves comentários daquilo que foi abordado em todos os capítulos.

2 A EDUCAÇÃO CIDADÃ NO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

O pensamento de Paulo Freire (1987) sobre a escola cidadã tem como objetivo proporcionar ao ser humano o desenvolvimento da criticidade e também desenvolver a consciência (conscientização), cidadania e transformar a sua realidade sob a perspectiva da emancipação e a possibilidade da democratização da escola. A educação, no entendimento de Freire, constitui-se como instrumento para transformação social, tendo em vista que educador e educando se transformam em sujeitos críticos do ato de conhecer.

Nessa perspectiva, a escola cidadã, pensada por Freire, tem por finalidade a efetivação de modelos de gestão democrática no interior da escola e para a conquista da autonomia. Precisamos refletir sobre o que acontece na sociedade e na transformação do meu 'eu' e do 'outro' para sermos pessoas melhores e para caminharmos rumo à construção de uma sociedade mais justa e com mais equidade. Logo, Paulo Freire nos propõe uma análise sobre de que forma a proposta da Escola Cidadã poderá transformar a escola em espaço de conscientização e de construção da cidadania.

Para aprofundarmos na concepção de Escola Cidadã que aqui abordamos, podemos vê-la como aquela que se constrói na busca de uma nova prática pedagógica, política e social. Levando em consideração que todo ato cultural é pedagógico e todo ato pedagógico é cultural, pode-se afirmar que a Escola Cidadã está voltada para o atendimento dos interesses e das necessidades das camadas populares, tornando os indivíduos elaboradores de sua própria cultura. Essa escola estimula as potencialidades do povo por meio da conscientização e da ampla participação social.

Buscamos uma Escola Cidadã que se torne um espaço de trocas de saberes, onde a gestão seja participativa e que busque integrar comunidade e movimentos populares na construção de sua identidade. Um espaço que não reproduza os interesses da sociedade dominante, mas que forme pessoas críticas, conscientes de seus direitos, curiosos por conhecer e descobrir, por fim, um lugar onde se possa exercer a autonomia.

Nessa perspectiva, a Escola Cidadã transforma-se num espaço de construção e de novas esperanças, rumo às lutas mais amplas pela educação para todos, pelo ensino básico, público e universal, de forma que ninguém seja excluído. Assim, vemos que mais do que nos grandes discursos ou nos conhecimentos elaborados, é dentro da perspectiva da escola que se deve caracterizar sua autonomia e pedagogia, mesmo que ainda inacabada. Nesse sentido, é urgente o fortalecimento da Escola no aspecto pedagógico e em ações coletivas que envolvem tanto a qualidade do trabalho quanto a formação e profissionalização dos educadores.

Assim, entende-se que a perspectiva pedagógica das práticas que organizam as ações é, nesse contexto, essencial para a conquista da cidadania, pois o que se espera é que a Escola Cidadã construa um projeto de sociedade onde o ser humano seja resgatado na sua plenitude de ‘eu e nós’. Trata-se de construir a cidadania para cada um e para todos nós.

A escola organizada a partir dos princípios da educação cidadã tem como intuito ajudar a construir a conscientização a respeito da cidadania e da transformação social, ou seja, num viés da educação emancipatória, aprofunda-se nos princípios da escola cidadã como uma grande possibilidade de democratização da escola e do indivíduo como o todo. Ao refletirmos todos esses conceitos, verificamos que um dos objetivos da escola cidadã é promover autonomia, democracia e cidadania. Paulo Freire faz uma análise da proposta da escola cidadã e evidencia que ela tem o objetivo de transformar o indivíduo, a partir da consciência de si e do outro. O autor também aponta para a necessidade de um olhar voltado para a construção da cidadania.

Pensar na escola cidadã pressupõe que não se perca o foco de que ela está entrelaçada com a autonomia – pensar no conceito da autonomia na pedagogia Freiriana é pensar numa perspectiva democrática. Por isso, não podemos refletir sobre a prática educativa sem perseguir, trabalhar no sentido da autonomia do indivíduo e também do educador e do educando.

Diante disso, não podemos entender que a autonomia seja apenas um ato de doação. É preciso entender que a autonomia é uma construção contínua tanto no individual quanto no coletivo no processo educativo.

Gadotti e Romão (1997) ressaltam que a ideia de autonomia é intrínseca à ideia de democracia e cidadania. Cidadão é aquele que participa e só pode participar da tomada de decisões quem tiver poder, liberdade e autonomia para exercê-lo. Isso faz da cidadania e da autonomia duas categorias estratégicas de construção de uma sociedade melhor em torno das quais há frequentemente consenso.

No que concerne à cidadania, percebemos que está focada na sua “concepção plena”. Segundo Gadotti e Romão (1997, p. 34), consiste em mobilizar a sociedade para que nós todos possamos conquistar os nossos direitos civis, sociais e políticos: “Pode-se dizer que cidadania é essencialmente consciência de direitos e deveres e exercício da democracia”.

Interligado com o pensamento de Gentili (2000), notamos que a cidadania tem um pensamento mais amplo como um requisito fundamental para a consolidação e o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e democrática. No entanto, é preciso especial atenção no sentido de que a cidadania pode ser entendida deste modo: educar para a cidadania pode tanto significar a conscientização de direitos, deveres, obrigações e participação política quanto estar sendo entendida como adaptação ao mundo globalizado.

Dessa forma, o citado autor destaca: “A cidadania é [...] o exercício de uma prática indefectivelmente política e fundamentada em valores como a liberdade, a igualdade, a autonomia, o respeito à diferença e às identidades, a solidariedade, a tolerância e a desobediência a poderes totalitários” (GENTILI, 2000, p. 147).

É importante destacar que, quando pensamos na educação, também pensamos na cidadania, tendo em vista que a educação é uma prática social organizada por uma determinação política; portanto, educação, cidadania e democracia são questões indissociáveis. Isso significa que, para o exercício de cidadania, precisamos pensar na sociedade. E ser cidadão é pensar também nos nossos direitos e deveres, bem como na participação da sociedade.

Ora, educar na cidadania é dialetizar com os objetivos políticos nas áreas de ensino, e a cidadania é uma questão interdisciplinar por excelência. O caminho que se percorre, em se falando na educação cidadã, nos faz refletir o quanto somos importantes no meio da sociedade, porque implica pensar sobre o ser humano que queremos ser.

Sob a perspectiva do pensamento Freiriano, podemos observar a necessidade do ato de reflexão crítica sobre a prática educativa, sem a qual a teoria pode se tornar apenas discurso e a prática uma reprodução alienada, sem questionamentos. Defende ainda que a teoria deve ser adequada à prática cotidiana do professor, que passa a ser um modelo influenciador de seus alunos, ressaltando que, na verdadeira formação docente, devem estar presentes a prática da criticidade ao lado da valorização das emoções.

Nesse contexto, o autor afirma que o professor deverá também ensinar a pensar certo, sendo a prática educativa em si um testemunho rigoroso de decência e pureza. Para Freire, faz parte do pensar certo a “disponibilidade ao risco, a aceitação do novo e a utilização de um critério para a recusa do velho” (FREIRE, 1996, p. 19), estando presente a rejeição a qualquer tipo de discriminação. Ainda destaca a importância de propiciar condições aos educandos, em suas socializações com os outros e com o professor, de testar a experiência de assumir-se como um ser histórico e social, que pensa, que critica, que opina, que tem sonhos, se comunica e que dá sugestões. Acredita que a educação é uma forma de transformação da realidade, que não é neutra e nem indiferente, mas que tanto pode destruir a ideologia dominante quanto é capaz de mantê-la.

Freire (1996) ressalta o quanto um determinado gesto do educador pode repercutir na vida de um aluno (afetividade e postura) e da necessidade de reflexão sobre o assunto, pois segundo ele ensinar exige respeito aos saberes do educando. A construção de um conhecimento em parceria com o educando depende da relevância que o educador dá ao contexto social.

Paulo Freire reafirma a necessidade de os educadores criarem as condições para a construção do conhecimento pelos educandos como parte de um processo em que professor e aluno não se reduzam à condição de objeto um do outro. Isso porque ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Segundo o autor, essa linha de raciocínio existe por sermos seres humanos e, dessa maneira, temos consciência de que somos inacabados, e tal consciência é que nos instiga a pesquisar, perceber criticamente e modificar o que está condicionado, mas não determinado, passando então a sermos sujeitos e não apenas objetos da nossa história. Assim constitui uma prerrogativa de que todos devem ser respeitados em sua autonomia. Porém, a escuta, o diálogo e a autoavaliação se caracterizam como excelentes recursos metodológicos para serem utilizados dentro da prática pedagógica.

Da mesma forma, educadores e educandos necessitam de estímulos que despertem a curiosidade e, em decorrência disso, a busca para se chegar ao conhecimento.

A concepção de Escola Cidadã que aqui abordamos busca apontar para aquela que se constrói na busca de uma nova prática pedagógica, política e social. Levando em consideração que todo ato cultural é pedagógico e todo ato pedagógico é cultural, pode-se afirmar que a Escola Cidadã é aquela voltada para o atendimento dos interesses e necessidades das camadas populares tornando os indivíduos elaboradores de sua própria cultura e que estimule as potencialidades do povo por meio da conscientização e da ampla participação social.

Buscamos uma Escola Cidadã que se torne um espaço de trocas de saberes, onde a gestão seja participativa e que busque integrar comunidade e movimentos populares na construção de sua identidade. Um espaço que não reproduza os interesses da sociedade dominante, mas que forme pessoas críticas, conscientes de seus direitos, curiosos por conhecer e descobrir, por fim, um lugar onde se possa exercer a autonomia.

Nas palavras de Paulo Freire, a Escola Cidadã é aquela que se assume enquanto um centro de direitos e um centro de deveres, a formação que se dá dentro do espaço e do tempo que caracterizam a escola cidadã é uma formação para a cidadania. A escola cidadã é a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela, porque essa escola não pode ser uma escola cidadã em si e para si. A escola é cidadã na medida mesmo em que briga pela cidadania, pelo exercício e pela fabricação da cidadania de quem vem para ela, de quem usa o seu espaço.

Ela é uma escola coerente com a liberdade, é coerente com o seu discurso formador; em outras palavras, a escola cidadã é aquela que, brigando para ser ela mesma, viabiliza ou luta

para que educandos e educadores também sejam eles mesmos. E como ninguém pode ser só, a escola cidadã é uma escola de comunidade.

É uma escola de companheirismo, é o local de produção comum do saber e da liberdade. Mas é uma escola que não pode ser jamais silenciosa, nem jamais autoritária. É uma escola que vive a experiência tensa da democracia que, em outras palavras, implica a experiência tensa, contraditória, permanente entre autoridade e liberdade. Uma escola cidadã seria a escola que procura plenamente viver a sua autonomia de ser. Só é escola cidadã na medida em que, optando pelo exercício da cidadania, briga para constituir-se num espaço/tempo formador de cidadania.

A educação na perspectiva cidadã, tem uma longa caminhada histórica, tendo surgido na América latina, onde a educação popular ganhou força, mediante algumas lutas populares dentro e fora do estado. Então, Gadotti e Romão (1997, p. 17) afirmam:

A educação popular, como prática pedagógica e educacional pode ser encontrada em todos os continentes, manifestadas em concepções e práticas muito diferentes e até antagônicas. A educação popular passou por diversos momentos epistemológicos – educacionais e organizativas, desde a busca pela conscientização, nos anos 50 e 60, e a defesa da escola pública popular comunitária, nos anos 70 e 80, até a escola cidadã, nos últimos anos, num mosaico de interpretações, convergências e divergências.

Porém, a organização da escola na perspectiva do pressuposto da educação cidadã ganha visibilidade nos meados dos anos de 1980⁴ e no começo dos anos 1990, período em que fortemente foi enraizado numa perspectiva para a prática da educação ou para “a cidadania” sob diferentes denominações e em diversas partes do Brasil, principalmente, no sistema público municipal que tinha uma proposta democrática de educação. Isso significa que falar da escola cidadã é falar em perspectivas de educação, cujo ponto de partida é a realidade social e o objetivo é a construção de um projeto político de sociedade democrática.

Ao fazermos um breve relato histórico sobre o que é a escola cidadã, podemos dizer que é o espaço onde se defende a educação permanente, onde há uma formatação própria para cada realidade local. Diante disso, podemos pensar que cada comunidade tem sua própria identidade e suas características históricas sociais, sem perder o foco da dimensão global no mundo que habitamos. E também é a sua identidade que faz a inclusão e a cidadania e, nesse viés do

⁴ Os embates entre o público e o privado na educação nacional não são novos. Cury (2002) demonstra que, desde a década de 1930, católicos e liberais debateram e disputaram espaço no cenário educacional durante todo o processo de elaboração e promulgação da LDB nº 4024, de 1961, especialmente no que se referia ao tema da destinação das verbas públicas para educação.

movimento educacional concreto, que se caracterizava pela democratização da educação. Significa construir uma compreensão do sentido da educação popular na escola pública.

Porém, antes de adentrar de forma sistemática sobre o que constitui a escola cidadã, a partir do pensamento de Freire e Gadotti, destacamos o que declara Paludo (2001, p. 91) sobre a educação cidadã no espaço não formal:

O alternativo na educação sempre foi muito mais vigoroso fora dos espaços da educação formal. Foi nos momentos de grande movimentação exterior à escola que ela, abrindo-se para a sociedade, foi por ela permeada, vivendo momentos fortes de inovação e criação, viabilizando-se como espaço de realização de uma contra-hegemonia.

Na perspectiva de Freire, a escola cidadã tem como grande objetivo contribuir para que possamos criar uma nova cidadania com o espaço de reorganizar a sociedade onde tenhamos os nossos direitos adquiridos e conquistados. Ou seja, criar um novo espaço público não estatal ou uma “esfera pública cidadã” que possibilite levar a sociedade a ter sua própria voz ativa e sem esquecer que temos responsabilidade de formar novas políticas públicas com horizonte de uma mudança objetiva para que possamos sonhar com um estado totalmente voltado para a democracia.

Aprofundando nas leituras de Paulo Freire, temos a compreensão de que o professor é capaz de coordenar a ação educativa e o educando como sujeito participante; na escola temos a menção do currículo de cultura e, dentro da sala de aula, há uma interatividade e as construções do pensamento. A escola oferece uma educação na qual as pessoas vêm fazendo esse processo de construção e de reconstrução que vão permeando suas vidas.

Para essa educação pensada por Freire, educador e educando precisam ter a paciência e o amor na escuta perante o próximo e, a partir da partilha da escuta mútua, percebemos a realidade do mundo por meio do diálogo e com a perspectiva e a possibilidade de mudança da realidade.

Paulo Freire (1987) menciona que a escola tem uma tríade interessante: a escola é um lugar de trabalho; um lugar de ensino; e, por último, um lugar de aprendizagem. Pensando nessa tríade, a escola é o lugar onde o ser humano se relaciona e convive. Não podemos esquecer que é um ambiente de superação – em suma, a escola é o lugar onde nós raciocinamos! Freire acredita que homens e mulheres têm a capacidade de criar e recriar, e Freire nos menciona que a escola é a instância da sociedade.

O autor aprofunda ainda mais: “não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de certa forma, estabelece

a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade.” (FREIRE; ILLICH, 1975, p. 30).

Fazendo uma releitura da *Pedagogia do Oprimido*, refletimos que existe a presença de opressor x oprimido, e Freire compartilha e nos convida a mergulhar cada vez mais no caminho da libertação. A priori, pela libertação do opressor que reside em cada um de nós, logo conseguimos a libertação e caminhamos pela marcha popular e poderemos libertar uns aos outros.

Paulo Freire nos ensina que:

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos. (FREIRE, 1991, p. 126).

Leva-se em consideração a função da escola, tanto para homens quanto para mulheres, e percebe-se que a escola não é a única responsável pela transformação da sociedade porque ela vem orientada por mudanças estruturais, sociais e econômicas dominantes onde há impossibilidade de transformação. Moacir Gadotti cita Freire e enfatiza em sua afirmação que “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação” (1991, p. 84).

Diante dessa reflexão sobre a escola e sobre a antropologia da educação, percebemos que a escola, organizada e orientada pelo pressuposto teórico-metodológico da educação cidadã, tem um projeto educativo de qualidade, com capacidade de lidar com a verdade, com horizonte de valorizar as relações e o ser humano. É nesse ambiente que surge a necessidade de um convívio uns com os outros, que a escola seja um local de respeito e de dignidade, um ambiente de convívio com o próximo, com sutileza, onde há respeito e no qual estejamos abertos à compreensão do outro em todos os aspectos.

A verdade é a condição de trabalho e assim construímos nosso pensamento e o nosso modo de agir. O processo de construção e reconstrução faz parte do crescimento humano – aí se forma um(a) cidadão(ã) melhor e mais feliz.

Se o ser humano se torna feliz e tem amorosidade, exercita a escuta diante do próximo e a abertura para o diálogo, compreende-se que chegamos à autonomia. Para alcançá-la é necessário muito trabalho, ou seja, é preciso que os paradigmas sejam quebrados e o ato da reflexão seja diário, e a temperança e a abertura para o conhecimento e para o novo. O trabalho

coletivo e reflexivo de todos é condição para o bom desenvolvimento da prática educativa na escola cidadã.

Quando estamos abertos para a escuta e para o diálogo, já temos o passo essencial para o conhecimento de si e do outro. Diante disso, esse é o processo de imersão em águas mais profundas para o conhecimento. Nisso, nós nos assumimos como seres sociais e históricos. As nossas marcas como pessoas que pensam/refletem/se comunicam/ têm a capacidade de transformação/ que criam e recriam/ e se realizem todos os seus sonhos e anseios/ mesmo assim tenhamos nossos males, mas que estes males se transformem em perdão/reconciliação e que voltemos nosso olhar para o próximo e possamos amar de verdade.

Percebemos que esse é um grande papel do educador e também para o educando. Reconciliar e amar o próximo nos leva a sermos pessoas de confiança para nós mesmos e para o outro. Com isso, a nossa resposta poderá vir com qualidade e assim nos tornamos pessoas relacionáveis. Portanto, é importante que o projeto político pedagógico da escola seja um instrumento de mediação do trabalho.

A escola cidadã é o exercício da prática da liberdade, e por isso, visa à práxis da cidadania e também da democracia. Na Escola Cidadã, vivem-se valores de caráter emancipatório, que geram práticas de cidadania em seu cotidiano – por isso, é uma escola pela e para a cidadania. A participação é meio e fim para as conquistas coletivas, para a consciência do coletivo, e, nesse sentido, para a cidadania plena. A liberdade é outro valor, que está na essência do projeto Escola Cidadã: liberdade para se organizar, para a ação política, para a elaboração intelectual, para a crítica. Em espaço livre, os sujeitos deixam aflorar a criatividade, a humanização, a consciência, a interação com o outro.

A autonomia é outro fundamento, como prática para a criação do espaço de liberdade, mas sempre com responsabilidade coletiva e contra o individualismo. Destaca-se, também, o compromisso com a ética da defesa da vida e o pressuposto do sujeito de direitos, que possui a responsabilidade pela efetivação e ampliação dos direitos. Quando a(o) cidadã(o) se torna livre, logicamente, ele(a) é um ser voltado para a liberdade, porém voltado com a responsabilidade de sempre fazer o bem naquilo que lhe foi cometido. O ser humano como dever é um ser livre, porém democrático. Do grego, significa ‘*Dêmos*’ + *krátia* = força, poder, governo do povo; governo que o povo exerce soberania. Ou seja, ser cidadão nos estimula a sermos livres, porém deve-se exercer a democracia – onde todos podem dialogar elaborar os problemas e resolvermos os problemas e tendo soluções em harmonia mediante a todos.

Freire conceitua que a escola cidadã está num horizonte voltado para a liberdade. A liberdade que Freire almejava é uma escola voltada para a comunidade onde as pessoas mais

simples possam pensar no seu livre arbítrio e nesse ato de refletir faz-se a mudança, ou seja, a transformação. Ao pensar na comunidade, pensamos também no ser humano voltado para o companheirismo. E, ao sermos companheiros e amigos do outro(a), pensamos também na democracia.

Ao sermos democráticos, vemos que a formação cidadã é o espaço privilegiado onde se desenvolve a educação com o exercício para a cidadania. Pensando em cidadania, não se esquece da consciência, que é o elemento fundamental para o processo de formação do ser humano e somos responsáveis por aquilo que fazemos, somos seres humanos voltados para a criticidade, ativos em todos os âmbitos.

A educação hoje na sociedade com o olhar da escola cidadã tem como objetivo formar pessoas que reconstruam a sociedade por meio de sua reflexão, onde o ser humano veja as desigualdades e as injustiças e possa corrigi-las, ensinando ao outro como é o processo da libertação e dando-lhe autonomia.

Quando contextualizamos a palavra autonomia, é ideal refletir que tal palavra é atual na educação brasileira e vem sendo discutida em debates pedagógicos e empregada numa reforma educacional. Percebemos que, na educação de nosso país, ainda somos conteudistas de cunho funcionalista! Percebemos que essa pedagogia não liberta o educando a refletir, mas sufoca as ideias e não proporciona capacidade de reflexão própria a partir de leitura de mundo e de si e legitimam, dominam e anulam o outro(a).

Percebe-se que a ideia de autonomia tem uma forte correlação com a democracia. Segundo Bernard Charlot (2004, citado por GADOTTI, 2006, p. 27), “Não há democracia sem escola pública forte, afinal somente com a escola pública de qualidade é possível construir um verdadeiro estado Republicano”. Mediante tal reflexão, a autonomia tem suma importância na formação do cidadão, pois o ser humano se torna parceiro dos demais. Há uma visão de uma sociedade mais politizada e unida.

Fazendo uma autoanálise, notamos que a autonomia tem vários pontos positivos que proporcionam ao ser humano que se sinta mais humano, que seja mais reflexivo e também que tenha uma visão de política mais forte, que o faça perceber a engrenagem e a reflexão de mundo e de si. E essa forma de ver o mundo e de ver a si, tanto numa visão filosófica, política, administrativa, pedagógica e didática nós iremos defender uma autonomia que não seja integral e sim relativa.

Assim, a educação assumida e compreendida como instrumento a serviço da democratização, contribuindo com as vivências comunitárias dos grupos sociais, no diálogo, para formar pessoas participantes. A reforma da educação e a reforma da sociedade andam

juntas, sendo parte do mesmo processo. Nesse sentido, Paulo Freire apresenta-se como o educador que, ao pensar o homem, a sociedade e suas relações, preocupou-se em discutir a educação brasileira e pensar meios de torná-la melhor mediante o compromisso e a participação de todos, na perspectiva de uma educação libertadora capaz de contribuir para que o educando se torne sujeito de seu próprio desenvolvimento, diante da presença orientadora que tem o educador.

Para esse educador, a educação é ato de amor e coragem, sustentada no diálogo, na discussão, no debate. O que requer o olhar para os saberes dos homens e mulheres, já que não ignoramos tudo, da mesma forma que não dominamos tudo. Cabe a nós a compreensão de que a história é um processo de participação de todos e, nesse sentido, é na escola que encontramos mais um lugar privilegiado para o ensino e a aprendizagem. Local que deve ser constituído pela sua natureza e especificidade.

A educação cidadã, na concepção de Freire, confere ao homem e à mulher o direito de dizer sua palavra, o que significa sua iniciação, quanto a compreender-se e aos demais, homens e mulheres no mundo, como agentes ativos no processo de transformação. Compreender que o ser humano é um ser histórico e, portanto, capaz de construir sua história participando ativamente com os outros no mundo. Paulo Freire se reporta ao mundo imediato dos sujeitos, isto é, o local onde vivem, criam, produzem e sonham. Portanto, a educação pensada por Freire ainda no tempo presente transforma em uma exigência de formação do ser humano, enquanto agente mobilizador da luta pela construção de outro mundo justo e fraterno para todos.

3 A EDUCAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO

A pergunta fundamental a ser levantada e a ser compreendida neste terceiro capítulo é: o que constitui a educação para a formação do pensamento crítico? Quando estudamos Freire, a reflexão crítica tem como base a pedagogia crítica, que nos leva a pensar que uma formação crítica deve conduzir os cidadãos ao desenvolvimento e à capacidade de analisar a história, a sociedade, a família e tudo aquilo que está em torno de si. Assim, são criadas várias possibilidades para que haja transformação e para que se alcance a autonomia e a emancipação.

Entendemos que essas transformações não devem ficar no campo das ilusões ou da abstração (na teleologia no mundo das ideias) onde o ser humano que é sujeito modificado no seu meio social, ao mesmo tempo em que é mudado por ele.

O sujeito, enquanto trabalhador social, tem papel fundamental numa sociedade em transição, como é o caso da sociedade brasileira, que busca consolidar a democracia e os direitos humanos. Sua importância está em assumir o protagonismo nas ações pela libertação dos marginalizados e excluídos pelo sistema econômico, injusto e desigual. É sujeito concreto para a construção dessa utopia social.

Na sua atividade pedagógica, que é ao mesmo tempo social e política, ajuda na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária e sabendo dos conflitos que marcam a sociedade de classes, pensa e age pela mudança social, por saber que os homens são marcados pela esperança e pelos sonhos. Como Educador Social, esses sonhos estão na base de seu trabalho, garantindo, assim, de forma concreta, o desejo de modificar o mundo.

Nessa perspectiva, o objetivo deste capítulo é apresentar uma reflexão sobre a educação para a formação do pensamento crítico. A argumentação está alicerçada no pensamento educativo de Paulo Freire. Para uma melhor compreensão e fluência da leitura, o capítulo está organizado em cinco itens. Na parte introdutória, abordo a educação para a formação do pensamento crítico. No primeiro item, discuto a questão da educação como processo de conhecimento. No segundo, o foco está na reflexão Freiriana contra a educação bancária. Na sequência, a reflexão passa a ser sobre a questão da conscientização, do diálogo, da esperança, da autonomia e da liberdade na educação Freiriana.

O pensamento crítico reflexivo na formação para um pensamento da nossa criticidade é característica racional do ser humano. Como sabemos, o ser humano é dotado da capacidade de pensar e também de se desenvolver com maior ou menor nível de alcance, dependendo de suas experiências de vida. Segundo Lipman (2001), pensar é algo natural do ser humano e, quanto mais é bem cultivado, pode-se desenvolver e se aperfeiçoar por meio da educação.

Logo a pedagogia crítica nos oferece uma proposta teórica para resolver essa relação de poder e conhecimento. Percebemos que a pedagogia crítica é entendida como “uma tentativa deliberada de influenciar como e quais conhecimentos e identidades são produzidos em e entre determinados conjuntos de relações sociais” (GIROUX; SIMON, 1989, p. 239). Dentro de seus limites, os estudantes devem ser capazes de reconhecer o que é subestimado por meio de intervenções em processos ritualísticos que naturalizam relações de poder e códigos da cultura dominante existentes (MCLAREN, 1995; GIROUX, 2011).

De acordo com McLaren (1994), o pensamento crítico precisa ir além de enfoques hegemônicos que definem a razão como seu critério principal. O que os pensadores críticos precisam fazer é “considerar o pensamento como um meio de empoderamento e reorganização da vontade humana rumo à transformação social” (MCLAREN, 1994, p. 13-14). A Pedagogia Crítica enfoca o pensamento crítico como meio para a mudança social.

No entanto, todos nós recebemos a educação que Paulo Freire denomina “educação bancária”, pois ela possuía um cunho de uma transmissão passiva de conhecimento e também de conteúdos. Nesse processo, o professor é entendido como aquele que supostamente é o detentor(a) do conhecimento, ele é mais valorizado como aquele que detém o conhecimento. Dewey (1979) e Lipman (2001) sempre enfocam a necessidade de uma educação voltada para o desenvolvimento e para a autonomia intelectual do sujeito e não uma educação centrada na figura do professor ou que o compreende como o transmissor de um conhecimento mais valoroso.

Lipman, em *O pensar na educação* (2001), busca fazer um levantamento necessário ao tema, busca que existam algumas respostas rumo ao desenvolvimento educacional, cujo objetivo seja orientar e pensar uma reforma de ensino que contemple o desenvolvimento do pensamento de uma escala superior. Dewey nos traz uma definição segundo a qual a educação tem como processo de reconstrução e reorganização da experiência no ato de pensar e, mediante a isso, nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras.

O contínuo processo de reorganizar e reconstruir a experiência constitui o mais particular da vida humana. Esse processo de reconstrução, em que consiste a educação, tem por fim melhorar pela inteligência a qualidade da experiência do ser humano. Assim, percebemos as relações que ela nos desvenda, apreendemos os conhecimentos necessários para dirigir, com mais segurança, as nossas experiências futuras.

Para tanto, é de fundamental importância que a educação não se restrinja ao ensino do conhecimento como algo acabado – mas que o saber e a habilidade adquiridos pelo estudante possam ser integrados à sua vida como cidadão, pessoa, ser humano. Dewey acredita que a

educação não deveria ser apreciada apenas como ensino escolar e aquisição com disciplinas acadêmicas, mas como parte da própria vida: “A educação não é preparação nem conformidade. Educação é vida, é viver, é desenvolver, é crescer.” (DEWEY, 1978, p. 29).

Neste capítulo, abordaremos a educação para a formação do pensamento crítico em Freire e comentadores, falando sobre sua importância para a educação e para o ser humano. A pergunta fundamental que devemos fazer é: qual a relação da educação para a formação de um pensamento crítico na atualidade? O que é ser crítico e reflexivo hoje em dia? E como compreendemos o que é educação para o ser humano?

Diante dos questionamentos levantados, compreendemos que a educação numa proposta Freiriana é dar dignidade aos oprimidos, de modo que homens e mulheres fiquem inseridos na sociedade, lugar no qual eles(as) sejam cada vez mais estimulados(as) a serem mais e obtenham o pensamento crítico sobre a realidade a partir de sua reflexão. Tendo isso, homens e mulheres se tornam livres e podem desafiar a realidade e ir contra o sistema que cada vez mais anula o ser humano e o coloca à margem da sociedade.

Freire apresenta uma série de procedimentos que devem ser cumpridos para garantir a efetividade de um ensino com enfoque alfabetizador e conscientizador. Ele atribui relevância a essa dicotomia, porque entende que

para que a alfabetização não seja puramente mecânica e assunto só de memória, é preciso conduzir os adultos a conscientizar-se primeiro, para que logo se alfabetizem a si mesmos. Consequentemente, esse método – na medida em que ajuda o homem a aprofundar a consciência de sua problemática e de sua condição de pessoa e, portanto, de sujeito – converte-se para ele em caminho de opção. Nesse momento, o homem se politizará a si mesmo. (FREIRE, 1979, p. 26).

Considerando que a conscientização emerge da análise crítica da realidade vivida, o ensino para a conscientização precisa ser contextualizado, portanto deve respeitar e considerar o universo do educando, seja adulto ou criança.

É nesse sentido que o pensamento pedagógico de Paulo Freire se mostra passível de ser aplicado à educação de todas as faixas etárias, porquanto apresenta ferramentas de ensino perfeitamente cabíveis aos processos educativos de alfabetização e conscientização.

A conscientização aplicada no ensino de uma criança pode fazê-la compreender, e não apreender significados. Dessa forma, ela terá subsídios para crescer e se desenvolver com responsabilidade pessoal e social. Isso se refere a âmbitos dos mais gerais aos mais específicos, como os cuidados com o meio ambiente e consigo mesma.

Paulo Freire chama a conscientização de compromisso histórico, pois implica o nosso compromisso com o mundo e, portanto, também com nós mesmos, como sujeitos que fazem e refazem o mundo e assim sua própria história. Nesse instante, a conscientização não se encontra mais somente na relação consciência/mundo, mas transcende, convidando-nos a assumirmos uma posição utópica frente ao mundo.

Saber que não apenas estamos no mundo, mas com o mundo e também pelo mundo; da mesma forma, que somos seres condicionados e não determinados e que, portanto, nossa possibilidade de transformar a realidade que nos oprime e nos explora é a mesma possibilidade dialética que rege a história da humanidade e nos permite produzir novas formas de viver em sociedade. Saber que sonhar o sonho coletivo, que é um sonho acordado, real, passa pelo desejo de uma forma justa, fraterna e humana de viver em sociedade; esse é o primeiro passo para a transformação social. Saber que a utopia é possível.

Uma consciência crítica pressupõe um método de conhecimento da realidade em que nos encontramos, levando-nos a mudanças radicais. Mas o que é, então, a conscientização? A conscientização é o aprofundamento da consciência crítica que é ao mesmo tempo ação/reflexão/ação, para a superação da realidade opressora, sendo em virtude disso, um apelo à ação. A conscientização, no modo como a compreendemos, é o processo de desenvolvimento de saberes verdadeiros a respeito das condições materiais nas quais os indivíduos se encontram, seu papel no modo de produção, sua situação de classe.

O movimento de transformação – mudança radical da forma – da prática social dos indivíduos requer, primeiro, uma mudança tal em sua compreensão de mundo, que suas ideias se deem no sentido do desenvolvimento de práticas condizentes com a vocação ontológica do ser humano, que é superar sua condição desumanizadora que lhe impõem o atual modo de produção. Logo, “que ultrapassemos a esfera espontânea da apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica.” (FREIRE, 1979, p. 15).

Para dialetizar o conceito de educação em Freire, não podemos deixar de comentar sobre a teoria do conhecimento que faz a busca de um esclarecimento, ou seja, uma compreensão mais profunda onde filosoficamente se explica e interpreta-o com a busca de um conhecimento sobre o conhecimento.

A relação professor-aluno é ressignificada, ou seja,

quando se fala na educação em geral, diz-se que ela é uma atividade pela qual, professores e alunos, mediatizados pela realidade que apreendem e da qual extraem o conteúdo de aprendizagem, atingem um nível de consciência dessa

mesma realidade, a fim de nela atuarem, num sentido de transformação social. (LIBÂNEO, 1986, p. 33).

O método de Paulo Freire, referência da Pedagogia Libertadora, tem por princípio a certeza de que a educação é um ato político, de construção do conhecimento e de criação de outra sociedade – mais ética, mais justa, mais humana, mais solidária. A educação deve ser uma busca permanente em favor das classes oprimidas, luta pela liberdade e igualdade.

Para isso, é fundamental entender que o aluno – cidadão – é o agente principal do processo pedagógico, sem com isso desconsiderar o educador, que também deve aprender a ser sempre aluno, pois ambos ensinam e aprendem nos espaços de construção do conhecimento.

O diálogo entre os diversos agentes envolvidos nas ações educativas, assim como o processo de construção dos temas geradores, para permanente identificação dos problemas sociais e busca de sua superação é a essência do método Freiriano.

O pensamento de Paulo Freire é, sem dúvida alguma, de um educador humanista e militante, a educação em seu pensamento crítico reflexivo tem como parte de um contexto concreto para responder às necessidades do cidadão.

O livro que nos mostra de forma clara o seu pensamento é *Educação como prática da liberdade* (1967). Nele o autor procura mostrar que, nas sociedades em trânsito, o papel da educação do ponto de vista do oprimido, a possibilidade da construção de uma sociedade democrática, ou melhor, uma “sociedade aberta”. Visualiza o processo de desenvolvimento econômico e a superação da cultura colonial nessas sociedades.

No seu pensamento, essas sociedades não podem ser construídas pela elite por lhe faltarem bases para reconhecer as necessidades de uma reforma. No entanto ele entrega essas ideias às massas, não só por meio das lutas e movimentos de conscientização populares poderia encontrar a hegemonia, operando as mudanças.

Gadotti nos mostra, nessas sociedades, qual é o papel da educação, do ponto de vista do oprimido, na construção de uma sociedade democrática ou 'sociedade aberta'. Para ele, essa sociedade não pode ser construída pelas elites porque elas são incapazes de oferecer as bases de uma política de reformas: “Essa nova sociedade somente poderá constituir-se como resultado da luta das massas populares, as únicas capazes de operar tal mudança.” (GADOTTI, 1996, p. 83-84).

É importante trazer a definição de educação quando dialogamos com Paulo Freire (1981, p. 45): “a educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática”. O que seria a palavra educar? Educar é a prática do conhecimento! A educação também estaria relacionada com o âmbito moral, mas não com práticas e/ou ideias puritanas. Além disso, seria

essencialmente uma experiência estética. Com isso, Freire está dizendo que a educação atinge três setores importantes da vida humana.

Quando se fala de educação e política, Paulo Freire (1996) diz que a educação é um ato político. Novamente, Freire associa a educação ao campo político: ela seria uma ação, uma atitude, uma prática política. Portanto, a educação, isto é, o processo constante de criação do conhecimento e de busca da transformação-reinvenção da realidade pela ação-reflexão humana seria um processo político. Para Paulo Freire (2001, p. 10), a educação “como processo de conhecimento, formação política, manifestação ética, procura da boniteza, capacitação científica e técnica” é prática indispensável aos seres humanos e deles específica na História como movimento, como luta.

Nessa passagem, Freire apresenta mais uma vez a educação como processo de conhecimento. Ele também destaca o caráter político que vê na educação, chamando-a de formação política. O domínio moral da educação Freiriana é lembrado com a expressão manifestação ética, e o âmbito estético, é evocado, com a frase procura da boniteza. Educação seria, ainda, habilitação científica e técnica, ou seja, capacitaria o educando para a prática da ciência e para os estudos e trabalhos tecnológicos. Além disso, a educação seria uma atividade imprescindível aos humanos e pertenceria a eles de modo específico: na História como movimento, como luta.

Assim, a História, segundo Freire, seria dinâmica, dotada de mobilidade, de mudança, seria luta, empenho, esforço, conflito. Destarte, o processo constante de criação do conhecimento e de busca da transformação e reinvenção da realidade pela ação-reflexão humana, além de ser um processo político, seria uma prática específica dos humanos no movimento e na luta próprios da História conforme a concepção Freiriana.

Como ponte de chegada da reflexão, percebo que o pensamento crítico reflexivo na formação para um pensamento da nossa criticidade é de característica racional do ser humano. Como sabemos, os seres humanos são dotados de pensar e também de se desenvolver com maior ou menor nível de alcance dependendo de suas experiências de vida. Segundo Lipman (2001), pensar é algo natural do ser humano e quanto é mais bem cultivado, pode-se desenvolver e se aperfeiçoar por meio da educação.

Logo, a pedagogia crítica nos oferece uma proposta teórica para resolver essa relação de poder e conhecimento. Percebemos que a pedagogia crítica é percebida como: “uma tentativa deliberada de influenciar como e quais conhecimentos e identidades são produzidos em e entre determinados conjuntos de relações sociais.” (GIROUX; SIMON, 1989, p. 239). Dentro de seus limites, os estudantes devem ser capazes de reconhecer o que é subestimado por meio de

intervenções em processos ritualísticos que naturalizam relações de poder e códigos da cultura dominante existentes (MCLAREN, 1995; GIROUX, 2011).

De acordo com McLaren (1994, p. 13-14), o pensamento crítico precisa ir além de enfoques hegemônicos que definem a razão como seu critério principal. O que os pensadores críticos precisam fazer é “considerar o pensamento como um meio de empoderamento e reorganização da vontade humana rumo à transformação social”. A Pedagogia Crítica enfoca o pensamento crítico como meio para a mudança social.

No entanto, todos nós recebemos a educação que Paulo Freire denomina “educação bancária”, pois tinha um cunho de uma transmissão passiva de conhecimento e também de conteúdos em cujo processo o professor, assim assumido como aquele supostamente ele(a) é o detentor(a) do conhecimento é mais valorizado com aquele que detém o conhecimento. Ora, este modelo de educação segundo Dewey (1978), Lipman (2001) e Paulo Freire mediante seus trabalhos sempre enfocam uma educação voltada para o desenvolvimento e autonomia intelectual do sujeito.

3.1 A educação como processo de conhecimento

A educação como percebemos é um processo social, cultural e filosófico que se enquadra numa concepção determinada de mundo, a qual estabelece os fins a serem atingidos pelo ato educativo em consonância com as ideias dominantes numa dada sociedade. O fenômeno educativo não pode ser, pois, entendido de maneira fragmentada, ou como uma abstração válida para qualquer tempo e lugar. Ao contrário, deve ser entendida como uma prática social, situada historicamente, numa realidade total, que envolve aspectos valorativos, culturais, políticos e econômicos, que permeiam a vida total do homem concreto a que a educação diz respeito.

Então, nesse sentido, vivenciamos um tempo de crise paradigmática que necessita, em nosso entender, ser estudada enquanto fenômeno cultural, embora relacionada ao modelo de produção do conhecimento, mas que deve ser analisada em suas dimensões históricas, políticas, econômicas e sociais.

Embora a quebra na confiança epistemológica do paradigma dominante seja produzida por uma pluralidade de fatores, o grande avanço que o conhecimento científico possibilitou é, paradoxalmente, um fator significativo nessa ruptura.

Toda construção da ciência moderna tem sido baseada na ideia de que ela é o único modelo de conhecimento, e toda e qualquer produção só faz sentido se esse modelo for o da

racionalidade única, até por isso denominada científica. Essa concepção, hoje em declínio, “não mais sustenta a necessidade de negar a possibilidade do novo e do diverso, em nome de uma lei universal e imutável.” (PLASTINO, 2002, p. 33).

O conhecimento, nessa perspectiva do paradigma científico dominante, ganha em rigor, mas, sem dúvida, o modelo de racionalidade científica atravessa uma profunda crise. Entretanto, “os sinais nos permitem tão só especular acerca do paradigma que emergirá desse período revolucionário.” (SANTOS, 1996, p. 123).

Assim sendo, tanto a teoria quanto as práticas educacionais desenvolvem-se, predominantemente, segundo os paradigmas dominantes num dado momento histórico, o que leva a educação a funcionar essencialmente como elemento reprodutor das condições científicas, políticas, econômicas e culturais de determinada sociedade.

O que constitui para Freire a educação como processo de conhecimento é que o processo de conhecimento é uma construção, ou seja, uma construção do conhecimento que é dado passo a passo, um processo lento, porém, rigoroso. Numa perspectiva Freiriana, podemos perceber que, quando procuramos realmente entender algum tipo de assunto, nós nos baseamos em conhecimentos adquiridos ao longo de nossa vida.

A pedagogia de Paulo Freire, conhecida como a pedagogia da libertação, possui na educação seu principal objeto relacionado ao comprometimento com a emancipação dos sujeitos humanos, os quais têm sua existência marcada por contextos que desrespeitam tanto a vida quanto a vivência da cidadania.

Na pedagogia de Freire, o sujeito não é passivo, formado pelas pressões do ambiente e sim um sujeito que, com as armas que possui, significa a experiência vivida, sendo que são dessas significações que são extraídos os conteúdos libertadores para a práxis pedagógica. Freire nos enfoca uma questão do mito da neutralidade da educação que por ele é entendida como uma abstração.

Do ponto de vista crítico, não há neutralidade, e a educação é vista como um ato político a serviço da humanidade, no qual se questiona a favor de quem e a que essa atividade está voltada. Ser um professor não-neutro não significa ser manipulador; significa ser coerente com uma posição política com coesão na teoria e na prática.

Segundo a perspectiva Freiriana, a educação é a alavanca para as mudanças sociais e para a tomada de consciência. Em termos de organização e prática pedagógica, a educação, definida por Paulo Freire, conquistará sua identidade quando admitir um caráter próprio de crítica e autocrítica constante. Nessa perspectiva, jamais poderá gerar o contrário do que defende, ou seja, ser uma educação que se reduza e se feche em si própria.

3.2 Uma reflexão Freiriana contra a educação bancária

Para Freire, a educação é o processo constante de criação, de busca por conhecimento e por transformação. O ser humano reinventa a realidade por sua própria ação e reflexão.

Vejamos que o pensar em educação em Freire é que a educação seja capaz de promover autoconfiança do sujeito e toda a sua ação educativa deve dar continuidade com o intuito de promover a recriação, a ressignificação de significados mediante a condição de possibilidade. Isso para que tenhamos uma educação conscientizadora e libertadora, numa perspectiva contínua, no diálogo e reflexão, e também a ação com objetivo de ampliar a nossa visão de mundo e nós como indivíduos devemos participar ativamente em todas as esferas da sociedade.

Já a educação bancária é totalmente o inverso do pensamento libertário de Freire. A educação bancária na visão de Freire é o ordenar o que já se faz de modo espontâneo. Por exemplo, o encher de conteúdos os estudantes. O professor está depositando o conteúdo nos alunos como se fossem jarros de água! Creiamos que é um falso saber e também uma falta de atenção do professor mediante ao aluno. Ou seja, o professor deposita o seu saber, como se fosse um saber imutável. Nessa reflexão, podemos entender que, na educação bancária, não há uma promoção do diálogo, não há interatividade e comunicação com o aluno, assim não tem sentido para a vida humana.

Quando falamos sobre educação, não podemos esquecer uma categoria muito importante para que possamos compreender o que é a educação libertária: a emancipação! Quando falamos em emancipação, falamos de diferentes formas da dominação e também da opressão da dominação do mundo neoliberal, cujo caminho leva à exclusão e à anulação do ser humano. Muitas pessoas vivem de necessidades materiais, ou seja, aquele ser humano que pensa no capital, no domínio e no poder muitas vezes acha que pode chegar à felicidade e, por muitas vezes, perde a alegria de viver. A obra de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* (1987), defende a necessidade de uma pedagogia que nos estimule a nos emancipar mediante uma luta libertadora que,

somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores.” (FREIRE, 1987, p. 20).

Mediante isso, devemos continuar uma luta pela transformação social visando à emancipação, ou seja, o projeto emancipatório que é defendido por Paulo Freire nos chama atenção para o multiculturalismo, assim abrindo nossa mente acerca do fato de que temos o direito de ser diferentes, isso nos diz que somos uma sociedade democrática. Logo, Freire defende o projeto emancipatório, onde é condição fundamental que se busque uma sociedade mais igualitária e justa.

A educação e a política têm uma relação intrínseca, se o objetivo é de esclarecer que haja uma tensão entre esses dois conceitos, isso vem nos demonstrando que não há prática política vazia de significado educativo, nisso também não há educação neutra.

Dando continuidade ao pensamento sobre a política e a educação, são encontrados nas leituras de Paulo Freire inúmeros temas sobre educação e política. Seria uma ingenuidade negarmos a natureza política do processo educativo. Freire vem nos dizer que em formações sociais onde predomina o modo de produção capitalista, a humanidade vem agindo no interior da totalidade estruturada que se determina pelas relações de produção no trabalho e no capital. Ou seja, os homens são apresentados como detentores de meio de produção e de acúmulo de capital.

Os homens que têm como papel de representantes sociais tornam-se despojados dos meios de produção se acomodam como vendedores de força de trabalho: em suma são homens que exploram outros homens: a classe trabalhadora! Aí nos vem uma pergunta: a atuação do educador está a favor daqueles que oprimem ou daqueles que são oprimidos? O educador lutará pela paz e a ordem dos que exploram ou lutar juntos com aqueles que são explorados? Na obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire, entre outras coisas fundamentais, coloca: “Se os homens são produtores desta realidade e se esta, na inversão de práxis, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora, é tarefa histórica, é tarefa dos homens.” (FREIRE, 1987, p. 24).

Assim, percebemos que conceituar educação é uma tarefa importante, pois por meio da educação podemos compreender que ela se move mediante ao diálogo. O diálogo também é um ato político e social – nisso percebemos a “crítica” que se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas. Então entramos na matriz verdadeira da democracia.

A compreensão da educação nos faz lembrar a Pedagogia Libertadora, por defender que a educação é um ato político, ou seja, a construção do conhecimento, da humanidade é a reconstrução de uma nova sociedade. Essa sociedade precisa ser mais ética, justa, igualitária e reflexiva. Para educar para uma sociedade “inclusiva” pressupõe compreender toda uma complexa realidade presente nas salas de aula. Realidade na qual os educadores se encontram

e sentem-se, muitas vezes, despreparados quando a questão é trabalhar com alunos que têm algum tipo de deficiência.

A dificuldade que sentimos quando nos deparamos com situações desse tipo revela nossa fragilidade diante do convívio com a “diferença”. Embora tenhamos a certeza de que nosso papel enquanto educador está sendo bem desempenhando e de que todo cidadão tem o direito de ter acesso à informação e ao conhecimento, ainda assim encontramos obstáculos que impedem de realizarmos um trabalho coerente com a nossa prática pedagógica. O medo do diferente e a incerteza quanto ao aprendizado de um aluno com necessidades especiais impossibilitam o avanço de práticas de aprendizagens relevantes.

A reflexão é o ato do raciocínio, o qual é realizado exclusivamente pelo ser humano. A pedagogia Freiriana está voltada ao seu olhar no sujeito, na “persona”. A pergunta que devemos fazer e também conceituar é: o que é ser humano? Que faz o ser humano hoje na sociedade? Que tipos de seres humanos existem hoje? Qual a relação com a educação com o ser humano?

Nessa compreensão, podemos falar de seus atributos sobre a qualidade à pessoa e à vida. O ser participa da vida do homem a partir do centro ativo da pessoa – mas sua coparticipação tem uma relação entre o ser originário da vida da pessoa, buscando em sua essência as coisas da vida humana.

Em se falando de vida humana, é importante lembrar que o ser humano precisa ser livre e não alienado. É relevante trazermos aqui um breve pensamento de um filósofo que tem tudo a ver com Paulo Freire; trata-se dialética entre o senhor e o escravo, pensada por Hegel (1992), que nos faz refletir como o ser humano pode aprisionar o outro. Também relembramos a educação bancária que evidencia uma visão pura de alienação, que impede o ato de pensar e de ser livre. Paulo Freire faz uma comparação com a dialética Hegeliana transpondo-a para a relação do professor e o aluno.

Freire critica o processo de absolutização no qual os alunos são hospedeiros do professor e, na medida em que são hospedeiros, é difícil ver o processo de libertação. “O grande problema está em como poderão os oprimidos, que ‘hospedam’ o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia da libertação.” (FREIRE, 1987, p. 20).

A concepção bancária é totalmente inversa de uma educação libertadora, pois, na primeira, o ser não é levado a pensar e apenas é estimulado para executar o que foi dito pelo professor. Nesse viés, o ser humano é visto sob a dialética do Senhor e do escravo: “O que o escravo faz é justamente o agir do senhor, para o qual somente é o ser-para-si, a essência: ele é a pura potência negativa para a qual a coisa é nada, e é também o puro agir essencial nessa relação.” (HEGEL, 1992, p. 131).

Ou seja, ele(a) é meramente um arquivo vazio, onde o professor “deposita” o conhecimento, e o aluno se enche com aquele conhecimento. Indo mais a fundo ainda, a concepção bancária é voltada para um grupo de classes que é marcado pelo medo, opressão, meramente intolerantes às classes desvalidas. Nesse tipo de educação, além de acabar com a própria educação, anula-se também o ser humano e o deteriora. Com a linha de pensamento de Paulo Freire, afirmamos: “relação dialética” entre objetividade e subjetividade. Fora dessa compreensão e desse respeito à sabedoria popular, à maneira como os grupos populares se compreendem em suas relações com o seu mundo, “a minha pesquisa só tem sentido se a minha opção política é pela dominação e não pela libertação dos grupos e das classes sociais oprimidas.” (FREIRE, 1999, p. 35).

Essa reflexão tão atual em relação à educação nos tempos de hoje não atende às demandas sociais. O que estamos vendo é um tipo de educação onde não se exercita a racionalidade, do cuidado do pensar e não o ato de refletir. A educação do pensamento crítico implica uma educação para o pensar. A educação para o pensar certo implica criar condições pedagógicas para que o educando possa desenvolver suas habilidades cognitivas, como instrumentos de pensamento para o pensar e agir criticamente ético na sociedade. Ao contrário, a educação de ponta nos dias atuais é voltada para um pequeno grupo de classe, ou seja, faz-se o investimento numa minoria, e a grande massa que deveria ser injetado um ótimo investimento não é aplicado à grande maioria. Uma educação que se preocupa com adaptação do indivíduo à sociedade, a serviço do mercado de trabalho.

Diante dessa reflexão, o tipo de educação vista em nossa realidade é a educação transgressora, é contra a “cultura do silêncio”! Falava Paulo Freire que é preciso que o educador se perceba como facilitador, catalisador e animador de diálogos. Precisamos de uma sala-de-aula que transcenda o recorrente pesadelo da “cela-de-aula”, que construa uma comunidade de aprendizado ao invés de uma cela de presídio, precisa necessariamente levar a sério a criação de espaços de interação, interlocução e expressão múltipla dos educandos.

Que eles possam falar, que possam aprender a se ouvir, e que jamais estejam na posição humilhante de vasilhas vazias que devem receber de maneira passiva os depósitos bancários de informação que o professor monologante realiza. Educação transgressora a nossa realidade é: Paulo Freire (1987, p. 38) conceitua a educação bancária como: “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados”. Vendo desse modo, é um processo de alienação onde a prática educativa do professor e também do aluno se torna vazia, pois “A realidade se dá a mim na ‘relação dialética’ entre objetividade e subjetividade.” (FREIRE, 1999, p. 35).

No que diz respeito à dialética do senhor e do escravo, Hegel (1992, p. 131) defende que “O que o escravo faz é justamente o agir do senhor, para o qual somente é o ser-para-si, a essência: ele é a pura potência negativa para a qual a coisa é nada, e é também o puro agir essencial nessa relação”. Lendo esse dueto entre Senhor e escravo, o senhor não busca e nem anima o escravo a ter identidade própria e nem o leva para a liberdade. É antagônico o que pensamos: o senhor inibe qualquer tipo de evolução – até mesmo o ato do livre pensar. O senhor deseja que o escravo fique dependente dele.

Perante essa reflexão, Paulo Freire faz uma dialetização entre o senhor e o escravo escrito por Hegel, e podemos fazer uma analogia entre professor e aluno. Entende-se que Freire faz uma crítica ao processo de absolutização, no qual os alunos ficam à mercê do professor e, quando estes estão à mercê ou na dependência do professor, fica impossível o processo de libertação: “O grande problema está em como poderão os oprimidos, que ‘hospedam’ o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia da libertação” (FREIRE, 1987, p. 20). É necessário que o ser humano construa um caminho abandonando o senso comum para assumir uma visão crítica da realidade. O homem é o único ser dotado da capacidade de agir conscientemente sobre a realidade objetiva, sendo a conscientização um aspecto intrínseco ao processo de aprendizagem.

Se fizermos uma reflexão sobre a educação bancária, perceberemos que a prática pedagógica pensada nessa visão, a referência é que roubamos a identidade dos alunos e transgredimos o desenvolver dos alunos a serem criativos, e eles(as) terão muita dificuldade no aprendizado. Esse tipo de educação seria uma castração da racionalidade e do desenvolvimento do ser. Isso não permite que sejam livres, reflexivos e críticos! A educação bancária anula o ser humano e, se essa educação for imposta, além de sermos anulados, poderemos acabar com a sociedade.

Para não acabar com a sociedade e não se anular pela opressão e pelo medo, o indivíduo deve se libertar e começar a enxergar a realidade do mundo. Para ver a realidade do mundo como um exemplo clássico se nós tomarmos o sentido de leitura como compreensão de mundo e não apenas restrita ao universo da língua escrita ou da língua falada, percebe-se que, quando o homem começa a usar o seu intelecto, permitindo a ele uma leitura, como por exemplo, da natureza, das nuvens, das têmperas etc., realmente começa um processo de racionalização, de humanização.

Quando o homem começa a ler com mais sistematização, ele passa a elaborar uma cultura muito mais racional. E quando descobre a escrita e passa a estruturar esse código escrito e a ler isso, dá um grande salto para construir uma civilização porque já possui uma coisa que

antes não tinha: a capacidade de registrar a sua vida e a sua cultura em seus alfarrábios, em suas tábuas, passando, então, a fazer disso um repositório de coisas que ele já fez ou pretende fazer.

Então ele começa a virar uma civilização que vai dar no que somos, ao ver a realidade de mundo, torna-se livre de pensamento, faz-se a reflexão e a construção de uma sociedade justa voltada ao amor e à esperança. Para que nós cheguemos a isso, o indivíduo vai se libertando de sua consciência da opressão que ele viveu e começa a ver e a modificar a sua compreensão de mundo, de si e do outro(a). Quando Paulo Freire e comentadores abordam o termo “ser mais” numa atualidade social, o povo enfrenta as adversidades postas na sociedade.

Porque ele compreendeu a dinâmica autoritária, fechada, sem razão e sem amor como exemplo da administração governada em nosso país se quer mudanças para uma realidade pessoal. Quando queremos “ser mais”, é um processo de transformação que nos reeduca como pessoas e também reeduca a sociedade. Ou seja, um processo de reconstrução para as melhorias no coletivo e também uma ressignificação para o pessoal. Tudo por meio de mudanças práticas internas onde o ser humano quer e necessita viver numa *polis* justa, onde possamos viver e gozar a vida e não apenas sobreviver, ficar na sobrevida! Segundo o pensamento de Freire, é necessário criar espaços de ação-reflexão, reflexão-ação que propiciem que o “ser mais” se emancipe, pois este “está inscrito na natureza dos seres humanos” (FREIRE, 1996, p. 39).

Então, Paulo Freire tem o entendimento a respeito de uma educação como prática da liberdade, onde nós seres humanos estamos sempre em busca de alguma coisa que nos complete e nos faça ser melhores em todos os aspectos; em suma, essa busca é de sermos mais e melhores. Quando nos dispomos a ser mais, transformamos a realidade e o efeito dessa realidade se reflete em nós mesmos. Por isso, Paulo Freire nos ensina que, quando nos aprofundarmos numa consciência crítica, é que nós conscientizaremos da realidade. Assim somos capazes de transformá-la mediante a consciência da conscientização e ter o compromisso consigo mesmo, com outro e com a sociedade, já que somos criticamente conscientes de nossa realidade de opressão. Assim seremos capazes de fazer uma boa ação com o olhar na superação.

Assim, podemos dialetizar o pensamento Freiriano com o pensamento do filósofo que é o “Pai do ateísmo” e muito célebre em seus escritos e reflexões, Ludwig Andreas Von Feuerbach, nas suas 11 teses, sobre as quais Marx faz a seguinte reflexão, a qual pode ser associada ao pensamento de Freire: “Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo” (MARX, 1845, p. 02). Ou seja, não basta apenas conhecer o mundo e sim saber descrevê-lo e conhecer sua mecânica e sua engrenagem de funcionamento a cada fenômeno que opera sua totalidade da realidade objetiva. Trata-se de

conhecer o mundo de acordo com um interesse de classe particular – no qual a classe trabalhadora tem o poder de modificá-la.

3.3 A conscientização

Paulo Freire dialetiza o termo conscientização, que é compromisso histórico, ou seja, o processo de reflexão crítica tem como base a pedagogia crítica de Freire e sua premissa de que uma formação crítica deve conduzir ao desenvolvimento de cidadãos, que sejam capazes de analisar suas realidades social, histórica e cultural, criando possibilidades para transformá-la, de forma a conduzir alunos e professores a uma maior autonomia e emancipação. O uso de uma linguagem crítica, que orienta o processo reflexivo, torna-se importante para a formação de professores e alunos conscientes do seu agir na sociedade e no mundo.

Nós que somos sujeitos e fazemos parte desta construção e reconstrução do mundo e também da nossa própria história. A conscientização não se encontra mais na relação de consciência/mundo, vai, além disso, pois ela é o convite a assumirmos uma posição utópica perante o mundo: “Desta maneira, o educador já não é mais o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogos com o educando que, ao ser educado, também educa.” (FREIRE, 1987, p. 44).

Não basta apenas estar no mundo, mas com o mundo e também pelo mundo – diante disso, somos seres condicionados e não determinados. Portanto, temos a possibilidade de transformar a realidade que oprime, pune, explora, é a mesma possibilidade dialética que conduz a nossa história e também da humanidade e nos dá um novo jeito de produzir e novas formas de viver em sociedade. Sabemos que sonhar é necessário para todos nós! Viver sem o sonho é perder as esperanças de algo melhor para todos nós. O ato de sonhar coletivamente é sonhar acordado, é o real, passa pelo desejo de uma forma justa, fraterna e humana de viver em comunidade – este é o primeiro ato para a transformação social: nunca perder a esperança na utopia que é possível.

A conscientização consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência e para que, de fato, se constitua implica em “que ultrapassemos a esfera espontânea da apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica.” (FREIRE, 1979, p. 15).

Assim, percebemos que o processo de conscientização é tão desenvolvido que devemos cada vez mais penetrar na sua essência dos fenômenos materiais, assim fazendo um desvelamento da realidade deva estar em plena constância. Devemos estar sempre curiosos e

explorar as situações limites, onde possamos alcançar o inacreditável. Freire nos chama atenção nas situações limites, nos dizendo que, quando percebemos as fronteiras entre o ser e o não ser, “começamos a atuar de maneira mais e mais crítica para alcançar o possível não experimentado contido nesta percepção.” (FREIRE, 1979, p. 17).

Quando nós seres humanos estamos diante da realidade, nos são apresentados vários desafios aos quais poderemos responder com o nosso próprio jeito de ser, ou seja, dar minha devolutiva a partir de minha práxis (ação/reflexão/ação sobre o mundo) diante daquilo que eu tenha experimentado, que seja da minha forma original. Logo, a cada resposta que damos, também haverá mais problemas a serem resolvidos. Esse é o desafio de nossa realidade que iremos enfrentar, e cada resposta que damos ocorre de um modo diferente.

O conceito de educação de Paulo Freire é muito importante para que possamos delinear um pensamento crítico reflexivo, filosófico e pedagógico. O ato de educar é um ato de instruir, é também disciplina, rigorosa! Aprofundando ainda mais no conceito de educação, podemos entender que a educação é um hábito, costumes de valores de uma comunidade onde são instruídos e passados de geração em geração. Fazendo uma breve reflexão no conceito de educação é um ato de “produzir saberes”. Isso porque o homem e a mulher são capazes de elaborar ideias, produzir e dialetizar as ideias em todos os conceitos – ou seja, somos os únicos animais racionais com a capacidade reflexiva de elaborar e de resolver problemas.

Diante disso, entendemos que a educação, quando é bem proporcionada para o ser humano, está inteiramente interligada com o pensamento crítico e reflexivo. O educando com ajuda do educador tem meios para fazer a sua reflexão crítica e a análise de mundo com sua própria visão e interpretação de mundo. Capacidade ou racionalidade crítica de abstrair as ideias, estas vão sendo internalizadas e, após serem abstraídas e “ruminadas”, tem-se uma ideia formulada com o seu próprio poder de reflexão própria a partir de ideias que foram dadas.

Paulo Freire nos chama muito atenção que, na educação crítica, o ato de ler não é somente caminhar sobre as letras, uma vez que o mais importante no ato de ler é interpretar o mundo, e o mais intrigante ainda é que haja a possibilidade de lançar a nossa palavra sobre ele! Ora, interferir no mundo pela ação. O ato de ler é uma tomada de consciência. Ler também é a interpretação de mundo em que se vive. A leitura é um ato de prática de liberdade: “Um texto estará tão melhor estudado quanto, na medida em que dele se tenha uma visão global, a ele se volte, delimitando suas dimensões parciais. O retorno ao livro para esta delimitação aclara a significação de sua globalidade.” (FREIRE, 1981, p. 09).

Então quando o ser humano tem a práxis de uma educação crítica e libertadora para que nos tornemos livres e críticos a partir da realidade que vivemos, a “educação” nos proporciona

que pensemos e nos expressemos como uma forma de entendimento, na qual somos direcionados para ação do ser humano, e podemos agir com um breve ou longo esclarecimento, ou seja, abstração das ideias do mundo e da realidade. A ação reflexiva e crítica tem sua grande relevância na vida dos cidadãos, uma vez que nos ajuda na formação de pessoas conscientes da realidade, da vida e do mundo. O pensamento filosófico com criticidade nos auxilia a chegar à verdade! Há três elementos importantes para chegarmos à realidade: a busca constante da verdade, a valorização das ideias e o raciocínio lógico.

O pensamento Freiriano, em sua filosofia pedagógica, faz uma abordagem crítica e libertadora sobre a educação. Ele condena os métodos tradicionais de ensino, pois o método tradicional de ensino não libertava os homens e as mulheres, deixando-os alienados da nossa sociedade. Além do mais, esse método de ensino não ajuda a capacitá-los a ter uma leitura crítica e uma visão de mundo autônoma.

Aprofundar nos pensamentos de Paulo Freire é o convite para todos, e de modo especial para os oprimidos, que por si só têm o direito de ser mais. Assim, irão na contramão daqueles que querem escravizá-los de corpo e de pensamento e irão contra a vontade do sistema de fazer serem menos em relação àqueles que são privilegiados.

Diante disso, a pedagogia Freiriana nos estimula cada vez mais a sermos livres, a almejar a liberdade no sentido maior de não sermos meros coadjuvantes, mas que sejamos atores e atrizes da nossa própria história e sejamos sujeitos de construção.

Na dialética Freiriana, são abordados alguns termos de suma importância que iremos aprofundar e fazer uma reflexão crítica que está atrelada à educação. O que é conscientização? Para que serve o diálogo que é tão falado nos escritos Freirianos e nos de seus comentadores para a mudança do ser humano? Qual o significado da palavra *problematizadora* nos tempos atuais?

Tais conceitos com os quais iremos dialogar são muito abordados nos tempos de hoje, pois podem levar o ser humano à liberdade em todos os âmbitos. A conscientização, no entender de Freire, é o processo de conscientização crítica, ao observarmos a realidade objetiva. Assim, ela tem como sentido uma transformação social que passa necessariamente pelo desenvolvimento coletivo de uma crítica sobre o que é o real e também uma superação da consciência ingênua.

Faz parte do processo de conscientização, onde o sujeito reconhece o mundo, tem consciência de classe, as classes desfavorecidas se reconhecem enquanto classe e também entendem a realidade das relações em que estão em torno de si, relações que oprimem e

exploram, o que impede a busca de “ser mais”: “Pessoas críticas, de raciocínio rápido, com sentido de risco, curiosas, indagadoras.” (FREIRE, 1996, p. 45).

É nesse meio, onde a educação faz a transformação, que a liberdade se inclui. Ela está nesse processo de desenvolvimento de uma consciência crítica, mediante uma realidade que impõe o ser humano a viver à margem e o deixa condicionado à não reflexão e ao pensamento acrítico. A reconstrução de um pensamento crítico individual e coletivo é a condição fundamental para a transformação! É a base de sustentação para uma nova sociedade democrática e também para um novo ser humano mais íntegro, pensativo e digno, que deve se posicionar como agente de transformação da sociedade e não ficar às margens das decisões políticas.

O objetivo desse processo educativo é a busca constante do vir-a-ser; ser mais. De acordo com Moreira (2010, p. 98), os educandos “devem ser capazes de realizar uma leitura de mundo que lhes permita compreender e denunciar a realidade opressora e anunciar a sua superação, com a construção de um novo projeto de sociedade e mundo a ser efetivado pela ação política”.

3.4 O diálogo numa visão Freiriana

O sentido de diálogo em Freire quando se fala dos “sujeitos”, por exemplo, professor e aluno(a) podemos entender que é o processo do ensino aprendizagem, pois somente o educador tem as condições de interagir e também de conhecer o pensamento do educando. Por isso, pode ajudá-lo nas suas dúvidas e também nas suas inquietações sobre o que está aprendendo.

O diálogo, se formos compreender, de um certo modo é inerente à condição humana. O ato de se comunicar é uma necessidade essencial dos seres humanos e também muito essencial à sobrevivência humana. O diálogo no pensamento de Freire é um dos pontos centrais para a atividade de ensinar, na qual o professor e o aluno são seres que atuam, atores de absoluta importância nesse processo. Diante disso, é por meio da dialogicidade que ocorre a conscientização dos alunos, é do jeito que o professor demonstra e dá respeito pelo saber dos educandos que estão na escola, e sem o qual não se tem como ensinar.

Freire nos traz uma proposta segundo a qual a educação deve estar na base do diálogo, onde o professor e o aluno sejam igualmente sujeitos do aprendizado, onde o conhecimento que o aluno já possui seja tão importante quanto aquele que o professor traz consigo, e isso possibilita uma construção conjunta de saberes.

E quando queremos ser mais, uma categoria muito importante é o diálogo e a conscientização problematizadora. O que é o diálogo numa proposta Freiriana? O diálogo faz parte da história e também do desenvolvimento do ser humano, a partir do qual podemos fazer uma reflexão da realidade do mundo e também da nossa sociedade e o “self” – o “eu” e nós. O diálogo por si só é feito de reflexões postas em relação a uma ideia que é socializada e (re)fletida e (re)construída em relação aos outros seres humanos, que é um elemento fundamentalmente social, que é exigido um pensamento crítico – reflexivo!

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideais de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p. 45).

O diálogo tem um significado muito importante, que é “nomear o mundo juntamente com os outros, em um ato social, processo que, por sua vez, o ajuda a entendê-lo por contra própria.” (AU, 2011, p. 252). Para Freire, o diálogo está presente na relação de professor e alunos, isso porque eles (as) interagem numa relação dialógica, na qual ambos fazem troca de conhecimento, troca de experiências e também abertura de consciência, onde o conhecimento de ambos cresce e vai a inúmeras direções.

Como sabemos, o diálogo faz uma relação entre homens e mulheres, ou seja, é a condição humana. O ato de se comunicar é dizer alguma coisa para alguém; e esse alguém ou esse algo pode se expandir a nível planetário. O ato de se comunicar pode servir uma nova descrição de fenômeno. Por isso, Freire faz uma crítica sobre a educação bancária onde o ser humano anula o outro e dá possibilidades de ser livre de pensar e agir por si só.

O conhecimento não é trabalhado, uma vez que o ato de estudar/conhecer/construir/reconstruir é fruto de uma reflexão e visão no que e onde nós estamos inseridos. Então, qual é a função do educador para o processo de um diálogo coerente e livre?

O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; (b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; (c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; (d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; (e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados; (f) o educador é o que opta e prescreve a sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição; (g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; (h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais são ouvidos nesta escolha, acomodam-se a ele; (i) o educador identifica a autoridade do

saber com sua autoridade funcional, que se opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; (j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos. (FREIRE, 1987, p. 34).

Quando fazemos uma menção sobre o diálogo em Freire ou uma educação dialógica onde o educador transmite seu conhecimento para os educandos numa visão tradicional, o educando apenas decora o conhecimento adquirido, percebemos que os alunos ficam alienados e ficam passíveis no questionamento e, diante disso, entendemos que os alunos não sabem nada. A sua criatividade e sua curiosidade são banidas. E, quando não somos criativos, curiosos e não questionamos não há transformação do ser humano e muito menos do mundo. Estes também são levados à não reflexão, a não serem eles mesmos que criam sua própria ideia são pessoas que se adaptam ao mundo ingenuamente.

Não é de estranhar, pois, que nessa visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres de adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. (FREIRE, 1987, p. 34).

Percebemos que a educação bancária é antagonicamente oposta a uma educação dialógica, onde não se difunde o conhecimento e apenas se decora e memoriza o que o professor diz:

Não pode haver conhecimento, pois os educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador. Não realizam nenhum ato cognoscitivo, uma vez que o objeto que deveria ser posto como incidência do ato cognoscente é posse do educador e não mediatizador da reflexão crítica de ambos. (FREIRE, 1987, p. 40).

Então, a educação problematizadora no pensamento de Freire nos leva a crer que ela conduz ao diálogo reflexivo e também ajuda o ser humano a ser criativo e curioso mediante a realidade em que nós vivemos e não podemos abrir mão da prática do diálogo. Tal prática rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária (FREIRE, 1987). Quando vemos a linha de pensamento sobre a dialogicidade, vemos também uma contramão do educador e educando, assim,

o educador já não é o que a pensa educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.

Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem junto e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. (FREIRE, 1987, p. 39).

Paulo Freire nos relembra intensivamente que a nossa relação com o outro ocorre por meio do diálogo, onde todos nós podemos ser iguais tanto no aprendizado quanto na vida social, podemos construir um conjunto de conhecimentos e de saberes. Para compreendermos melhor, a humildade é uma grande prática, pois

A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito para caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que em comunhão, buscam saber mais. (FREIRE, 1987, p. 46).

Logo, a conscientização encaminha para o diálogo e proporciona a construção e a reconstrução do conhecimento. Só o ato de pensar e agir nos possibilita que possamos usar o “*ratio*” sob os pensamentos, palavras e ações. Assim mediante a socialização, logo vemos diferentes práticas e somos chamados para uma nova transformação. Na práxis Freiriana, mediante o diálogo, há categorias muito importantes que são a reflexão entre teoria e prática. No entanto, “a conscientização não pode existir fora da ‘práxis’, ou melhor, sem o ato ação – reflexão.” (FREIRE, 1979, p. 15).

Mediante isso, o ser humano tem de compreender essa leitura da realidade que irá possibilitar a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica. A consciência ingênua é caracterizada por Paulo Freire pela simplicidade da interpretação dos problemas, julgando como tempo melhor ser o tempo passado, busca pelas explicações da realidade em mitos, fragilidade na argumentação, o envolvimento emocional em detrimento da razão, a ausência da prática de diálogo.

E consciência crítica, como a representação das coisas e dos fatos, na racionalidade, o domínio das emoções pela razão, capacidade de diálogo, aceitação de mudanças, objetividade na percepção do real. Freire menciona sobre a realidade do ser humano: “retalhos da realidade, desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação.” (FREIRE, 1997, p. 57).

Como já foi mencionado no capítulo anterior, Freire nos faz recordar que a conscientização para o ser humano é o compromisso histórico, ou seja, que tenhamos compromisso com o mundo e com o próximo!

Assim se faz a transformação da sociedade e também do ser humano. Para atingirmos o conceito de conscientização, devemos estar intrinsicamente ligados à compreensão de que é o processo de desenvolvimento de saberes verdadeiros e também de respeito das condições materiais no qual o ser humano se encontra, seu papel de produção e de sua situação de classe.

Entrando nessa linha de pensamento, percebemos a necessidade da mudança, da transformação, da mudança radical na prática social. Paulo Freire (1983a, p. 11) nos ensina que “se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa”.

Paulo Freire traz para a escola o princípio da relação professor-aluno. Muitas vezes, como em nossa vida social, tem-se apresentado também, envolvida pelo autoritarismo, a ausência do diálogo, exigindo de toda a aprendizagem da democracia, por meio da dialogação entre alunos, pais e professores, transformando a vida escolar em assunto de todos os envolvidos, assim como a vida política é assunto de toda a sociedade.

Para tanto, propõe uma educação transformadora, educação para a democracia pela participação de todos, calcada no homem livre, racional, capaz de promover mudanças através do consenso entre grupos e classes sociais, por meio de reformas histórico-culturais, ou seja, no pensar a realidade do trabalho humano como uma obra de cultura, um ato cultural.

Freire defende com insistência e com amor o direito à emancipação, pois ela é vista por ele como multiculturalismo, onde deve existir o direito de ser diferente do outro. Uma sociedade dita como democrática deve estimular o diálogo crítico sob diversas culturas e são vistas para uma ampliação e que se consolide nos processos emancipatórios. “Esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.” (FREIRE, 1983a, p. 17).

3.5 Esperança, autonomia e liberdade na Educação Freiriana

Diante dessa capacidade de reflexão, Freire contribuiu com a nossa leitura de mundo! A leitura de mundo é totalmente fundamental para a compreensão da importância do ato de ler e também no processo de reconstrução do pensamento humano. A leitura de mundo por meio do nosso pensamento é uma atitude de escrever e reescrever e transformar a nossa consciência e nossa prática de reflexão.

Para se chegar à tão sonhada emancipação ou nos tornarmos “sujeitos emancipados”, percebemos que há um caminho longo a prosseguir! Freire nos diz que o ser humano precisa

ter “a leitura de mundo” que é um grande elemento para a humanidade que é capaz de enxergar e intervir nos acontecimentos da sociedade onde estamos inseridos. “Dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão.” (FREIRE, 1987, p. 19).

Outros elementos são importantes para sermos sujeitos emancipados, dos quais trabalharemos com quatro categorias fundamentais, a saber: oprimido, esperança, autonomia e libertação. A formação do pensamento crítico, tomado pelo método, caracteriza-se como a mediação fundamental para o desvelamento do mundo e instrumento formativo para a constituição de uma pedagogia para a humanidade.

Para Paulo Freire, de acordo com seu método e seu modo de ver a educação e também como ele o vê a importância do educador e do educando, defende a necessidade de se mudar a realidade em nosso país. Isso se deve a uma educação bancária ou preenchendo-o de vasos, que não vê o educando como alguém que precisa se libertar e estes não libertos se tornarão uma sociedade amarrada em si mesma.

A pedagogia Freiriana tem como intuito construir e reconstruir o pensamento do ser humano e, sendo assim, o ser humano tem a capacidade da reflexão e nesse ato de pensar como ele ou ela se vê no mundo. E se olharmos nesta lógica num pensamento Freiriano, também nos faz ampliar a nossa visão de mundo onde vivemos. Como somos seres inacabados e seres de reconstrução, nos faz voltar o nosso olhar para si e uma grande inquietação então nos interpela: quando não somos oprimidos, somos seres da vida e da liberdade.

O oprimido só se liberta quando há esperança. O ser humano sem esperança não tem autonomia de si e nem se liberta. Ou seja, será oprimido pelo opressor e não consegue ver a realidade em todos os âmbitos. Quando tocamos e internalizamos a palavra “esperança”, ela nos remete a: a esperança brota do nosso coração onde o oprimido se sente acolhido com a forma que é tratada. A esperança do oprimido o faz abrir nossa visão e nossos horizontes. Sendo assim, possibilita ver as injustiças sociais e também percebe que o outro é oprimido ao longo da história: “Os sonhos são projetos pelos quais se luta.” (FREIRE, 2000, p. 26).

A esperança abre nossos olhos e nos impulsiona a denunciar o que há de mal no mundo. Ao nos tornarmos libertos e vendo a realidade no nosso refletir, temos a capacidade de nos tornarmos pessoas mais éticas! A pedagogia de Paulo Freire tem como objetivo dar meios ao oprimido para que ele (a) possa pensar por si próprio e caminhar com as próprias pernas. O ato do refletir e pensar como possa resolver algum problema é de total responsabilidade somente do ser humano.

Diante disso, podemos tomar decisões certas, onde todos não sejam prejudicados. A educação não internalizada ou uma educação em defasagem como nos tornamos a ser bom! Podemos sonhar com uma educação no amor, onde todos saibam refletir e tenham a consciência dos seus atos.

A pergunta fundamental que fazemos quando nosso grande propósito é “mergulhar em águas mais profundas” é: que importância neste estudo possamos aprofundar a *Pedagogia do Oprimido* como mediação da Educação cidadã para os dias atuais? Qual a relevância deste estudo em diversas vertentes: socioeconômico, político, cultural, educacional e entre outros? Refletir o pensamento de Paulo Freire nos tempos atuais é de suma importância pois as mudanças de paradigmas do *Hic ET Nunc* “Aqui e agora” são preocupantes.

Se observarmos no campo da educação ou propriamente dito a “escola” como o Educador possa educar o educando a pensar por si só? Como levá-los a refletir e ver como está a sua realidade e sua contribuição para o meio social? Entendemos que essas mudanças paradigmáticas não estão ocorrendo somente na educação e sim tudo que está em torno de nós, em áreas como: a política, a religião, a cultura etc. Se Freire estivesse com vida, como seria a educação hoje com uma visão da escola sem partido onde o educador não possa dar sua opinião e nem se mostrar como ele vê a realidade o modo que seus olhos estão percebendo mudanças?

Para haver uma possibilidade de mudanças, o professor crítico-reflexivo possui como uma de suas grandes características a preocupação com as consequências éticas e morais de suas ações na prática social.

O uso de uma linguagem crítica, que orienta o processo reflexivo, torna-se importante para a formação de professores e alunos conscientes do seu agir na sociedade e no mundo. Assim, as ações de linguagem suscitadas dos seus discursos não se baseiam apenas nos conteúdos programáticos, mas emergem de um processo reflexivo. Isso quer dizer que a linguagem pode servir como instrumento para o professor refletir sobre suas práticas educativas, ao mesmo tempo em que a utiliza como objeto de suas ações em sala de aula.

Nessa perspectiva, professores e alunos percebem-se como agentes transformadores e passam a se considerar atuantes no processo de transformação sociocultural e concebem a importância da coragem e da vontade de mudar suas realidades, a fim de proporcionar meios para uma ressignificação da escola.

Um educador transformador crítico insere a escolarização diretamente na esfera política e vice-versa. Dessa forma, ele concebe os alunos como agentes críticos, o conhecimento se torna problemático, o diálogo crítico e afirmativo e os argumentos, a favor de um mundo melhor para todas as pessoas. O educador crítico considera a voz ativa dos alunos, cujos sentidos e

significados de ser e estar no mundo, construídos historicamente, permeiam todas as suas ações no que se refere à sua aprendizagem, à escola e à sociedade.

E educação na escola se percebe este novo movimento que está por vir que é a escola sem partido temos a impressão que o educador vá para a sala de aula sem “alma”. Assim leva o educando a não pensar, a não refletir e a não observar o que está em sua volta. Assim, o educando vai percebendo que ele é uma máquina voltada ao trabalho, ao capitalismo desenfreado, onde a felicidade dele é o capital – a aquisição de bens. Ele não percebe que o trabalho dá sentido para ele e para a sociedade.

Percebendo estas mudanças paradigmáticas da escola sem partido e uma educação com um “novo velho”, princípio e regra de vida, onde se supõe que esses novos cidadãos terão êxito na vida profissional, moral, intelectual e religiosa a escola sem partido perde um grande elemento que é a reflexão!

O ato do pensar nasce dentro de uma escola onde se formam cidadãos com responsabilidade a escola sem presença na sociedade nos leva a uma grande preocupação futura, onde nossos educandos, ou o oprimido (a), não terão a capacidade de se autodesafiar, autoceticismo, ou seja, a dúvida que leva o ser humano a resolver problemas de si e do outro.

Reverendo toda essa problemática, a educação tem como objetivo preparar o educando para sociedade e não apenas prepará-lo com equipamentos tecnológicos, num espaço físico ou numa mobiliária. Temos de prepará-los e dar-lhes capacidade de realizar seu trabalho pensando, refletindo e problematizando a questão até resolvê-la! A proposta Freiriana é dar “ação” aos educandos uma ação no seu particular, mas visando a uma ação coletiva. Assim ele reflete e reescreve e reconstrói o seu “eu” no mundo.

E, nesse processo de reconstrução do ser humano e da sociedade, o próximo passo é ser autônomo numa sociedade tão escravocrata e que anula o sujeito. Mesmo assim, o ser humano deve ter leitura de mundo, onde ele considera as diferentes dimensões (cultural, social, política e pedagógica).

Percebemos que há inúmeros fatores que levam à autonomia, que é o papel do docente e do discente. Ou seja, é necessária a consciência do inacabamento, na qual os sujeitos partem de uma autonomia até alcançarem um autêntico conhecimento:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (FREIRE, 2000, p. 46).

A liberdade que tanto o oprimido almeja precisa ser conquistada por seu próprio esforço e em comunhão com os outros, pois como afirma Freire (1987, p. 33), “ninguém liberta ninguém e ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”, e quando o oprimido não consegue ver que é um alienado, não é uma doação que alguém faça, e sim uma busca dolorosa para encontrar essa liberdade, mergulhados nesse mundo que o opressor o expõe, os oprimidos têm medo dessa liberdade, ficam divididos em sair desse mundo no qual estão presos ou livrar-se, deixa-os confusos, e continuam sofrendo interiormente. “A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo” (FREIRE, 1987, p. 19).

A libertação do estado de opressão é uma ação social, não podendo, portanto, acontecer isoladamente. O homem é um ser social e, por isso, a consciência e a transformação do meio devem acontecer em sociedade. Mas como poderá o homem sair da opressão se os que os “ensinam” são também aqueles que os oprimem? No desenvolver de seu livro, Freire procura conscientizar o docente do seu papel problematizador da realidade do educando e de como a educação também tem um papel importante nesse processo de busca pela liberdade e que, por isso, Freire é levado a aprofundar alguns pontos discutidos em sua primeira obra: *Educação como prática da liberdade* (1967).

A educação problematizadora gera consciência do ser inserido no mundo em que vive e diz respeito à ideia de que deve existir um intercâmbio contínuo de saber entre educadores e educandos, com a intensão de que os últimos não se limitem a repetir mecanicamente o conhecimento transmitido pelos primeiros. Além disso, como ressalta Beisiegel (2010, p. 89), “Para a educação problematizadora, enquanto trabalho humanista e libertador, a importância assenta em que os homens submetidos à dominação lutem por emancipação”.

A educação problematizadora se assenta no diálogo por meio do qual professores e alunos estabelecem possibilidades comunicativas em cuja raiz está a transformação do educando em sujeito de sua própria história. É a superação da dicotomia educadora versus educando. Nesse processo de educação problematizadora, o professor aprende enquanto ensina pelo diálogo com seus educandos, de modo a estimular o ato cognoscente de ambos, ou seja, ensina e aprende a refletir criticamente.

O processo de educação é um ato eminentemente humano, pois só os homens têm consciência de sua incompletude e, por isso, buscam compreender o mundo em que vivem em sua finitude. Mas é no ser que transforma que ele percebe a sua importância, portanto é na educação problematizadora que gera história que se humaniza a sociedade

mostra que a educação baseada na esperança e no amor nos possibilita ser homens e mulheres de bem.

Para que o bem aconteça, Paulo Freire expressa que a escola é o lugar da humanização, do trabalho e do ensino. É um lugar onde a convivência permite estar continuamente superando, sabemos que a escola é o lugar onde nos faz pensar. Freire acredita na capacidade de homens e mulheres, pensando assim que a escola como instância da sociedade. Ele nos diz ainda: “não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de uma certa forma, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade.” (FREIRE, 1975, p. 30).

Freire reconhece e percebe a presença do oprimido e do opressor onde estes são convidados para a libertação e inicialmente pela libertação do opressor que está residido em nós, e para conseguirmos nos libertar mutualmente.

A dialética Freiriana em suas palavras a “Educação é um ato de amor”, onde homens e mulheres se reconhecem que são sujeitos inacabados e, portanto, são passíveis de aprender, sendo que não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda. “Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” (FREIRE, 1987, p. 79-80).

Ora, educar com amorosidade é proporcionar condições de ensino e aprendizagem, por meio das quais, estudantes possam ter acesso ao conhecimento, de modo, a serem livres para descobrirem a verdadeira vocação, se tornarem serem livres para criar, para escolher, para participar efetivamente das suas vidas, conhecendo e assumindo seu papel no mundo por meio da afetividade e do respeito, desenvolvendo suas potencialidades somando aos seus saberes, por meio da palavra e da ação, é desta educação que aqui falamos, mantemos a esperança da transformação dessa realidade digna e feliz.

A educação nos torna mais éticos porque aprendemos a pensar e a refletir sobre o que há no mundo. O ato de pensar é o principal instrumento reflexivo do homem. Assim, podemos tomar decisões certas em que os demais não sejam prejudicados.

A educação não internalizada ou uma educação em defasagem não nos possibilita sermos bons. Podemos sonhar com uma educação no amor onde todos saibam refletir e ter a consciência dos seus atos.

A educação tem de ser pautada na conversa, na comunicação entre professor e aluno e entre os colegas, assim a educação se tornará uma educação para a libertação, onde todos terão direito em expressar suas opiniões. Mediante esta dialética, vemos: “problematizando as

condições da existência humana no mundo, desafia para a luta e a busca da superação das condições de vida desumanizadoras” (MOREIRA, 2010, p. 97).

É de suma importância que o educador tenha um olhar humanitário. Se formos humanitários, então, brotará a esperança. Ela é uma invenção do ser humano e hoje faz parte da própria natureza que se vai constituindo histórica e socialmente. Ou seja, a esperança é um projeto do ser humano e é também a viabilização do projeto.

Uma sociedade sem amor e sem esperança é como se jogar toda a nossa dignidade fora tornando-nos seres aprisionados. A prisão é antagonista do amor. Quem vive na prisão, vive no medo. Diante disso, podemos interligar com a dialética Hegeliana e percebemos uma esfera da consciência e da ideologia, especialmente voltando o nosso olhar para o oprimido – uma relação da dialética do Senhor e do escravo, percebendo a realidade de uma escravatura estrutural na sociedade:

O que caracteriza os oprimidos, como “consciência servil” em relação à consciência do senhor, é fazer-se quase “coisa” e transformar-se, como salienta Hegel, em “consciência para o outro”. A solidariedade verdadeira com eles está em com eles lutar para a transformação da realidade objetiva que os faz ser este “ser para outro”. (FREIRE, 1978, p. 37-38).

A práxis libertadora nos dá ‘animus’ – ‘alma’ – para que possamos enfrentar as dificuldades sem medo e sem repressão. Quem tem medo não vive. E a proposta do ser humano é que devemos perder o medo e viver a vida com amor e na esperança.

É preciso sempre alimentar a esperança de que a mudança é possível. De que as injustiças, as desigualdades, a miséria possam um dia, senão desaparecer completamente, ao menos serem amenizadas ou corrigidas.

Não podemos também nos acomodar, usando como pretexto a desesperança, e compactuarmos ainda que indiretamente com os escândalos e com problemas sociais que nos afetam diretamente. Por isso, a *Pedagogia da Esperança* é também um reencontro com a *Pedagogia do Oprimido*. Com efeito, a luta dos oprimidos e sua libertação estão diretamente conectadas à percepção dessa situação opressora/alienante e a criação de alternativas a essa situação. É o que percebemos, quando escreve:

Sua luta se trava entre eles (os oprimidos) serem eles mesmos ou seres duplos. Entre expulsarem ou não o opressor dentro de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. Entre seguirem prescrições ou terem opções. Entre serem espectadores ou atores. Entre atuarem ou terem a ilusão que atuam, na atuação dos opressores. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados em seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo [...]. A

libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce desse parto é o homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressor-oprimido, que é a libertação de todos. (FREIRE, 1987, p. 36).

A pedagogia do oprimido nos faz pensar como podemos ser mais conscientes e também como aprender a ser mais humanos nos voltando cada vez mais para a liberdade e nos desamarrando do opressor e a não ser mais oprimido.

Pode-se afirmar que a luta dos oprimidos só nos dá sentido quando buscamos a humanidade e não sentimos idealisticamente opressores, e sim, somos aqueles que irão restaurar a humanidade. Diante disso, o nosso objetivo consiste em ter uma tarefa humanística e histórica dos oprimidos assim nos libertando dos opressores. Ao reler a pedagogia do oprimido podemos analisar que é o instrumento para uma descoberta crítica, ou seja, retrata a manifestação da falta de humanidade.

Os oprimidos almejam a libertação por meio da luta diária e na força do seu trabalho e o opressor é aquele manipula, oprime e controla a grande massa para que seus interesses sejam realizados. Assim, ele enriquecerá cada vez mais e colocará às margens o oprimido, a fim de que este nem tenha a capacidade de pensar a realidade no qual está inserido.

Em relação a Paulo Freire, percebemos que sua proposta no tocante à aprendizagem é a valorização do sujeito autônomo se apresenta como a principal via para o processo de construção do conhecimento, não abrindo espaço para o tradicionalismo e autoritarismo no ensino. Freire prega a formação integral do sujeito cognoscente, valorizando não apenas a formação acadêmica, mas a formação para a vida que perpassa os muros das escolas e que considera o indivíduo em todas as suas dimensões.

Que seja estimulada a aquisição de conhecimento e conseqüente autoria de pensamento, garante-se uma formação global do sujeito, sobretudo, uma formação para a vida, que não está vinculada unicamente ao conteúdo escolar ou acadêmico.

E como já sabemos, o oprimido não se liberta sozinho, e sim, em comunhão em comunidade, onde os opressores não oprimam mais e o oprimido faça uma quebra de estrutura opressora diante do engajamento e da comunhão de homens e mulheres. “A pessoa conscientizada é capaz de perceber claramente, sem dificuldades, a fome como algo mais do que seu organismo sente por não comer, a fome como expressão de uma realidade política, econômica, social, de profunda injustiça.” (FREIRE, 1994, p. 225).

O oprimido sempre luta pela liberdade e também que ele (a) seja autônomo (a) e dirija a sua vida por si só. Para MacLaren (1987), Paulo Freire não foi apenas um educador. Ele foi um revolucionário antes e depois de seu tempo. Freire lutava pela justiça social e também queria

transformar a educação e, devido a sua pedagogia e também a sua filosofia, construiu uma forma de pensamento revolucionário que revolucionaria a educação e o mais importante que é o ser humano. “Começou como um meio a conferir poder a oprimidos camponeses brasileiros, atingiu um *status* legendário através dos anos. Poucos educadores caminham sabiamente e com tanta determinação entre as fronteiras de linguagem e de cultura.” (MCLAREN, 1987. p. 327).

E entrando nesta mesma linha de raciocínio, Giroux (1997) lembra-se de Freire como um homem que não era apenas do seu tempo, ele percebia o futuro e contribuiu muito com a pedagogia crítica. Para que uma pedagogia crítica seja desenvolvida como forma de política cultural, é imperativo que tanto os professores quanto os alunos sejam vistos como intelectuais transformador.

Quando falamos sobre a práxis, podemos nos lembrar das virtudes que Freire mencionava em seus escritos e reflexões. As virtudes para uma prática libertadora ou uma prática transformadora são: Coerência, simplicidade, autonomia, gosto pela democracia e a utopia. Essas são as virtudes que Paulo Freire colocava e também aplicava no dia a dia. O ser coerente não é teimosia e sim uma forma de esperança permanente.

O testemunho era outra prática de Freire. Ser testemunha daquilo que ele pensava. Mediante a coerência entre a teoria e a prática, vem a solidariedade. Outra virtude era simplicidade. O simples não é fácil, ora, mas o ser simples é difícil. Isto é um tipo de sabedoria. A simplicidade era uma abertura da escuta e do diálogo e depois vem as problematizações e possivelmente a dialetização dos questionamentos levantados. O ser simples é ser complexo, denso, porém humano.

O ser autônomo é a capacidade de decidir e de tomar em suas mãos o seu próprio destino, que também é o fruto da reflexão, levantamento dos problemas, é preciso ser inteligente e criativo para resolver os problemas. E aí se toma a decisão e guia a sua própria vida por meio da reflexão e escuta, dando seguimento para a sua vida:

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer. (FREIRE, 1996, p. 86).

Quando comentamos sobre a práxis, não podemos deixar de fazer uma dialetização sobre a esperança; a esperança se torna uma parte central nas obras escritas de Paulo Freire que é compreendida numa condição para as relações dialógicas. “Movo-me na esperança enquanto luto e se luto com esperança, espero.” (FREIRE, 1987, p. 52-53).

Pontuando que a esperança está intrinsicamente interligada com a práxis, ou seja, uma necessidade ontológica que precisa da prática para que se torne a realidade histórica. Percebemos que a esperança nem sempre é geradora, mas é uma realidade que se torna necessária e também para o exercício de uma esperança crítica e autocrítica.

Fazendo uma conexão com outros autores, percebemos também que a esperança, o inacabamento, o diálogo e a utopia são fatores vitais para a mudança do ser humano e mudança de uma sociedade neoliberal.

A esperança, para Webb (2010), tem uma ligação muito importante nas relações educativas. A finalidade da educação em Freire então com bases nas compreensões da esperança que visa à busca constante do pensamento crítico e do pensamento do ser humano na sua completude, “a esperança é caracterizada como uma busca constante, então a finalidade da educação é agir como seu guia permanente.” (WEBB, 2010, p. 327).

O homem e a mulher sem esperança se tornam desesperados, à mercê do inacabamento e ficam imobilizados, “De que a esperança tem sentido se é partejada na inquietação criadora do combate na medida em que, só assim, ela também pode partejar novas lutas em outros níveis.” (FREIRE, 1992, p. 101).

Freire faz uma argumentação importante, na qual defende que o ser humano vive uma relação dialética entre dois fatores: o condicionamento e a liberdade. Mediante isso, o pensamento de Freire nos diz que os seres humanos são a consciência de si, ora, é também consciência do mundo, porque “são um ‘corpo consciente’, vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade.” (FREIRE, 1987, p. 57).

Temos de ter a plena convicção disso, além do mais, é importante compromisso com a esperança, que está interligada com o condicionamento e a liberdade, estas duas categorias Freirianas nos dão uma definição da existência do ser humano que alguns vivem condicionados e não determinados para a liberdade.

Muitos seres humanos estão condicionados às coisas do mundo que o estão distanciando de sua realidade. Então, podemos compreender que cada vez que ele não se liberta, que não tem esperança, não tem o livre arbítrio, ele está condenado à incompletude. Por isso, percebemos na sua compreensão histórica no qual não se é permitido que o sujeito fosse determinado. Ter a força da esperança em nossos corações nos faz procurar cada vez mais o tensionamento da incompletude, da mesma forma que procuramos um direcionamento para a transformação do sujeito, do eu e do mundo.

A esperança em si e no próximo tem uma correlação com a conscientização de homens e mulheres que são sujeitos da transformação da própria realidade social. Isso significa que

todos possuem a capacidade crítica e reflexiva de interpretar o mundo por meio da reflexão, do diálogo, da ação e da construção de saberes diferentes para um bem comum e pela sociedade em que vivemos.

A esperança, para Freire, é movimento, ou seja, é não ficar à espera. O ser humano deve caminhar rumo aos seus objetivos sem se esquecer de seus deveres e direitos! É a própria condição humana; o natural do ser humano é ter esperança e nunca perdê-la. O autor nos diz que a esperança é de extrema necessidade para ação, diz o autor:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar, porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. (FREIRE, 1992, p. 37).

Antagonicamente ao refletir sobre a esperança, o conceito da desesperança é o desvirtuamento onde se representa toda a negatividade e inverso ao pensamento de Freire, onde o ser humano possa ser livre e dono de sua própria vida a partir de sua reflexão, trabalho e reconstrução de si e ajuda mútua com o próximo – possamos dizer que é uma concepção impositiva de barreiras – limite onde em uma realidade de uma não mudança da história. Percebendo a perspectiva Freiriana sobre a esperança, ele nos diz que a ideia instrumental de futuro não depende da transformação num viés de ação transformadora, diz o autor:

A desproblematização do futuro numa compreensão mecanicista da História, de direita ou de esquerda, leva necessariamente à morte ou à negação autoritária do sonho, da utopia, da esperança. É que, na inteligência mecanicista, portanto determinista da História, o futuro já é sabido. A luta por um futuro assim “a priori” conhecido prescinde da esperança. (FREIRE, 2001, p. 81-82).

Mediante essa reflexão, Freire dialetiza a necessidade da consciência da ação transformadora, que tenha um reflexo pessoal e coletivo sobre as condições concretas que estão acontecendo na sociedade e que se reflete em nós.

Devemos pensar que, na história e na produção de cultura pelos sujeitos, há um ponto relevante, mediante a construção da realidade e também do nosso futuro, é essa noção que nos faz gerar a percepção e a relação sobre a transformação que podem ser feitas mudanças na sociedade que nos possibilitem melhorar e transformar a sociedade. O livro escrito de Paulo Freire escrito a carta para Cristina - “a pessoa conscientizada tem uma compreensão diferente

da História e de seu papel. Recusa acomodar-se, mobiliza-se, organiza-se para mudar o mundo” (FREIRE, 1994, p. 30).

Na análise de Giroux e McLaren (1989, p. 147) podemos observar que a esperança em Paulo Freire vai muito além de nossas perspectivas e que nos faz direcionar numa dialética específica abordado no termo da esperança, que possamos dizer que há mais categorias elencadas que são a emoção ou percepção de futuro, que pode gerar mais três termos específicos pelos autores: “De fato, esperança é muito mais do que uma emoção – é uma forma de intencionalidade cognitiva, de asserção ontológica e de consciência antecipatória”.

O primeiro termo diz a respeito à abordagem do objeto do conhecimento propriamente dito, como o inacabado, o incompleto, ou seja, aquilo que nos falta e nos faz querer trabalhar e melhorar para que possamos estar em constante construção. Já o segundo nos diz que a asserção ontológica tem relação com a produção de si e a noção que mulheres e homens têm de si como seres históricos e agentes de transformação.

Então a consciência antecipatória está relacionada com a perspectiva que sonho e utopia trazem para a produção de realidades, que nos faz viver e não perder a vida, traçar projetos próprios e comunitários, onde possamos ver uma sociedade com a “polis” ideal e justa, e que as nossas ideias possam melhorar a sociedade e também a cada um de nós. Sendo assim, realizaremos ações transformadoras para mudança externa e interna do mundo, sociedade, bairro e vilas em que estamos engajados.

Diante dessas reflexões, podemos compreender os termos, conceitos e também as estruturas benéficas dessas concepções sobre a esperança em Freire. Pode-se compreender que essa relação estreita entre as ações e atividades, que em termos gerais poderiam ser vistas como 'posturas' ou 'abordagens' para a caminhada de uma sociedade mais igualitária, onde o problema de um é diferente do outro e pensamos assim que próximo deverá ter o mesmo problema e possa ser compreendido e solucionado a partir da nossa perspectiva.

Nesse pensamento lógico e sistemático, podemos sugerir reflexões sobre uma abordagem calcada na esperança como categoria ou requisito e isso faz parte da concepção da ação cultural como ação transformadora.

Na afirmação de Paulo Freire, estamos percebendo o potencial de transformação da ação, e se a ação é prática da cultura e da história como forma de conscientização em relação às opressões pode sugerir uma relação com o projeto que se baseia também nessa ação cultural de libertação.

Em plena sincronia e também em comunhão com a reflexão da autora, Ana Lucia Souza de Freitas (2001, p. 29), defende que “sonhar é imaginar horizontes de possibilidade”. Diante

dessa reflexão, nunca podemos perder a utopia e devemos vislumbrar e reordenar novas alternativas; sempre acreditar que é possível; persistir nos objetivos que traçamos; jamais desistir de nossas lutas, sendo assim a lógica do pensamento:

A capacidade de sonhar coletivamente, quando assumida na opção pela vivência da radicalidade de um sonho comum, constitui-se numa atitude de formação que orienta-se não apenas por acreditar que as situações-limite podem ser modificadas, mas, fundamentalmente, por acreditar que essa mudança se constrói constante e coletivamente no exercício crítico de desvelamento dos temas-problemas sociais que as condicionam. O ato de sonhar coletivamente, na dialeticidade da denúncia e do anúncio e na assunção do compromisso com a construção desta superação, carrega em si um importante potencial (trans) formador que produz e é produzido pelo inédito-viável, visto que o impossível se faz transitório na medida em que assumimos coletivamente a autoria dos sonhos possíveis. (FREITAS, 2001, p. 29-30).

Percebe-se que, em tudo que fazemos de nossos sonhos, há uma forma de luta das causas sociais que queremos e também acreditamos, sonhar é bom, mas não sozinhos e não em nossos “palácios de cristal”; sonhar é um ato que se realiza na coletividade, pois este é o movimento de transformação, ou seja, “movimento transformador e esperançoso.” (FREITAS, 2001, p. 127), fortalecendo sempre as nossas buscas, almejando sempre as nossas buscas, conquistando as nossas conquistas de luta, e superando as adversidades e dificuldades da vida e o mais importante: transformando e melhorando a nossa sociedade.

De acordo com as palavras de Freire (1992, p. 91), “não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança”. Em comunhão com o pensamento de Ana Lúcia de Souza de Freitas, que “sonhar é imaginar horizonte de possibilidades”. Ou seja, é sonharmos com as alternativas! Que possamos acreditar! E lutar por nossos objetivos, sempre! Sendo assim que

A capacidade de sonhar coletivamente, quando assumida na opção pela vivência da radicalidade de um sonho comum, constitui-se numa atitude de formação que orienta-se não apenas por acreditar que as situações-limite podem ser modificadas, mas, fundamentalmente, por acreditar que essa mudança se constrói constante e coletivamente no exercício crítico de desvelamento dos temas-problemas sociais que as condicionam. O ato de sonhar coletivamente, na dialeticidade da denúncia e do anúncio e na assunção do compromisso com a construção desta superação, carrega em si um importante potencial (trans)formador que produz e é produzido pelo inédito-viável, visto que o impossível se faz transitório na medida em que assumimos coletivamente a autoria dos sonhos possíveis. (FREITAS, 2001, p. 29-30).

Mediante as palavras de Freire em comunhão com Ana Lúcia, percebemos que não é possível viver sem esperança, certo que a vida é feita de luta, escolhas e também ações. O que nos questiona ainda mais é como seria se tivéssemos a certeza da fatalidade? Se não tenhamos

escolhas como não podemos sonhar por um mundo mais justo, correto e igualitário? Sabemos que a esperança nos movimenta, faz o movimento da história e também o movimento do mundo.

Dessa forma, façamos dos nossos sonhos uma forma de luta pelas causas nas quais acreditamos; sonhemos sim, mas não sozinhos e isolados; sonhemos coletivamente, pois este é um “movimento transformador e esperançoso” (FREITAS, 2001, p. 127), fortalecendo nossa constante busca, potencializando as nossas conquistas, a superação das dificuldades, e a transformação da nossa sociedade.

A autora Ana Lúcia Souza de Freitas nos faz uma relação sobre o sonho e com a esperança e na mudança da sociedade e ela acrescenta ainda que

o sonho [...] tem forte conotação política e está associado à visão de história como possibilidade [...] o sonho, a esperança, o entusiasmo, a imaginação e a alegria dialetizam-se na historicidade que constrói sua impossibilidade de ser. [...] é na luta, que se faz também de indignação, de inconformismo, de raiva e de radicalidade, que se constrói uma perspectiva de futuro capaz de manter viva a esperança, indispensável à alegria de ser e de viver. [...] torna-se fundamental exercer-se como sujeito, assumindo posição e tomando partido na luta de interesses que constrói a história como possibilidade. (FREITAS, 2001, p. 127).

Segundo o pensamento de Paulo Freire (1992, p. 10), a esperança é “necessidade ontológica, um imperativo excepcional e histórico”, e ainda que “não há esperança na pura espera, isto é, na imobilidade e na paralisia. Se a meta é a criação de um amanhã diferente, sua construção tem que ser iniciada hoje”.

Ora, jamais devemos nos esquecer de nossas lutas! Lutar por quê? Porque além de ser um direito, dignamente é o que se pode fazer até o nosso fim. Precisamos renovar a nossa esperança e continuar lutando sempre para que possamos ter uma vida melhor, uma sociedade melhor e possamos ser a sermos “gente” de verdade que tenha valores o que é a vida e também qual é o sentido da vida. Pensarmos nos oprimidos e desanimados, muitas vezes, que estão às margens da sociedade e são e estão esquecidos e na sobrevivência e deve-se fortalecê-los, dando primeiramente o amor fraterno e mostrar que ele (a) existe dar possibilidade que possa lutar por aquilo que é seu, dar testemunho e mostrar-lhe que há jeito de mudar o nosso entorno e evidenciando que unidos somos fortes e somos mais!

Temos a plena capacidade de fazer as mudanças que estão em torno de nós. O poder de mudar algo são nas nossas relações políticas, sociais, culturais e a cultura. Deve-se ficar bem claro em nossa mente que possamos ter um posicionamento, ou seja, saibamos nos posicionar

mediante uma problemática. E crermos nas nossas decisões que estejam vinculadas às nossas ideologias e, diante disso, cabe a ação de fazermos algo melhor na sociedade.

Desse modo, numa visão Freiriana, com a característica de uma consciência crítica desenvolvida por meio da reflexão, do diálogo, da troca de experiências e das partilhas de um com os outros e sem contar que há diferentes tipos de saberes vivenciados diariamente. Então Jaime José Zitkoski (2010, p. 117) salienta ainda que:

Através do diálogo podemos olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação. [...] o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico - problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e nossa ação humanizadora.

Portanto, nessa dialética de Freire e outros autores, podemos pensar que precisamos todos nós assumirmos os riscos, independentemente de qual cargo temos, se somos professores, alunos, independentemente da classe social! Ou seja, todos nós somos responsáveis e também temos a grande responsabilidade que todos nós somos educadores, cidadãos, e por isso, também somos seres políticos; de certa maneira precisamos ser um grupo com os mesmos ideais e sonhos, olhando na mesma direção. Temos de nos entregar sempre e estar sempre pronto para a entrega, encarnar e internalizar as nossas utopias e agirmos fora da neutralidade cômoda e hipócrita que estamos vendo nos dias atuais. Esperamos sempre o primeiro pontapé do outro, precisamos anunciar nossas opções sem medo ou covardia.

Como diria Freire, “lavar as mãos” em face da opressão é reforçar o poder opressor, é optar por ele:

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerente. (FREIRE, 2000, p. 33).

Então, como já sabemos, não podemos deixar essa grande carga e responsabilidade para a educação e acreditamos que ela por si só não é elemento suficiente para a transformação social na qual acreditamos. Todo ser humano deve ser consciente e comprometido na sua posição de educador naquilo que foi competido. Educar é um ato político, um ato de esperança, é um ato de liberdade, e assim somos capazes de transformar nossa sociedade, por meio de uma prática assegurada no comprometimento, fazendo de todo ato, um ato educacional e político, de

esperança e de luta, isso tendo em vista que a distância entre o sonho e a realidade é um espaço de luta de criação (FREIRE, 2000) e também jamais podemos perder a esperança.

É imprescindível a nós educadores e também a todas as classes sociais e movimentos sociais que possamos adotar fielmente uma postura crítica-reflexiva na busca dos nossos sonhos para que tenhamos uma sociedade justa e liberta! Precisamos conscientemente levantar as nossas bandeiras, quaisquer que sejam elas e sermos um só e um somos todos em defesa dos nossos direitos e não esquecermos nossos deveres como cidadãos e cidadãs, resistindo aos obstáculos criados contra nossa dignidade e o valor da vida, sem medo. Assim nos diz Paulo Freire (2000, p. 27): “O futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo”.

Não podemos jamais incansavelmente de parar de lutar por nossos sonhos e ideais nunca, seja por meio da palavra dita ou escrita, lutar é nosso direito existencial! Faz parte da nossa natureza humana: sonhar, lutar, ter fé em si e no próximo, jamais desistir naquilo que faz o bem, amor mutuo com responsabilidade de mudança sempre. E é necessário que possamos construir e reconstruir nossa morada e nossa sociedade, um por todos e todos por um.

Nessa mesma direção, ao refletir sobre a liberdade e educação, Weffort (1975, p. 07) destaca que

O tema da educação como afirmação da liberdade tem antigas ressonâncias, anteriores mesmo ao pensamento liberal. Persiste desde os antigos gregos como uma das ideias mais caras ao humanismo ocidental e encontra-se amplamente incorporado a várias correntes da pedagogia moderna. Não obstante, este ensaio guarda sua singularidade. Aqui a ideia da liberdade não aparece apenas como conceito ou como aspiração humana, mas também interessa, e fundamentalmente, em seu modo de instauração histórica. [...] trata-se, como veremos, menos de um axioma pedagógico que de um desafio da história presente.

Seguindo bem essa linha de pensamento, podemos ver que nos textos de Paulo Freire há uma constante referência ao potencial humano de sair da margem e no lugar dele que é de luta e mostrar que há uma mudança de curso na ótica dos problemas, tanto no lugar que ele vive possa sair da comodidade buscar um lugar para o seu trabalho, fazendo o uso da racionalidade que é o fruto de sua reflexão e assim passam a ser vistos como elementos de um contexto mais complexo e frutífero e possível de ser superado.

Entendemos que aí reside e interpreta a luta e também a sua noção de liberdade, aquela que se manifesta no processo de se embrenhar nos difíceis domínios da dominação social, representada não só pelos meios econômicos e suas desigualdades, mas pelas representações

psíquicas, biológicas e culturais que reforçam e reiteram a autoridade do opressor, imposta nas grandes massas que são as minorias.

Podemos entender que a Liberdade não é um fim, mas um meio; talvez aí esteja a singularidade de que fala Weffort. Liberdade que não se aceita ser limitada por predefinições que a pequena massa que coordena e controla possa liderar.

Freire nos concebe que o homem é um ser histórico e livre. Freire faz uma bela interpretação do ser humano como dotado de possibilidades, de ideias, um ser que tem autonomia e capaz de libertar a si e também ajudar a libertar do outro, e se envolvendo na transformação do mundo e para auxiliar na libertação de si e do outro.

A antropologia que Paulo Freire adota mediante o livro *Educação como prática da liberdade* (1967) nos propõe e também nos oferece os componentes de um pensador que tinha consigo a perspectiva cristã, humanística, filosófica e marxista e alguns elementos do existencialismo francês. Na sua concepção podemos compreender que o ser humano é um ser “transcendental” e com capacidade de refletir filosoficamente sobre o ser humano.

O homem, ao se relacionar com a natureza e a cultura, é marcado por elas, enquanto, igualmente, deixa sua marca. Por meio das relações com os outros homens, mediatizados pelo mundo, realiza plenamente a sua humanidade. Porém, sua interferência se define e se limita no interior da realidade histórico-social determinada. Por isso, somente a formação e o desenvolvimento de uma consciência capaz de aprender criticamente possibilitam o exercício da sua ação criadora.

O pensamento, desta forma, na concepção Freiriana, é entendido como consciência, a capacidade humana de refletir acerca de si próprio e da sua relação com o mundo, de ser que coexiste “no e com o mundo, como ser de práxis, prática consciente reflexiva, intencional, temporal e transcendental.” (FREIRE, 1981, p. 66). De tal forma que somente o homem pela capacidade de conscientizar-se e agir sobre a realidade se faz ser reflexivo. O homem justamente por refletir, inclusive sobre a própria limitação, é um ser plural, aberto, capaz de realizar operações complexas e, ao mesmo tempo, captar a realidade, expressá-la, por meio da linguagem que é sua própria criação, e sobre ela agir, transformando a si mesmo e ao mundo.

Como habitamos este mundo, dá para se notar que o ser humano deve ser visto como um ser histórico e também ele (a) faça parte da história a partir de sua reflexão, suas lutas sociais e pela força do trabalho e pela luta pela vida. Além disso, a humanidade deve ser compreendida como um ser em aberto, um ser em plena transformação e ser de reconstrução. Os homens e mulheres não podem ser vistos como objeto, coisa, mas como sujeitos de seu processo de libertação que os leva para a felicidade.

Nas leituras de Freire, podemos elencar que é necessário, a partir da experiência de vida e de liberdade, que possamos realizar as modificações na consciência, mudando da consciência ingênua para a consciência crítica reflexiva construtiva. Com tal perspectiva, podemos internalizar com essa reflexão que podemos confirmar que Paulo Freire não teoriza a liberdade a partir da doutrina liberal, mas a partir de componentes existencialistas como os presentes.

O ser humano está na concepção Freiriana, destinado à humanização e não à coisificação (FREIRE, 1987). Permeado pelos ideais de uma nação alfabetizada, a obra de Freire, em suas origens, lida diretamente com a preocupação social e política de estar junto às camadas populares nos processos de alfabetização.

Perante isto, nós podemos evidenciar que a tal postura que adotamos não está somente voltada para a educação e alfabetização! O que queremos dialetizar e concluir que se está destacando são as práticas políticas, sociais e libertadoras. Entendemos que é a partir da superação da dicotomia opressores-oprimidos que o sujeito é libertado. Isso implica dizer que tal relação ocasiona a desumanização das pessoas. Logo, o ser humano é capaz de transcender a sua realidade e ao mesmo tempo inserir-se no mundo. É exatamente por estar tão inserido e perceber-se finito que, na concepção de Freire, o ser humano é capaz de transcender.

Aprofundando no pensamento de Freire e com relação ao pensamento da Teologia da Libertação podem-se compreender melhor quais os significados da libertação calcada na esperança e a liberdade dos oprimidos no contexto da realidade brasileira. Destaca aqui a experiência do pensamento cristão, como práxis mobilizadora da luta pela libertação aberta para todos que estão dispostos a escutar e acolher e sem discriminação num ponto de vida que prima pela tolerância e transformação para todos os homens e mulheres.

É muito importante ressaltar que Freire tem uma vinculação histórica como pensamento cristão, que a transforma numa grande inspiração teórica e prática para o surgimento e engajamento da teologia da libertação. Para Leonardo Boff, existem pontos comuns entre a pedagogia Freiriana e a teologia da libertação, assim como também essa teologia, no processo de educação popular para a formação do pensamento crítico, apropria do pensamento e método Freiriano:

A Teologia da Libertação, na esteira de Paulo Freire, assumiu e ajudou a formular essa estratégia. É uma solução adequada à superação da pobreza. Quando essa prática vem motivada pela fé cristã e o seguimento de Cristo, fornece a base de uma reflexão crítica, que passa a se chamar então de Teologia da Libertação. (BOFF, 2014, p. 13).

Mediante isso, entendemos que o processo de educação comprometido com a formação do pensamento crítico, não se limita ao espaço da formal. A formação da consciência crítica pensada por Freire ganha relevância na educação organizada pelos movimentos populares em diferentes vertentes e acepções. Nesse movimento de práxis educativa, faz-se importante compreender que libertação é processo de luta para a sua conquista. Portanto, a libertação só pode acontecer se houver uma assunção crítica nas contradições que inter cruzam na relação da vida cotidiana. A libertação não constitui numa simples abstração teórica ou no praticismo ingênuo. Pelo contrário, é uma práxis que integra e interagem com ação e reflexão entre estes dois movimentos complementares em conjunto. Neste sentido, que Freire denuncia o “fatalismo libertador” inscrito em práticas e teorias que partem de leituras a-históricas da realidade.

Por estar no mundo, o ser humano deve ser visto como um ser histórico. Além disso, o homem deve ser compreendido como um ser em aberto. O homem não pode ser visto como objeto, coisa, mas como sujeito de seu processo de libertação. Freire ressalta que é necessário a partir da experiência de liberdade realizar a modificação na consciência, passando da consciência ingênua para a consciência crítica.

Com tal perspectiva, podemos confirmar que Freire não teoriza a liberdade a partir da doutrina liberal, mas a partir de componentes existencialistas como os presentes na obra de Jean Paul Sartre. O ser humano está na concepção Freiriana, destinado à humanização e não a coisificação.

Essa capacidade de revisar as próprias práticas está associada ao exercício da reflexão sobre a ação do próprio educador. É nesse sentido que Freire posiciona-se em favor da formação permanente dos educadores, de tal maneira que a reflexão a luz do saber científico possibilitará novas leituras da realidade constituída, promovendo ações de transformação. “ser para o outro” surge como um “ser para si”. Essa libertação implica, para Freire (1981). E diante de tudo isso, o sujeito sempre está no processo de lutas, conquistas visando à sua liberdade e também à liberdade do próximo. “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a sim mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1981, p. 79).

A partir dessas considerações, intenta-se com o presente texto refletir sobre a ideia de formação permanente no contexto Freiriano, aproximando o movimento dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer, movimento esse o qual possa fornecer respostas as necessidades do tempo histórico vivido. A partir desse estudo foram elencadas para reflexão as categorias inacabamento e diálogo.

Com o intuito de abordar a referida discussão, por meio de um estudo descritivo crítico, fundamentado em uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, apresenta-se o trabalho nas seguintes

temáticas: a formação permanente no pensamento Freiriano – compreende-se um estudo sobre as principais obras de Paulo Freire que remetem ao assunto; o inacabamento como premissa para a formação permanente - destaca-se a partir da vocação ontológica do ser mais a educação como um processo permanente; e o exercício do diálogo no contexto da formação permanente - compreende-se que nas relações dialógicas Freirianas proporciona-se aos sujeitos um exercício entre iguais e diferentes. Após, seguem as considerações finais em que se apontam as contribuições do trabalho.

Como foi dito nas palavras de Freire (1987, p. 3) em sua apresentação sobre a *Pedagogia do oprimido*, “Os caminhos da liberação são os do oprimido que se libera: ele não é coisa que se resgata, é sujeito que se deve autoconfigurar responsabilmente”. Por isso que, a educação Freiriana se constitui, como uma nova pedagogia, que se enraíza na vida de cada sujeito na condição de oprimido engajada na luta por sua libertação. Dessa forma, consubstancia como a educação para o desenvolvimento da formação do pensamento crítico.

Percebendo esse olhar da pedagogia que não está aí, pronta, está apenas para ser descoberta. Assim é criada, na práxis, uma relação entre educador e educando, numa perspectiva do oprimido, por ele mesmo e por aqueles que vêm na luta do oprimido rumo a uma mudança e à transformação da nossa sociedade.

A partir das releituras de Paulo Freire, acreditamos no professor capaz de coordenar a ação educativa; no educando como agente sujeito participante; na escola como currículo de cultura; e na sala de aula como espaço de diálogo.

É em função desses pressupostos que queremos participar das reflexões para a construção da escola que oferece uma educação em que as pessoas vão se completando ao longo da vida, uma educação capaz de ouvir as pessoas, participando dessa realidade, discutindo-a, e colocando como perspectiva a possibilidade de mudar essa realidade.

Paulo Freire defende que a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem. Um lugar em que a convivência permita estar continuamente se superando, porque a escola é o espaço privilegiado para pensar. Ele que sempre acreditou na capacidade criadora dos homens e mulheres, e pensando assim é que apresenta a escola como instância da sociedade.

Freire diz que “não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de uma certa forma, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade.” (1975, p. 30). Reconhece a presença do oprimido e do opressor, ao que nos convida a essa libertação, inicialmente pela libertação

do opressor que reside em cada um, para então conseguirmos pela marcha popular libertar todos os homens.

Assim, sabemos que o papel da escola é voltado para homens e mulheres, sabendo também, que não será ela a única responsável pelas transformações da sociedade, pois vem orientada muitas vezes para a manutenção das estruturas sociais e econômicas dominantes, que impedem a própria transformação.

Citado por Moacir Gadotti, é nesse sentido que Paulo Freire é enfático ao afirmar que “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação” (1991, p. 84). Tal afirmativa conduz à realização de uma prática pedagógica não apenas ao nível da escola, mas também, da comunidade de inserção dos sujeitos, portanto a valorização da experiência cotidiana como forma de transformação na medida em que se torna capaz de responder às necessidades, nas próprias especificidades culturais, resultado da vida do povo.

Enfim, para finalizar discussão sobre o caráter da educação para a formação do pensamento crítico na concepção de Freire, extraímos como fundamentais a conscientização e o diálogo. Pelo que percebemos, a conscientização é mais que o nível de tomada de consciência, através de uma análise crítica, isto é, da descoberta das razões da situação em que se encontra, para em ação transformar esta realidade.

E a consciência crítica é a atitude, conduta, comportamento, que tomamos de refletir a realidade à nossa volta. É a consciência reflexiva que utilizamos normalmente em outras situações. É o nível de consciência que temos dos fatos, eventos e objetos à nossa volta. E se aprofundarmos sobre a consciência crítica no olhar Freiriano pode – se compreender que a consciência não é somente intencionada em direção ao mundo.

Assim sendo, a reflexão não é mera cópia, reflexo da realidade. É a tomada consciente objetiva que possibilita o agir intencional na e sobre a realidade, que permite e propicia o estabelecimento de finalidades e o prevenir dos resultados mesmo antes do início das ações. A reflexão verdadeiramente crítica, o pensar certo origina e se dialetiza no ínterim do momento da práxis, no movimento da reflexão e ação.

É cabível salientar que nesse processo a linguagem é crucial para que se estabeleça a reflexão, pois a linguagem “não existe sem um pensar e ambos, linguagem e pensar, sem uma realidade a que se encontrem referidos.” (FREIRE, 1987, p. 55). Homens e mulheres pela linguagem são capazes de dizer a palavra, e com ela se fazerem sujeitos. É dizendo a palavra que os seres humanos assumem conscientemente a sua condição humana.

Para a formação crítica do sujeito, Paulo Freire associa uma categoria indispensável à formação permanente que é a reflexão crítica sobre os condicionamentos os quais o contexto cultural constitui sobre os seres humanos, seu modo de agir e, ainda, sobre seus valores. Assim, a formação funda-se na dialeticidade entre a prática e a teoria, de tal maneira que a “prática de mergulhar na prática para, nela, iluminar o que nela se dá e o processo em que se dá o que se dá, são, se bem realizados a melhor maneira de viver a formação permanente.” (FREIRE, 1997, p. 74).

O pensamento de Paulo Freire supera essa concepção bancária da educação, quando formula as bases para uma educação libertadora. Uma educação como prática da liberdade, fundamentada na teoria da ação dialógica, que substitui o autoritarismo presente na escola tradicional pelo diálogo democrático nos diferentes espaços de vivências e de aprendizagens.

Essa educação exige que os homens e as mulheres estejam engajados na luta para alcançar a libertação, em um processo incessante de conquista que se dá na comunhão com os outros, o qual resulta de uma conscientização em que os homens e as mulheres (crianças, jovens e adultos) compreendem a sua vocação ontológica e histórica de ser mais. A educação libertadora tem, fundamentalmente, como objetivo desenvolver a consciência crítica capaz de perceber os fios que tecem a realidade social e superar a ideologia da opressão.

Na verdade, esse não é objetivo dos opressores que tentam manter, por meio da educação bancária, a reprodução da consciência ingênua, acrítica. Na educação como prática da liberdade, os homens e as mulheres são vistos como “corpos conscientes”, e se tem convicção profunda no poder criador do ser humano como sujeito da história – uma história inacabada, construída a cada instante, cujo processo de conhecer envolve intercomunicação, intersubjetividade.

Os protagonistas do processo são os sujeitos da educação – estudante e professor(a) –, que, juntos, dialogam, problematizam e constroem o conhecimento. Por isso, problematizar, na perspectiva Freiriana, é exercer análise crítica sobre a realidade das relações entre o ser humano e o mundo, o que requer os sujeitos se voltarem, dialogicamente, para a realidade mediatizadora, a fim de transformá-la, o que só é possível por meio do diálogo, “desvelador da realidade”.

Dessa maneira, o trabalho intelectual em um contexto teórico, proposto pela liderança qualificada exige colocar em prática o ato de estudar, por meio de uma leitura crítica de mundo, leitura e escrita da palavra. Essa leitura crítica de mundo associada ao estudo da prática conduz a percepção anterior ou ao conhecimento do saber anterior, que envolve o conhecer um novo saber.

Os elementos levantados e desenvolvidos neste trabalho demonstram que os fundamentos filosóficos de Paulo Freire extraídos de sua ação pedagógica, razão pela qual o

denominamos um educador-pensador, nos levam a concluir, ainda que "inconclusamente", que tal associação entre pensamento e educação lhe permitiu articular suas aspirações intelectuais com essas inquietações encontradas nas experiências educacionais que desenvolveu, de forma que, pela opção teórico-política que fez pelo humanismo como filosofia de libertação, juntamente com a escolha pela pedagogia do oprimido, pôde acolher mais ampla e abertamente tais problemáticas que não provinham de seu lócus social de origem.

Ou seja, para concluirmos o nosso raciocínio que a Consciência crítica na educação. Somente por meio do conhecimento e desenvolvimento da consciência humana, se torna possível uma nova visão de mundo, e conseqüentemente uma nova postura de comportamentos das pessoas, que contribuirá para uma sociedade melhor, cercada de justiça e paz.

4 A EDUCAÇÃO LIBERTADORA NO CONTEXTO DE HOJE

A educação libertadora em nosso contexto atual vem totalmente oposta à educação bancária. A educação bancária é uma educação tradicional, de não escuta do aluno, de não se dialogar e não de fazer troca de conhecimento. Ou seja, a educação bancária oprime e anula o sujeito onde os alunos são vistos como um recipiente vazio ou uma tábula rasa e os alunos são um recipiente vazio onde é “derramada” o conhecimento pelo “professor”. No ato de depositar, podemos entender que o seu depositar é também depositar valores como se fosse um banco financeiro, daí advém o nome “educação bancária”.

A educação bancária nos tempos de hoje é muito atual, e Paulo Freire nos propõe fazer uma análise numa perspectiva crítica ao expor a problemática da pedagogia da libertação, ao evidenciar que os seres humanos têm suas vidas desumanizadas pela opressão e pela dominação social. Nisso, vemos alguns problemas que a nossa sociedade atual está enfrentando precisamos impulsionar novos momentos de uma nova ação para que possamos atingir outros níveis de humanização no mundo e na sociedade e na cultura.

Quando falamos de humanização nos dias de hoje, precisamos refletir sobre a vida de nossa sociedade. Entre vários aspectos, podemos repensar que tipo de educação está sendo praticada, como têm ocorrido nossas relações humanas e também podemos rever as nossas práticas econômicas de vida privada e sem esquecer as posturas políticas e as relações sociais delas decorrentes.

O capitalismo foi instalado dos anos 1960 até 1980. As nossas relações sociais ficaram na base do fordismo Taylorismo, o capital se tornou dominante mediante as novas tecnologias por meio do domínio técnico. O capitalismo atual está transformando imaginários sociais, de modo especial as classes populares, pela sua força arrebatadora da indústria cultural de massas.

Então percebemos uma nova forma de dominação social, cultural e política. Nisso, está desenhada uma força de imagem que regula e controla a vida do sujeito, especialmente, as classes populares que são conduzidas e alienadas pelos meios do poder da mídia. A mídia tem um grande poder ideológico e tem estratégias planejadas pelas elites dominantes. Este é um método de como dominar as classes populares para se manterem no ápice e mantendo a economia em alta.

Quando refletimos a educação bancária nos dias atuais, o que estamos plantando para o futuro? Que tipo de seres humanos estamos moldando para uma nova sociedade? Que tipo de sociedade possa estar voltada para uma educação libertadora que se liberta a si e o outro? Como

a educação libertadora pode ajudar o ser humano a ser mais e a viver de verdade a verdadeira justiça, harmonia e a liberdade?

Tomando por referência o desenvolvimento e as rearticulações do capitalismo em períodos diversos, percebe-se que a educação tem sido utilizada no sentido de dar suporte ideológico a esse sistema, constituindo-se ao mesmo tempo num elemento produtivo, pela qualificação de recursos humanos para o capital, embora algumas vezes essas funções sejam percebidas e provoquem reações.

Conforme Capra (1996, p. 25),

O paradigma que está agora retrocedendo dominou a nossa cultura por várias centenas de anos, durante os quais modelou nossa moderna sociedade ocidental e influenciou significativamente o restante do mundo. Esse paradigma consiste em várias ideias e valores entrincheirados, entre os quais a visão de universo como um sistema mecânico composto de blocos de construção elementares, a visão de corpo humano como uma máquina, a visão da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência, e a crença no progresso material ilimitado, a ser obtido pelo intermédio do crescimento econômico e tecnológico.

Ora, a educação libertadora é compreendida como instrumento para serviço da democratização, e faz uma contribuição com as vivências comunitárias dos grupos sociais, no diálogo, para formar pessoas participantes e atuantes. A reforma da educação e a reforma da sociedade devem estar de mãos dadas, como parte do mesmo processo de luta em sua caminhada.

Tudo isso nos mostra como o educador, ao pensar o homem e as mulheres, a sociedade e suas relações, preocupou-se em discutir a educação brasileira e pensou em meios de torná-la melhor mediante o compromisso e a participação de todos, na perspectiva de uma educação libertadora capaz de contribuir para que o educando torne-se sujeito de seu próprio desenvolvimento, diante da presença orientadora que tem o educador.

Para o educador nos dias atuais, a educação é ato de amor e coragem, sustentada no diálogo, na troca de saberes, na discussão, no debate com os outros. Requer-nos o nosso olhar para os saberes dos homens e mulheres, já que não ignoramos tudo, da mesma forma que não dominamos tudo.

O que nos importa é a compreensão de que a história é um processo de participação de todos, e neste sentido é na escola que encontramos mais um lugar privilegiado para o ensino e a aprendizagem.

É o local que deve ser constituído pela sua natureza e especificidade. Segundo ele, é preciso que seja conferido ao homem o direito de dizer sua palavra, o que significa sua iniciação quanto a compreender-se e aos demais, homens no mundo, e seu papel no processo de transformação.

Compreender e aprofundar que o homem é um ser histórico, social, político e biológico é, portanto, capaz de construir sua história e também ajudando a construir a história do outro (a), colaborando na reconstrução da sociedade, e participando ativamente com os outros no mundo. Paulo Freire se reporta ao mundo imediato dos sujeitos, isto é, ao local onde vivem, criam, produzem, sonham.

Em todas as suas reflexões escritas perante toda vida no seu trabalho, Paulo Freire busca a coerência entre a razão humana e a consciência, pela qual o homem pode transformar-se e transformar o seu contexto social. Para o que é necessária a formação do homem realmente livre e podendo ajudar o próximo a si libertar e ajudando a construir uma nova sociedade onde todos possam sonhar com a paz, a solidariedade e o respeito mútuo das adversidades.

Quando nos tornamos livres, não nos deixamos manipular, já que submete sua ação à reflexão, não permitindo massificar-se, ou seja, pela formação da consciência crítica, em que o ato de educar conduz a liberdade, combatendo a alienação dos homens por meio da compreensão do indivíduo como ser ele mesmo, desenvolvendo suas potencialidades, humanizando-se no exercício da responsabilidade que tem frente as mudanças sociais.

Na educação, sua opção teórica, traduz a constante necessidade de diálogo, a importância do pensar a prática como forma de refazer, refazendo-se. Oferece uma leitura da ação como ato consciente, capaz de libertar. Como ele mesmo dizia “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (1997, p. 52).

De acordo com Paulo Freire, ninguém começa a ler a palavra sem antes aprender a ler o mundo, o que advém da capacidade de olhá-lo e interpretá-lo, e é desta forma que a história reconta a evolução do homem para a invenção da escrita, defendendo a necessária articulação, comprometida e responsável, em tornar a educação popular um exercício de democracia, participando, dialogando, construindo o próprio ensino.

Pensando na necessária participação do povo na escola, Paulo Freire em sua vivência pedagógica como gestor público, propõe uma trajetória conferindo um olhar dedicado, possível porque esperançoso. Ele alicerça os rumos para a educação popular democrática, impondo a razão primeira de pensar a escola na perspectiva de participação coletiva através dos conselhos escolares. Porém, já adverte que não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da

construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feita, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história.

Paulo Freire sempre nos recorda e nos traz para a realidade escolar e também para a realidade de mundo. Permite-nos o reencontro com a esperança de um trabalho comprometido, responsável. Possível, se emanado no coletivo escolar.

É necessária a compreensão de que a escola é lugar de gente, lugar onde se fazem amigos, onde há pessoas que trabalham, estudam, se alegram, se conhecem se estimam. E a escola será cada vez melhor à medida que cada um aja como colega, amigo, irmão. Nada de ser como a o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Em uma escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz.

É essa escola que desejamos construir: uma escola humana, capaz de compreender os desafios de seu tempo, e na luta pelo melhor viver, reconhecer fatos, gestos, unir conhecimentos, recordar.

Tudo isso com a certeza de que muito se pode aprender com Paulo Freire, ele que se definiu como “um homem que viveu, amou e tentou saber”. Um homem que nos deixa o legado da esperança, da capacidade de sonhar com um mundo melhor, por isso, um mundo possível, para o melhor viver.

Uma educação que é feita por gente para gente, e que se sobressai porque existem educadores e educandos que sonham um mundo possível, sonham com uma escola alegre, uma escola que conhece a sua especificidade e por ela luta. E porque não, a inserção para a continuidade do sonho de Paulo Freire, O sonho de mudar a cara da escola. “O sonho de democratizá-la, de superar o seu elitismo autoritário, o que só pode ser feito democraticamente” (1991, p. 74). O sonho que “tem que ver com uma sociedade menos injusta, menos malvada, mais democrática, menos discriminatória, menos racista, menos sexista.” (1991, p. 118).

Assim sendo, o princípio de que a educação é dever do Estado não implica imobilismo da população e de cada indivíduo: a educação é também dever de todos, pais, alunos, comunidade. Com essa mobilização da população em defesa do ensino público, é possível pressionar ainda mais o Estado para que cumpra o seu dever de garantir a educação pública, gratuita e de bom nível para toda a população. Uma população acostumada a receber um bom serviço se mobilizará para continuar a tê-lo.

Obviamente, a educação sempre foi considerada um bem em si, pelas oportunidades que oferece de enriquecimento cultural. Mas isso, por si só, não cria as condições para que a universalização do acesso à escola se transforme em prioridade das políticas governamentais.

Há duas outras razões básicas que incentivam políticas públicas no sentido de promover a educação em geral e, especialmente, a escolarização básica⁵.

A primeira delas reside na necessidade de preparação para a cidadania, incorporando à vida nacional grandes massas da população, dando a elas a instrução que lhes permita participar, tanto como eleitores, quanto como usuários dos serviços oferecidos pela sociedade moderna. No mundo todo, a extensão da participação política e do acesso a benefícios sociais, que constituem o cerne da cidadania na sociedade moderna (democrática ou não), esteve associada à universalização da educação básica. Numa sociedade democrática, essa universalização torna-se ainda mais necessária, porquanto dela depende o acesso do eleitorado a informações essenciais para a participação política plena e esclarecida.

A segunda, que vem se manifestando com intensidade crescente, especialmente a partir da Segunda Guerra Mundial, reside na alteração do processo produtivo associada ao desenvolvimento tecnológico, o qual exige mão de obra cada vez mais qualificada. Um sistema de educação básica que atenda ao conjunto da população é hoje essencial ao desenvolvimento econômico. Se são essas as razões e condições para constituir *uma vontade política que privilegie e valorize a educação*, é fácil entender por que, no Brasil, essa vontade é um fenômeno tardio⁶.

Durante todo o século 19, quando se ampliava a cidadania e universalizava-se a educação básica nos países desenvolvidos, o Brasil permanecia uma sociedade escravocrata. Fomos o último país ocidental a abolir a escravidão africana; a extensão da cidadania à maioria da população, constituída por escravos, ex-escravos e seus descendentes só começou a se colocar como problema real no início deste século⁷.

A pesada herança da escravidão tem consequências de longo prazo para a evolução do sistema educacional porque cria problemas específicos para a extensão do acesso à escola. De um lado, pelas mudanças de tradições, valores e hábitos exigidas de uma população para a qual a escola não faz parte da perspectiva normal de vida nem integra sua tradição cultural. De outro lado, pela resistência das elites tradicionais em estenderem a cidadania a escravos e ex-escravos

⁵ Assim a educação dos trabalhadores pobres tem por função discipliná-los para a produção. O que propõe para a maioria da população é pouco; é o mínimo. Aquele mínimo para fazer do trabalhador um cidadão passivo, que apesar de tudo tem alguns poucos direitos. (BUFFA, 1988.p: 28)

⁶ “Uma democracia é mais do que uma forma do governo; é, principalmente, uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente comunicada.” (DEWEY, 1959, p.93).

⁷ “O escravo que frequenta uma escola, que aprende a ler, que fica com a consciência dos seus direitos, não pode ser mais escravo, há neste procedimento uma contradição revoltante senão absurda. (Dr. Thomaz Alves Júnior, em 1873, apud SILVA, 2000, p. 142)

e, portanto, pela dificuldade em aceitarem e promoverem o ideal da escolarização universal como fundamento das políticas públicas⁸.

Da perspectiva econômica, a abolição tardia da escravidão está associada à manutenção de tecnologias primitivas e formas tradicionais de trabalho e dominação, assim como à persistência de uma economia de subsistência em grande parte da zona rural. Para uma população nessas condições, a escola não é vista como instrumento para a melhoria da situação de vida.

Da mesma forma, nas regiões sudeste, centro oeste, nordeste e a região sul são as mais tradicionais do Brasil, na ausência de um processo de industrialização, a escolarização não constitui exigência para o acesso ao mercado de trabalho urbano nem instrumento de mobilidade social, a não ser para camadas privilegiadas da população. Com a educação, o homem se instrumentaliza culturalmente, capacitando-se para transformações tanto materiais como espirituais.

A educação é o cerne do desenvolvimento social e, sem ela, até mesmo as sociedades mais avançadas retornariam ao estado primitivo em pouco tempo. Em Freire podemos pensar: “Todos os produtos que resultam a atividade do homem, todo o conjunto de suas obras, materiais ou espirituais, por serem produtos humanos que se desprendem do homem, voltam-se para ele e o marcam, impondo-lhes formas de ser e de comportar também culturais”. (FREIRE, 1982, p. 57).

Depende-se dela para formar assistentes sociais, psicólogos, médicos, engenheiros, cientistas, professores e tantos outros profissionais, além de oferecer uma base de conhecimento para todas as pessoas. A educação coincide com a própria existência humana e suas origens se confundem com a origem do próprio homem. Estudar a educação é também compreender que a escola, como instituição, muitas vezes, não tem poder de modificar o que está estabelecido - a estrutura social.

Como instituição destinada ao exercício da educação forma a escola, tem como papel, diante da sociedade, propiciar ações para a efetivação dos direitos sociais. Dentro desse contexto, o setor educacional tem hoje o papel de possibilitar e de oferecer alternativas para que

⁸ No momento, a discussão é saber quais são os novos paradigmas da Educação Popular. O que seria uma Educação Popular pós-paulo freiriana? O que Paulo Freire desenvolveu foi muito importante para o contexto em que viveu. Como as teorias de Marx foram importantes para entender a sociedade capitalista, nos tempos da revolução industrial. Contribuição que continua válida, ainda hoje. Mas, há toda uma crítica à teoria do Marx porque, em muitos aspectos, já não corresponde à realidade globalizada em que vivemos. Isso vale para as teorias pedagógicas de Paulo Freire. Como desenvolver uma metodologia, uma teoria de Educação Popular incorporando o legado de Paulo Freire e fazendo-o avançar? É um desafio que se apresenta a todos nós. (BETTO, op.cit, p.11)

as pessoas que estejam excluídas do sistema possam ter oportunidade de se reintegrar através da participação, bem como da luta pela universalidade de direitos sociais e do resgate da cidadania. Diante dos graves problemas da sociedade, como: desemprego, desvalorização profissional, violência e modificações das relações familiares, há uma desestruturação no ambiente escolar.

O Documento de Referência da Conferência Nacional de Educação (MEC, 2009) refere-se à qualidade da educação no Eixo II, associando este tema ao da gestão democrática e da avaliação. Não há qualidade na educação sem a participação da sociedade na escola. A garantia de espaços de deliberação coletiva está intrinsecamente ligada à melhoria da qualidade da educação e das políticas educacionais. Só aprende quem participa ativamente no que está aprendendo. No documento nos demonstra que há um “conjunto de variáveis” que interferem na qualidade da educação e que envolvem questões macroestruturais, como a concentração de renda, a desigualdade social, a garantia do direito à educação, bem como a organização e a gestão do trabalho educativo, que implica condição de trabalho, processos de gestão educacional, dinâmica curricular, formação e profissionalização (DOURADO; OLIVEIRA, 2009).

É fato, que para conseguirmos alcançar a solução de diversos problemas enfrentados em nosso país, é necessário que se façam investimentos reais no processo educacional, com política pública que garanta acesso e permanência da criança, adolescente e juventude a educação de qualidade social. Isto porque a realidade que mais afeta o país nesse sentido está na qualidade do ensino dispensado ainda no processo de escolarização básica, sobretudo, quando se trata da questão do ensino médio.

Assim, embora a redefinição de políticas de financiamento e alocação de recursos para a educação brasileira seja urgente e necessária, é preciso pensar de forma articulada num conjunto de indicadores que permita configurar uma escola e um ensino de qualidade numa perspectiva que abranja insumos, clima e cultura organizacional e avaliação. Ou seja, é preciso pensar numa política de melhoria da qualidade de ensino que articule insumos e processos. Dentro dessa nova abordagem a democracia é um componente essencial da qualidade na educação: “qualidade para poucos não é qualidade, é privilégio” (GENTILI, 1995. p. 177).

A abertura de mais vagas em faculdades e a disponibilização de bolsas para o ensino superior abrem portas para uma discussão que deveria ser a maior preocupação de nossos representantes, se o ensino público básico, fundamental e médio fosse realmente de qualidade seria necessário um processo separado de abertura de vagas para os alunos que concluem essas

etapas no ensino público? Se fosse de qualidade, eles não poderiam concorrer em igualdade com alunos provenientes de ensino privado?

Mediante toda esta problemática há também há outro fator que não se pode passar despercebido que é baixa qualidade de nossa educação pode ser observada sob diversos aspectos, onde o principal personagem é o aluno, que vive à margem da discriminação social por depender de uma escola pública que não satisfaz a necessidade de escolarização para sua inserção de forma igualitária na sociedade, que cada dia tem se tornado mais competitiva. A realidade das instituições públicas de ensino é assustadora, visto que, em muitas instituições, nem profissionais preparados⁹ para professarem o ensino existem, e quando há não são valorizados, nem o tempo que é dispensado para o exercício de sua profissão, quanto mais a qualidade daquilo que ensinam¹⁰.

Educar é colocar em questão, problematizar, sacudir, resistir a esse mundo que é menos mundo. Para muitos, é transformar vidas, embora a gente não saiba o destino final de nossas aspirações e ações. Portanto, “educar é um ato político”. Educação é prática social, por isso não se faz neutra. Que me desculpem os que se acham neutros, adeptos da Escola Sem Partido, que entendem educação destituída da historicidade, concebendo-a como uma prática de neutralidade. O mundo pode ser diferente, as cidades podem ser diferentes. Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. Com a educação libertadora, essa linguagem pode ser transformada em códigos geradores de processo de planejamento em laboratórios de cidadania como instrumentos de pedagogia urbana.

As cidades ensinam às gerações mais novas. É necessário restaurar e inventar de novo o poder local, criar possibilidades diferentes que tornem possível a experiência da solidariedade para criar bairros e cidades educadores. Todos os membros da comunidade se tornam educadores, artistas, pintores, cantores, artesãos, na medida em que todos contam histórias de como sobreviver com solidariedade.

A luta pela educação de qualidade social se faz direito. Que na concepção de Freire (2018, p. 27), faz-se urgência transformar em conteúdo e método da formação. “[...]Neste sentido, que uso a expressão leitura de mundo como precedente à leitura da palavra”. Em se

⁹ Neste sentido é essencial compreendermos que os profissionais da educação da atualidade e, em especial o professor, necessitam de um engajamento profissional e pessoal diferente daquele que se tinha e bastava a alguns anos atrás, quando os alunos aguardavam atentos e perfilados em suas carteiras a chegada do mestre, meros espectadores de uma “educação bancária” (PAULO FREIRE, 1983).

¹⁰ Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pelas práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 2005, p.17).

tratando, da educação libertadora para o contexto de hoje, é significativo a compreensão de que é no movimento da “capacidade de captar a objetividade de mundo que provém a experiência vital” que se denomina de curiosidade. “[...] curiosidade é, junto com a consciência da incompletude, o motor essencial do conhecimento. Se não fosse pela curiosidade não poderíamos. A curiosidade nos empurra, no motiva, nos leva a desvelar a realidade através da ação.” (FREIRE, 2018, p. 27).

Por outro lado, é importante o entendimento que nos dias de hoje, contamos com acesso às novas tecnologias, e a mudança nas práticas pedagógicas são uma exigência do mundo atual. O docente se torna um mediador do conhecimento. As máquinas devem ser usadas e as tecnologias devem ser problematizadas, sem que haja reprodução mecânica da informação que se recebe. Diante dessa realidade, torna-se necessária a formação continuada do docente, uma vez que as aulas tradicionais já não acompanham essa rapidez da tecnologia. A escola e o professor precisam com urgência se adequar à nova realidade mundial.

Sabemos que no nosso dia a dia existe multiplicidade de opressão que acarreta na sociedade. Na concepção de Paulo Freire uma das maiores opressões que o ser humano sofre na atualidade é a negação de homens e mulheres a condição de “ser mais” e também a negação da sua própria liberdade e mediante a isto, a negação do ser humano de “ser para si”. Portanto, a condição de opressão é uma condição de heteronomia. É a anulação da vocação humana de ser mais, a opressão insere a dura realidade de ser menos. A opressão se verifica hoje em situações concretas como a miséria, a desigualdade social, a exploração do trabalho do homem, as relações autoritárias, etc, situações que fazem o homem viver em condição de heteronomia já que limitam ou anulam sua liberdade de optar e seu poder de realizar

A escola nos tempos de hoje há uma necessidade de ser a escola irradiadora de cultura, de alegria e da esperança. Os tais motivos dela não ser alegre, vibrante e livre são: a escola deveria se redimensionar o seu pensar, reformulando suas ações pela compreensão do que a comunidade escolar (entendida aqui os alunos, pais, professores, equipe pedagógica, direção, funcionários) espera dela enquanto função social. Ao que nos deparamos frequentemente com inúmeras instituições tentando descrever e delinear as mazelas da escola, no entanto, nós educadores nos reservamos muitas vezes a apenas ouvi-los sem definir “publicamente” nossos anseios, interesses e preocupações. Tem-se permitido que diferentes profissionais interferissem no processo de direção da escola, ao que entendemos ser necessário aos profissionais da educação assumir esse espaço de afirmação e responsabilidade. Trazer a público, o que de fato é a escola e a que ela se propõe já que precisa reformular sua ação definindo prioridades frente as diferentes exigências do contexto social em que encontra-se inserida. Paulo Freire nos chama

a atenção para o ato de ensinar. Para ele, ensinar exige alegria e esperança. Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. Há esperança de que professor e alunos, juntos, possam aprender, ensinar, inquietar e nos inquietar, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria.

Diante da realidade que a escola vive e também o educando, fica evidente que a educação desejada, discutida e sonhada pela sociedade não está sendo priorizada pelos nossos governantes e também falta engajamento social e nossa posição como cidadão exigindo a qualidade necessária ao sistema público de ensino. Isso porque, a cada dia, estamos perdendo ainda mais nossos valores morais, o que pode ser observado por tantos escândalos políticos, que também estão sendo vivenciados por nossos jovens. Investir em educação é muito mais do que abrir vagas, é ter responsabilidade com a formação de um novo cidadão que integrará o processo social, e será o principal personagem na busca pelo desenvolvimento e pela transformação da realidade vergonhosa que nosso país tem vivido.

Queremos sem dúvidas, que a escola possa, com seus educadores, trazer as mudanças desejáveis para uma sociedade justa e igualitária. Isso não será possível se a escola não tiver clareza de seu currículo, de sua proposta pedagógica, de seu sistema de avaliação no processo de ensino e de aprendizagem, com compromisso, capacidade de agir e refletir sobre a realidade.

As lutas e as conquistas de uma educação libertadora e que dá capacidade do educando pensar por si só, pode-se afirmar que hoje se tem como papel fundamental do setor educacional o acesso ao conhecimento, para que as pessoas possam ter possibilidades e autonomia de participar efetivamente das políticas e continuarem assim a lutar por igualdade de direitos. Pode-se dizer, então, que atualmente a educação, em termos de Brasil, pode ser tratada como uma política social que deve ter como compromisso fundamental a garantia dos direitos do cidadão¹¹.

Por fim, a escola do século 21, à luz da obra de Paulo Freire é uma Escola Cidadã, onde o papel de cada um dos protagonistas expressa o compromisso pela promoção da qualidade sociocultural e socioambiental da educação, neste campo propício ao ensino-aprendizagem. Isso relaciona-se à ressignificação dos papéis de cada um dos atores envolvidos nos processos educacionais, para além dos ambientes escolares.

Ressignificar é romper paradigmas de pertencas tradicionais, como a do papel centralizador do professor e do conteúdo como repertório exclusivamente mais importante dos

¹¹ O art. 205 da Constituição Federal estabelece que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

processos de ensino-aprendizagem. Ir além destes paradigmas historicamente impostos pelos sistemas educacionais, sobretudo, no caso aqui tratado, o brasileiro requer uma nova compreensão do mundo – demanda advinda com a era digital. Requer saber da importância de cada um de nós, da consciência cidadã no nosso dia-a-dia e, para nós, professores, a assunção da responsabilidade de se conscientizar acerca do papel cidadão no mundo, para a construção de uma sociedade sustentável.

Se refletirmos hoje a formação do professor, os novos contextos sociais levam à necessidade de se ter em mente que a educação – que é um direito humano e é um bem público – é que permite às pessoas exercer os outros direitos humanos e, assim, ela é essencial na compreensão, conscientização, demanda e luta por esses direitos. Evidencia-se hoje, na vida social, no trabalho, nas relações interpessoais, como apropriar-se de conhecimentos se torna cada vez mais necessário, uma vez que conhecimento é um dos determinantes de desigualdades sociais. Ele se mostra como princípio diferenciador de pessoas e grupos humanos e, se queremos uma sociedade justa, precisamos de uma escola justa.

Uma escola que propicie a todos saber tratar, interpretar e formar juízos independentes sobre conhecimentos e informações. A escola exerce em seu cotidiano o papel de escolha dos conhecimentos a serem tratados com as crianças e jovens, selecionando entre os conhecimentos disponíveis, quais são essenciais, o que incluir, quando e em qual profundidade e, também, de que forma agir pedagogicamente – releva aqui a questão didática, pois se está falando de educar crianças, adolescentes e jovens. O papel fundamental da escola é, pois, levar os estudantes a apreender/compreender conhecimentos já produzidos, ao mesmo tempo formando-os em valores para a vida humana.

Ou seja, desenvolver ações pedagógicas que propiciem aprendizagens efetivas contribuindo para o desenvolvimento humano-social das crianças e jovens. Essencialmente, para a construção de uma nova civilização ético-política que se fundamenta no princípio da solidariedade e justiça social. Neidson Rodrigues (1991), refletindo sobre o papel da educação básica, ao processo mínimo indispensável para que todos os indivíduos de uma determinada sociedade histórica completem a sua adequada formação humana, de modo a que se tornem um ente cultural, defendendo que todos têm o direito de posse dos instrumentos necessários à vida moderna. Trata-se aqui de qualidade educativa.

Ao refletir a educação para a perspectiva da escola e dos educandos, nos reporta a pensar em pessoas, em relações pedagógicas intencionais, portanto, em profissionais bem formados para isso, dentro das novas configurações sociais e suas demandas; profissionais detentores de ideias e práticas educativas fecundas, ou seja, preparados para a ação docente com consciência,

conhecimentos e instrumentos. A educação escolar é um processo comunicacional específico que, para atingir suas finalidades, requer formas didáticas que possam dar suporte adequado a aprendizagens efetivas a grupos diferenciados de estudantes, em idades diferenciadas de seu desenvolvimento. Práticas educacionais são processos da maior importância, têm seus fundamentos teóricos e associam-se a uma filosofia educacional. Práticas geram teorizações e teorizações geram práticas, em movimento recursivo.

Dos que detêm responsabilidades sobre essa questão se requer conhecimento e compromisso com a educação básica e com a própria licenciatura e seus estudantes. A maneira como esse problema formativo vem sendo tratado nas políticas públicas denota leniência dos poderes públicos quanto aos professores da educação básica, cujo currículo formativo tem se mantido enrijecido por um século, com aligeiramentos visíveis no tempo.

Quanto às políticas implementadas em nível nacional, discute-se seu apressamento e sua fragmentação, sugerindo que o foco realmente vem se concentrando apenas no cumprimento de metas quanto ao número de vagas, sem muita preocupação com a implementação em nível adequado das formações.

Elas sinalizam iniciativa de articulação, mas também de centralização, particularmente no âmbito das instituições públicas, mostrando-se mais com um caráter remediador, com ações estanques, do que com soluções estruturantes.

Com a educação, o homem se instrumentaliza culturalmente, capacitando-se para transformações tanto materiais como espirituais. A educação é o cerne do desenvolvimento social, sem ela, até mesmo as sociedades mais avançadas retornariam ao estado primitivo em pouco tempo. Depende-se dela para formar assistentes sociais, psicólogos, médicos, engenheiros, cientistas, professores e tantos outros profissionais, além de oferecer uma base de conhecimento para todas as pessoas.

A educação coincide com a própria existência humana e suas origens se confundem com a origem do próprio homem. Estudar a educação é também compreender que a escola, como instituição, muitas vezes, não tem poder de modificar o que está estabelecido - a estrutura social. A escola tem como papel diante da sociedade propiciar ações para a efetivação dos direitos sociais. Dentro deste contexto, o setor educacional tem hoje o papel de possibilitar e de oferecer alternativas para que as pessoas que estejam excluídas do sistema possam ter oportunidade de se reintegrar através da participação, bem como da luta pela universalidade de direitos sociais e do resgate da cidadania.

Diante dos graves problemas da sociedade, como: desemprego, desvalorização profissional, violência e modificações das relações familiares, há uma desestruturação no

ambiente escolar. Mesmo com as novas iniciativas em políticas de formação docente, continua sem solução a questão dos currículos e das formas institucionais quanto à formação inicial de professores – na verdade, quanto ao cerne dessa formação. Quanto às formas institucionais e aos currículos relativos à formação de professores, uma verdadeira revolução nas estruturas formativas e nos currículos se faz necessária. As emendas feitas nesses cursos por normas parciais já são muitas. A fragmentação formativa é clara, as generalidades observadas nos conteúdos curriculares também, o encurtamento temporal dos cursos é constatável nas suas práticas.

Portanto, é preciso integrar essa formação em propostas curriculares articuladas e voltadas a seu objetivo precípuo, com uma dinâmica nas instituições de ensino superior mais proativa e unificada. Retomando o proposto no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 (há tanto tempo!) é necessário que haja “unidade de formação de professores” com uma base formativa comum a todas as modalidades e níveis de ensino, base esta, tão defendida desde muito tempo pela Associação Nacional de Formação de Profissionais da Educação (ANFOPE), sendo disto testemunha documento de 1992, em termos reiterados até documentação recente (ANFOPE, 1992; 2001).

As políticas e as práticas relativas à formação inicial de docentes para a educação básica têm resistido há um século na conservação de uma estrutura curricular e institucional funcionando à margem dos movimentos socioculturais e históricos na atualidade, que evidenciam profundas mudanças na sociedade. A estrutura da educação básica mudou, os segmentos sociais que nela se inserem mudaram, a idade de inserção das crianças e adolescentes mudou. Essas mudanças exigem da formação de professores mudanças radicais.

Mudanças que, de fato, permitam que os seus licenciandos se inteirem mais profundamente de questões educacionais, dos aspectos de desenvolvimento cognitivo e social dos alunos que adentram a escola básica e suas motivações, questões relativas à escola e às redes de ensino, ao seu currículo, entre outros aspectos.

Demanda-se maior integração em sua formação, do ponto de vista dos conhecimentos e valores, e maior integração com os conhecimentos constituídos nos ambientes do trabalho docente com crianças e adolescentes jovens em estruturas institucionais específicas.

4.1 A educação Libertadora

A pedagogia libertadora se faz a partir dos oprimidos, dos seus interesses, dos seus conhecimentos, da sua cultura e da sua história. Como vimos anteriormente, o professor não

poderá ser autoritário com o corpo dos seus alunos, mas não significa que ele deva ser licencioso, até porque o educador é diferente de seus educandos.

Para que possamos estar engajados numa educação formadora, logicamente o educador tem de estar fundamentado num pensamento crítico e educativo pedagógico Freiriano, isso nos dá um estímulo que nos faz pensar e refletir a cada vez mais na prática docente.

Sabemos que, no pensamento crítico pedagógico de Paulo Freire, o educador tem de saber que a experiência de vida no dia a dia já nos constitui como uma fonte de reflexão teórica, ou seja, é no ato do desenvolvimento crítico, no diálogo e na escuta possamos desvendar a realidade e aprendermos compreender o processo de nossa vida.

Quando falamos sobre práticas pedagógicas e práticas sociais em Freire, percebemos que têm um papel de suma importância que valoriza a cultura e também o sujeito que está na história e que contribui na participação do processo educativo. Cada vez que aprofundamos na docência e num viés pedagógico anima cada vez mais o educador a assumir uma atitude amorosa e comprometida com a transformação da realidade e nos assumirmos a ser seres humanos mais compreensíveis.

Freire mostrou que uma educação desvinculada da classe dominante e do Estado é possível, prova disso foram os círculos de cultura, onde os analfabetos conseguiam aprender a ler e a escrever com temas advindos da sua realidade, podendo o coordenador proporcionar uma discussão e, mutuamente, acontecer o processo de conscientização dos adultos. Gadotti (2004) destaca que a originalidade em Freire está na visão que ele tem do processo educacional, que acontece por meio de uma "ótica libertadora". Uma sociedade democrática não pode ser construída pelas elites, já que elas não oferecem fundamentos para uma política de reformas. Aquele que oprime não quer uma educação libertadora, pois acredita que o educando é objeto e não sujeito.

Entretanto, afirma Gadotti (2004), ao falar das obras de Freire, só as massas populares podem lutar para transformar a sociedade. Aqui entra também a educação para proporcionar a conscientização do corpo dos indivíduos. Para o autor, o diálogo que vem das elites é vertical, resultando num "educando-massa" que não pode se expressar livremente, apenas ouvir e obedecer. Afinal, seu corpo é interditado pela própria educação: a escola se encarrega dessa finalidade.

Portanto, o autor assevera que, para passar da consciência ingênua para a consciência crítica, é preciso que o educando recuse a hospedagem do opressor no seu corpo. Assim, poderá tornar-se corpo consciente e rejeitar a ideologia da interdição do corpo imposta pelos opressores:

O diálogo desperta a consciência de pertencimento e de luta pela emancipação. O diálogo em Freire é práxis que se intercruciza com a constituição da própria identidade existencial do ser humano ordenada na experiência de vida cotidiana. Assim, a docência, na perspectiva do seu pensamento pedagógico, é fascinante, porque caracteriza a boniteza de um sonho, além do mais, humaniza o sujeito pelo ato solidário do reconhecimento recíproco e respeito do outro no processo de constituição e emancipação da pessoa. (CARVALHO, 2005).

A educação libertadora, como podemos compreender, tem um papel importante no crescimento da cidadania, na formação da consciência da dignidade inerente a todo ser nascido de mulher e mesmo, num estágio mais avançado, na consciência da grandeza de todos os seres, como expressão cósmica da Criação. A sua pedagogia libertadora nos propõe uma educação crítica a serviço da transformação social. Em um dos seus textos, *Desafios da educação de adultos ante à nova reestruturação tecnológica*, Paulo Freire (1981, p. 45) afirma que “A educação é sempre certa teoria do conhecimento posta em prática”. Numa primeira apreciação, podemos entender que, com essa afirmação, Freire está dizendo que a educação sempre é um determinado conjunto de ideias relativas ao conhecimento sendo praticadas.

E fazendo uma releitura da *Pedagogia do Oprimido* (1987), Paulo Freire nos indica e também defende que seria necessária uma pedagogia para todos e que possam se emancipar, mediante uma luta libertadora, que só faz sentido se os oprimidos buscarem a reconstrução de sua humanidade e realizarem a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e os opressores.

Seguindo essa linha de pensamento continua-se uma luta pela transformação social, visando à emancipação e à esperança, que é o projeto emancipatório defendido por Freire. Ele nos chama atenção para refletirmos sobre a questão do multiculturalismo, tendo em vista, que numa sociedade democrática, o ser humano tem o direito de ser diferente, porque é a diferença caracteriza a relação da riqueza humana. O que se abomina é a desigualdade social, não a individualidade do sujeito.

A sociedade é contraditória e, portanto, apresenta nela própria, situações de opressão, reflexo de atos de injustiça marcado pelas desigualdades sociais, próprios da sociedade capitalista, já que existe aquele que oprime e aquele que é oprimido, gerando um contexto de violência. Violência que se percebe também no contexto escolar. Seja pelos conflitos da sociedade excludente, injusta e desigual, seja pelo discurso autoritário, ou mesmo pela permissividade.

Nesse sentido, requer repensar a formação de homens capazes de transformar, onde o fazer torna-se ação e reflexão, práxis pedagógica, caracterizada pela ação transformadora do

mundo. Buscando a libertação do homem, no contexto de reflexão, pela compreensão de ser no mundo, com o mundo e para o mundo.

Compreender a educação como transformação social, pressupõe ver o homem não como mero reservatório, depósito de conteúdo, mas sujeito construtor da própria história e em consequência, capaz de problematizar suas relações com o mundo.

Quando falamos de emancipação e esperança, não podemos esquecer-nos de citarmos no pensamento Freiriano sem que se fale da relação entre política, educação e emancipação. Na concepção teórica de educação de Freire, destaca que existe uma relação necessária entre política e educação, mas não necessariamente entre educação e emancipação. Ele coloca que o potencial educativo vem da articulação possível, sem deixar de esquecer que é tensionado durante a prática por meio do engajamento do laço social.

A esperança, o sonho e a utopia são tratados como sinônimos na produção Freiriana e de seus comentadores e partem do princípio de que conhecer é a possibilidade de projetar, lançar-se adiante, buscar. Essa busca insere-se na perspectiva ontológica do homem como um ser inacabado, inconcluso, sendo a realização de sua história movida pela esperança.

Mediante isso, compreende-se a luta permanentemente, tomando como ponto de partida seres humanos em seus diversos ambientes como coletividades, com as mais diferentes formas de opressão presentes nessas realidades sociais constituídas. Levando em conta os pressupostos citados não é possível compreender a existência humana e a luta de torná-la melhor sem o sonho e a esperança. “Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico.” (FREIRE, 1992, p. 05).

Paulo Freire afirma que não é porque o ser humano constitui-se esperançoso que sua esperança terá o poder de transformar a realidade, pois para o embate é necessário levar em conta os dados concretos, materiais, onde a esperança é necessária, mas não suficiente. Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo seria um ato de ingenuidade, mas em outro modo, sem ela seria cair no fatalismo, no pessimismo.

Podemos perceber que, sem esperança, os homens ficam desesperados, em face de seu inacabamento, se tornariam imobilizados.

Freire argumenta que o diálogo, o aprendizado e a prática democráticos permitem a ampliação dos espaços entre os diferentes, na superação das condições sectárias, enfatizando que a esperança nasce dessas superações bem como origina novas lutas: “De que a esperança tem sentido se é partejada na inquietação criadora do combate na medida em que, só assim, ela também pode partejar novas lutas em outros níveis” (FREIRE, 1992, p. 101).

Percebe-se que não podemos perder a esperança, porém, temos de olhar para a nossa realidade nacional tanto no âmbito da educação e sem esquecer-se da política! Hoje no Brasil a contradição é muito forte. O fato de existir apenas um território e a construção de diferentes realidades no mesmo espaço, o resultado é a expressão dos principais preconceitos presentes no dia a dia. Essa dinâmica acaba distanciando as pessoas do bem comum. É necessário entender que a humanidade é uma só, e o bem-estar social deve ser universal.

O complexo dessa história é ver como os espaços que deveriam ser dedicados para o desenvolvimento intelectual e criativo, por exemplo, as universidades, não atendem a esse objetivo. Além de poucos jovens terem acesso a esses meios, a maioria que possui, não desenvolve o desejo de ter contato com outra realidade.

Com isso, podemos chegar a duas conclusões: Vivemos o colapso do sistema educacional ¹²e a educação mais valiosa surge da verdadeira interação humana. Ao longo dos anos 1990, toda a política em relação à educação esteve em sintonia com a política de “Estado mínimo” neoliberal. Ou seja, estavam a serviço de desobrigar o Estado em relação à educação, tornando-a cada vez mais privatizada, com a política de criar as “ilhas de excelência”. Todas elas reforçaram o caráter excludente, segregacionista e racista do sistema de ensino no Brasil. Podemos resumir, sumariamente, da seguinte forma as diretrizes centrais da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

A contribuição de Paulo Freire para o campo do currículo foi tecida a partir da crítica à educação bancária e no movimento de superação pela formulação de uma educação libertadora que se realiza como “um processo pelo qual o educador convida os educandos a reconhecer e desvelar a realidade criticamente” (Freire, 1985, p. 125). A educação bancária, que tem por referência as teorias tradicionais do currículo, compreende os(as) estudantes como depósitos vazios a serem preenchidos por conteúdos de domínio exclusivo do(a) professor(a).

Nessa concepção, o(a) estudante é percebido como alguém que nada sabe, como ser passível de adaptação e ajuste à sociedade vigente. A curiosidade e a autonomia vão-se perdendo na produção do conhecimento, uma vez que o conhecimento é narrado pelo(a) professor(a) como algo acabado, estático.

¹² O colapso da educação pública básica sequer permite os alunos desenvolverem satisfatoriamente o raciocínio aritmético e matemático. A imensa maioria dos alunos da escola pública não domina a leitura e a escrita, e estão muito distantes dos benefícios proporcionados pela informática. Não por acaso, o analfabetismo funcional atinge mais de 30% da população, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) (BRASIL, 2009). Quer dizer, a cada três pessoas, uma sabe ler, mas não é capaz de entender o sentido do que lê. Como se não bastasse, nosso país é campeão de analfabetismo na América Latina, com taxa de 9,7%.

Assim, expõe-se o (a) estudante a um processo de desumanização. Dessa forma, os homens e as mulheres apenas vivem no mundo, mas não existem. Para Freire, o que possibilita a ação livre, criadora e determinadora das condições de existência é o desenvolvimento de consciência, capaz de apreender criticamente a realidade.

Por isso, ele critica esse tipo de educação que não permite a formação de consciência crítica, pois os(as) estudantes são estimulados a memorizar o conteúdo, e não a conhecê-lo, uma vez que não realizam nenhum ato cognoscitivo do objeto de conhecimento além do caráter verbalista, dissertativo, narrativo.

Paulo Freire busca a coerência entre a razão humana e a consciência, pela qual o homem pode transformar-se e transformar o seu contexto social. Para o que é necessária a formação do homem realmente livre. Por ser livre, vai a origem das coisas, não deixando manipular-se, já que submete sua ação à reflexão, não permitindo massificar-se, ou seja, pela formação da consciência crítica, em que o ato de educar conduz a liberdade, combatendo a alienação dos homens através da compreensão do indivíduo como ser ele mesmo, desenvolvendo suas potencialidades, humanizando-se no exercício da responsabilidade que tem frente as mudanças sociais. Exige-se, portanto, exercício consciente da ação, o que requer reflexão do próprio ato de existir.

Para Paulo Freire, exercer a consciência é ter clareza sobre o aspecto dialético da educação, onde “A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica.” (FREIRE, 1979, p. 26).

Por isso, sua luta é um clamor pelo direito do ser humano de se libertar das amarras da opressão, definir-se como sujeito, única condição que lhe permite realizar com sucesso a sua vocação ontológica de “ser mais”, de humanizar-se. Essa vocação para o humano só pode ser realizada plenamente no seio de uma educação verdadeiramente libertadora, crítica, efetivamente alfabetizadora e democrática.

Paulo Freire expressa que a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem. Um lugar em que a convivência permita estar continuamente se superando, porque a escola é o espaço privilegiado para pensar.

Ele que sempre acreditou na capacidade criadora dos homens e mulheres, e pensando assim é que apresenta a escola como instância da sociedade. Paulo Freire diz que “não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado

a si mesma de certa forma, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade.” (FREIRE, 1975, p. 30).

Reconhece a presença do oprimido e do opressor, ao que nos convida a essa libertação, inicialmente pela libertação do opressor que reside em cada um, para então conseguirmos pela marcha popular libertar todos os homens.

A educação crítica é orientada para a tomada de decisões e o exercício da prática de uma responsabilidade social e política. Modificando-se, assim, a própria relação entre professor e aluno, a qual é marcada pelo pressuposto básico que Paulo Freire estabelece para esta relação, a saber, a prática do diálogo enquanto dimensão essencial no trabalho de compreensão da realidade a partir das experiências do sujeito ensinante, assim como do sujeito aprendente.

Esse modelo apresenta uma educação construída sobre a ideia de um diálogo entre educador e educando, onde ocorra sempre partes de cada um no outro, que não poderia começar com o educador trazendo pronto do seu mundo, do seu saber, o seu modelo de ensino e o material para as suas aulas baseados na sua cultura e valores. Dentro dessa percepção é que um dos pressupostos do modelo se fundamenta na ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho.

O diálogo consiste em uma relação horizontal e não vertical entre as pessoas implicadas, entre as pessoas em relação. No seu pensamento, a relação homem-homem, homem-mulher, mulher-mulher e homem-mundo são indissociáveis. “Os homens se educam juntos, na transformação do mundo.” (GADOTTI, 1996, p. 84).

Nesse processo se valoriza o saber de todos. O saber dos alunos não é negado. Todavia, o educador também não fica limitado ao saber do aluno. O professor tem o dever de ultrapassá-lo. É por isso que ele é professor, e sua função não se confunde com a do aluno.

O processo de aprendizagem humana, a interação social e a mediação do outro tem fundamental importância. Na escola, pode-se dizer que a interação professor-aluno é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo ensino aprendizagem. Por essa razão, justifica-se a existência de tantos trabalhos e pesquisas na área da educação dentro dessa temática, os quais procuram destacar a interação social e o papel do professor mediador, como requisitos básicos para qualquer prática educativa eficiente.

De acordo com as abordagens de Paulo Freire, percebe-se uma vasta demonstração sobre esse tema e uma forte valorização do diálogo como importante instrumento na constituição dos sujeitos. No entanto, esse mesmo autor defende a ideia de que só é possível uma prática educativa dialógica por parte dos educadores, se estes acreditarem no diálogo como um fenômeno humano capaz de mobilizar o refletir e o agir dos homens e mulheres.

Organizar uma prática escolar, considerando esses pressupostos, é sem dúvida, conceber o aluno um sujeito em constante construção e transformação que, a partir das interações, tornar-se-á capaz de agir e intervir no mundo, conferindo novos significados para a história dos homens.

Quando se imagina uma escola baseada no processo de interação, não se está pensando em um lugar onde cada um faz o que quer, mas num espaço de construção, de valorização e respeito, no qual todos se sintam mobilizados a pensarem em conjunto.

Para contribuir com as reflexões acerca da afetividade na escola, Freire (1996, p. 74) salienta:

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por um de ditadura reacionista. Nem tampouco compreendi a prática educativa como uma experiência que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual.

É importante ressaltar a centralidade da noção de diálogo no pensamento de Freire. Diálogo que tem como premissa o conhecimento sobre o objeto em questão; não é possível, dessa forma, dialogar sobre o que não se conhece o que configura invasão cultural. O pensamento Freiriano diz que “enquanto a ação cultural para a libertação se caracteriza pelo diálogo, ‘somo selo’ do ato de conhecimento, a ação cultural para a domesticação procura embotar as consciências. A primeira problematiza; a segunda “slogaliza” (FREIRE, 1981, p. 66). Desta forma, o fundamental na primeira modalidade de ação cultural, no próprio processo de organização das classes dominadas, é possibilitar a estas a compreensão crítica da verdade de sua realidade”.

Freire coloca uma questão totalmente original a respeito da prática educativa; não como algo a ser “dado” por quem sabe a quem não sabe; mas, sim, como uma forma de os seres humanos se apropriarem, conscientemente, de sua realidade para, assim, terem condições de transformá-la.

A pedagogia de Paulo Freire propõe um ensino na base do diálogo, a liberdade e ao exercício de busca ao conhecimento participativo e transformador. Uma educação que esteja disposta a considerar o ser humano como sujeito de sua própria aprendizagem e não como mero objeto sem respostas e saber. Sua vivência, sua realidade e essencialmente sua forma de enxergar e ler o mundo precisam ser considerados para que esta aprendizagem se realize.

Paulo Freire aporta os níveis de uma ação libertadora: o educador reflete sobre o modo como ele próprio trabalha, para a mudança ou para a reprodução do sistema? Nesse estágio,

busca soluções para as crises, situações-limite e se superando se abre para o novo, para o não tentado anteriormente. Só então despe as velhas respostas e aprende as novas, substitui o velho por um novo modo de agir e atuar.

A transformação começa a partir dele e inicia-se no repasse ao educando a transformação coletiva. Num estágio intermediário, a experiência de se libertar precisa encontrar outros sujeitos de histórias similares, que vivem a mesma experiência da libertação.

É a necessidade de se identificar com o outro, mirar-se em outros espelhos e ver a si próprio em terceira pessoa, ver a própria imagem de outro ângulo. Numa visão ampliada, tem-se a necessidade de mostrar a eficácia e a universalidade do método ou caminho encontrado, a superação e libertação subsequente, necessidade de internacionalizar a resposta local e, sobretudo o desejo de partilhar o que deu certo. A isto se chama “ação cultural libertadora”.

Fazer-se sujeito, libertar-se é o sentido maior do compromisso histórico que se tem para com o homem, é participar de uma prática humanizadora. Para ser sujeito, é preciso soltar as amarras, ousar voos de liberdade. E a liberdade é conquista que exige uma permanente busca, para que se possa superar a situação opressora. A educação é o meio que conduz o homem na conquista de sua subjetividade para que possa comandar o destino de suas ações.

Em termos educacionais, a proposta de Freire é uma proposta antiautoritária apesar de pedagogia dirigente, onde professores e alunos ensinam e aprendem juntos. Partindo-se do princípio que educação é um ato de saber, professor-aluno e aluno-professor devem engajar-se num diálogo permanente caracterizado por seu "relacionamento horizontal", que não exclui desequilíbrios de poder ou diferenças de experiências e conhecimentos. Esse é um processo que toma lugar não na sala de aula, mas num círculo cultural.

Não existe um conhecimento “discursivo”, mas um conhecimento começando das experiências diárias e contraditórias de professores-alunos/alunos-professores. Certamente esse conjunto de conceitos desfaz a moldura mais importante da pedagogia autoritária e aparece como uma prática e ideologia de “contra-hegemonia” dentro das instituições de treinamento de professores.

Ensinar é algo de profundo e dinâmico onde a questão de identidade cultural que atinge a dimensão individual e a classe dos educandos, é essencial a prática educativa progressista, Freire salienta, constantemente, que educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida, senão não terá eficácia.

Paulo Freire achava que o problema central do homem não era o simples alfabetizar, mas fazer com que o homem assumisse sua dignidade enquanto homem. E, desta forma, detentor de uma cultura própria, capaz de fazer história. Ainda segundo Paulo Freire o homem

que detém a crença em si mesmo é capaz de dominar os instrumentos de ação à sua disposição, incluindo a leitura.

O pensamento de Freire (1921-1997) surge como produto das condições histórico-sociais em que vivia o Brasil e o Chile na década dos 60, lugares onde realizou sua prática educativa mais relevante. Em *Educação como prática da liberdade* (1967), um dos seus primeiros ensaios, não se pode compreender nem submeter à crítica sem vinculá-lo ao contexto brasileiro dos anos 1960-1964. Ainda que se deva chamar a atenção para o fato de que o pensamento foi-se gerando desde os anos finais da década de 1940 e durante toda a década de 1950; e mais, continua enriquecendo-se até o dia de hoje.

De acordo com critérios sociológicos de sua época, Freire reconhece no Brasil uma “sociedade fechada” à qual pertencia à sociedade, a cultura e a educação que se discute. Mas, no Brasil, também havia uma "sociedade aberta" que propunha uma educação participativa, onde toda pessoa podia "dizer sua palavra", uma sociedade à qual pertencia uma cultura livre. O Brasil também tinha uma "sociedade em transição" à qual pertencia uma "consciência transitiva", em processo de libertação.

O modelo pedagógico de Paulo Freire que aproxima a educação como ação cultural, de *conscientização* e suas técnicas para alfabetização têm sido adotadas e adaptadas para ajustar milhares de projetos onde a situação de aprendizagem é parte da situação de conflito social.

Esse modelo apresenta uma educação construída sobre a ideia de um diálogo entre educador e educando, onde ocorra sempre partes de cada um no outro, que não poderia começar com o educador trazendo pronto do seu mundo, do seu saber, o seu modelo de ensino e o material para as suas aulas baseados na sua cultura e valores. Dentro desta percepção é que um dos pressupostos do modelo se fundamenta na ideia de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho.

O diálogo consiste em uma relação horizontal e não vertical entre as pessoas implicadas, entre as pessoas em relação. No seu pensamento, a relação homem-homem, homem-mulher, mulher-mulher e homem-mundo são indissociáveis. “Os homens se educam juntos, na transformação do mundo”. Nesse processo, valoriza-se o saber de todos. O saber dos alunos não é negado. Todavia, o educador também não fica limitado ao saber do aluno. O professor tem o dever de ultrapassá-lo. É por isso que ele é professor e sua função não se confunde com a do aluno.

Esta tem a pretensão de apresentar reflexões no que considera peculiar na obra *Educação como prática da Liberdade* (1967), no qual Paulo Freire aborda o método de

Alfabetização de Adultos de maneira detalhada dentro de um contexto sócio-político no Brasil na década de 1960.

Paulo Freire faz uma crítica à educação tradicional no Brasil, o autor defendia que seria necessária uma educação para decisão, para uma responsabilidade social e política. Educação que o colocasse em diálogo sempre com o outro, através de uma visão crítica e não apenas passiva. Freire concebia um processo pedagógico de educar o sujeito histórico e politizado dentro de uma análise crítica da sociedade.

A Pedagogia Crítica recusa a tese de que o conhecimento e a escola são neutros e que, portanto, os professores devem ter uma atitude neutra. A escola é um processo político, não apenas porque contém uma mensagem política ou trata de tópicos políticos de ocasião, mas também porque é produzida e situada em um complexo de relações políticas e sociais das quais não pode ser abstraída.

Paulo Freire apresenta uma linguagem político-pedagógica, completamente progressista e renovadora para a época. O autor também ressalta o valor dos conteúdos programáticos, que deveriam ser democraticamente escolhidos pelas partes interessadas no ato de alfabetizar, dentro de uma proposta mais ampla de educar.

A democracia numa linguagem Freiriana pode dizer que: “antes de ser forma política, é forma de vida, se caracteriza, sobretudo por fortes doses de transitividade de consciência no comportamento do homem.” (SILVA, 2000, p. 183). A questão fica ainda mais complexa, pois a transitividade de consciência se desenvolve em certas condições em que o homem é submetido ao debate, à crítica, ao exame da realidade, o contrário do que ocorria com a grande maioria do povo brasileiro naquelas circunstâncias. De modo geral, o povo se colocava às margens dos acontecimentos, como a Proclamação da República, "bestificado" como se os fatos fossem passes de mágica.

Então percebemos que o termo democracia foi uma questão que fica ainda mais complexa, devido à transitividade de consciência que se desenvolve em certas condições, onde o homem é submetido ao debate, à crítica, ao exame da realidade, o contrário do que ocorria com a grande maioria do povo brasileiro naquelas circunstâncias. Como a educação e conscientização são indissociáveis, o processo de desalienação no método Paulo Freire, passa por três estágios bem demarcados.

O primeiro deles é o da consciência intransitiva, imersa. Um ser ou uma comunidade preponderantemente “intransitiva” caracteriza-se pelos interesses (quase) exclusivamente vegetativos e biológicos, há ausência da dimensão histórica, espacial e temporal, a consciência dos homens vive dobradas sobre si mesmas e no descompromisso com a existência.

Na medida em que há um esforço para desalienação do ser intransitivo inicia-se um processo de transição, aumenta o poder de dialogação do homem com o homem e do homem com o mundo. As reflexões se alongam às esferas mais amplas e leva a vencer o descompromisso por compreender que existir é um conceito dinâmico.

Entretanto, esta consciência transitiva é demarcada em dois estágios distintos. Num primeiro estágio, a transitividade ainda ingênua, caracteriza-se pela simplicidade na interpretação dos problemas, pela subestimação do homem comum, pela falta de investigação, explicações fabulosas, fortemente marcada pela emocionalidade.

Esse tipo de consciência, se não for vencida levará o homem ao fanatismo, à irracionalidade. O homem é incapaz de conduzir-se, continua como objeto. Este estágio pode ser mais prejudicial que o de consciência intransitiva porque há uma distorção na captação e na compreensão, é a principal matéria-prima da manipulação das elites.

O estágio evoluído da consciência transitiva ingênua é a transitividade crítica, resultado de um esforço reflexivo. A consciência transitiva crítica caracteriza-se pelo comportamento comprometido e capacidade de opção e decisão, capaz de estudar e compreender a realidade e elaborar alternativas e ações de mudanças. Essa criticidade só é possível através de uma educação completa, que ao mesmo tempo prepara para a crítica das condições apresentadas seja capaz de construir seu próprio caminho.

Parece contraditório o fato de uma sociedade em ascensão dinamicamente em transição com uma educação pedagógica produtora de posições acomodadas e adaptadas. Entretanto, basta avaliar os objetivos e as circunstâncias da implantação das escolas no Brasil, com seus métodos elitistas produzidos na Europa. Era clara e evidente a necessidade de ruptura profunda com este modelo educacional e a criação de uma pedagogia viva, capaz de criar.

Numa sociedade, com certas rupturas, porém, marcada pela inexperiência democrática, com uma História pesada para se carregar, precisa ser recriada, deve possibilitar ao povo a descoberta do seu valor verdadeiro e os caminhos para essa valorização passa pela educação. Educação como sinônimo de libertação, de transformação de cada ser e do conjunto.

Nessas circunstâncias de transição brasileira, é desafiador encontrar uma resposta que possibilite a reflexão e a crítica, e que frutifique uma sociedade livre, capaz de despertar cada ser da sua condição de intransitividade para a consciência crítica com responsabilidades social e política.

Toda essa reflexão sobre educação e conhecimento nos é cabível como estudantes e cidadãos, na medida em que nos propomos a investigar e vivenciar a educação como um instrumento de transformação, que envolve pessoas e comunidades carentes de um despertar,

necessitadas do conhecimento e que, apesar das mazelas do tempo, capazes de tornarem-se sujeitos de suas vidas, mas que até então veem-se presas na roda viva, impossibilitadas de libertarem-se por si só.

Para que haja uma mudança da sociedade, se mude a forma de pensar e também conhecer as realidades, deve-se participar da fase de transição e das mudanças da sociedade, lutar pelos direitos e possamos chegar numa verdadeira democracia. E mediante essa mudança da sociedade, logo, pensamos que a educação, torna-se um veículo de integração para a conscientização por meio de superação da massificação estejamos libertos e não perdendo o medo de lutar diariamente.

Mediante toda essa reflexão, podemos perceber e analisar profundamente que a educação e a conscientização são indissociáveis, visto que elas estão conectadas. Esse processo de desalienação, no método e dialética crítica reflexiva e filosófica de Paulo Freire, passa por três estágios bem fundamentados:

o conhecimento está sempre se transformando. Isto é, o ato de saber tem historicidade, então o conhecimento de hoje sobre uma coisa não é necessariamente o mesmo de amanhã. O conhecimento transforma-se à medida que a realidade também se movimenta e se transforma. Então, a teoria também faz o mesmo. Não é algo estável, imobilizado. (FREIRE, HORTON, 2003, p. 114).

O primeiro deles é o da consciência intransitiva, imersa. Um sujeito ou uma comunidade preponderantemente “intransitiva” caracteriza-se pelos interesses (quase) exclusivamente vegetativos e biológicos, há ausência da dimensão histórica, espacial e temporal, a consciência dos homens vive dobrada sobre si mesma e no descompromisso com a existência.

Nisso há uma medida muito importante onde deve haver um grande esforço para desalienação do ser intransitivo e inicia-se um processo de mudança interna e aumenta o poder de dialogação do sujeito com o próximo e com o mundo. Essas reflexões se alongam às esferas mais amplas e nos levam a vencer o descompromisso por compreender que o existir é um conceito dinâmico.

Meramente, essa consciência transitiva é demarcada em dois estágios muito similares: num primeiro estágio, a transitividade ainda ingênua. E caracterizam-se pela simplicidade na interpretação dos problemas, e pela subestimação do homem comum, pela falta de investigação, explicações fabulosas, fortemente marcadas pela emocionalidade. Observando bem esse tipo de consciência, se não for vencida, levará o homem ao fanatismo, à irracionalidade. Na verdade, não há eu que se constitua sem um não eu. Por sua vez, o não-eu constituinte do eu se constitui

na constituição do eu constituído. Dessa forma, o mundo constituinte da consciência se torna um mundo da consciência, um percebido objetivo seu, ao qual se intenciona.

Ou seja, o ser humano fica incapaz de conduzir-se e não caminha sozinho e continua como objeto. Esse estágio pode ser mais prejudicial que o de consciência intransitiva porque há uma distorção na captação e na compreensão, é a principal matéria-prima da manipulação das elites.

O estágio da consciência transitiva e da consciência ingênua é a transitividade crítica, resultado de um esforço reflexivo. A consciência transitiva faz a crítica e caracteriza-se pelo comportamento comprometido e capacidade de opção e decisão e capaz de estudar e compreender a realidade e elaborar alternativas e ações de mudanças. Ora, somos sujeitos com criticidade só é possível por meio de uma educação completa, que ao mesmo tempo prepara para a crítica das condições apresentadas e que seja capaz de construir seu próprio caminho. Isso significa pensar a educação libertadora como exigência de nova pedagógica para emancipação humana.

Para o nascimento e fortalecimento de uma nova pedagogia, é crucial o desenvolvimento econômico como suporte para a democracia, até então nunca vista neste "nosso" Brasil. Paulo Freire pressupõe o diálogo como ferramenta democrática sem a exclusão de nenhuma classe, ou seja, todos têm o direito de impor-se enquanto indivíduo na sociedade, apresentando seus anseios, opiniões e reivindicações. Sendo assim, para que a educação como prática de liberdade efetivamente ocorra é necessária uma transformação na sociedade nacional, proporcionando condições sociais, políticas e econômicas voltadas para a liberdade.

A liberdade em seu método é a matriz da prática educativa, sendo princípio essencial para efetividade da alfabetização que, no método apresentado por Paulo Freire, é promovida pelos círculos de cultura que substituem o modelo de escola convencional. Os círculos de cultura são compostos por um coordenador e um grupo de homens comuns que desejam dominar a linguagem, o coordenador não exerce a função de professor, mas sim de um promotor do diálogo, que é a tarefa central dos círculos, jamais impondo ou tentando influenciar os educandos.

Paulo Freire aponta ainda que a sociedade brasileira se encontra em um período de transição, embasado na crise social dos valores, de uma sociedade fechada, em que as massas são objetificadas, o diálogo é restrito, imerso no profundo silêncio dos marginalizados e excluídos, distanciados cada vez mais das elites. A massa popular anseia por uma nova democracia com liberdade, que não se efetiva sem luta, nesta transição de sociedade fechada para sociedade moderna.

A educação cumpre um papel nesse processo de conscientização e de movimento de massas. Pelo conceito de consciência transitiva crítica, entende-se como a consciência é articulada com a práxis. Para se chegar a essa consciência, que ao mesmo tempo é desafiadora e transformadora, são imprescindíveis o diálogo crítico, a fala e a vivência. O diálogo proposto pelas elites é vertical, rígido, impeditivo do educando-massa dizer a sua palavra.

Na pedagogia dominante, ao educando cabe apenas escutar, obedecer, e um dos elementos básicos na mediação opressor-oprimidos é a prescrição, a qual se configura como a imposição da opção de uma consciência a outra.

Quando a população percebe a realidade que se encontra num processo emergente, porém ingênuo e despreparado, é uma tarefa desafiadora e perigosa diante do poder das elites, que depende da massificação e da manobra do povo como sustentação dos seus privilégios.

Quando se fala sobre a educação, Freire diz que: o educar "é um ato de amor, um ato de coragem", ato como ação, prática, e amor como reciprocidade, confiança; e coragem como capacidade de opção. A educação tem como finalidade para enxergamos a realidade e nos propicia a reflexão e autorreflexão mediante sua capacidade de observar e de fazer uma análise de mundo e mediante esta reflexão se percebem as dimensões temporais, espaciais, históricas, culturais, sociais, e assim por diante. Citado por Moacir Gadotti é nesse sentido que Paulo Freire é enfático ao afirmar que "a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação." (1991, p. 84).

Para Freire, é o "saber melhor o que se está fazendo", é investigar o problema, assim serão descobertas as soluções e pensá-las. Adquirimos o conhecimento por meio do vínculo orgânico mediante a prática, observando no contexto do diálogo, e da palavra e da História, por meio da linguagem e também do pensamento. Ora, a intenção e o nosso desejo é conhecer o fundamental para o processo de aprendizado, e o desejo de despertar que é também papel do educador se valendo de métodos como a palavra geradora, tratando da significação e as relações reais no cotidiano do grupo de educandos.

"Não há nada que mais contradiga e comprometa a emersão popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação." (FREIRE, 1967, p. 93).

O pensamento educativo de Freire vai na direção contrária ao modelo e política de educação da sociedade que está em ascensão dinamicamente em transição com uma educação pedagógica produtora de posições acomodadas e adaptadas. A proposta de Freire é a noção de consciência crítica como conhecimento e prática de classe. É uma pedagogia da consciência. Em Pedagogia do Oprimido Freire enfatiza um aspecto fundamental no processo de organização

política das classes sociais subordinadas: os elos entre a liderança revolucionária e as práticas das massas.

A palavra conscientização, ou seja, consciência crítica adquire força nos programas político-culturais e Freire, naquele momento, alertou contra a obsessão do uso dessa palavra como emblema nos programas conservadores onde os princípios educacionais estavam mais próximos da educação bancária do que da educação problematizadora ou da ação cultural para a liberdade. Freire define pedagogia como uma ação cultural, diferenciando duas ações culturais centrais: educação bancária e educação problematizadora.

A proposta de Paulo Freire, em termos educacionais, é uma proposta antiautoritária, onde professores e alunos ensinam e aprendem juntos, engajados num diálogo permanente. Esse processo não deve estar presente apenas na sala de aula, mas em um círculo cultural constante.

Segundo o discurso de Paulo Freire (1996, p. 13), referente à prática educativo-crítica: “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”, e “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Fazer uma boa reflexão sobre educação e conhecimento, nos é possível, pois somos estudantes e os cidadãos, na medida em que nos propomos a investigar e vivenciar a educação como um instrumento de transformação, que envolve pessoas e comunidades necessitadas do conhecimento e o desejo de ser mais, e que apesar das mazelas do tempo, capazes de tornarem-se sujeitos de suas vidas, mas que até então se veem presos na roda viva, impossibilitadas de libertarem-se por si só. Nas palavras de Moacir Gadotti o que pensa sobre educação: “educar significa, então, capacitar, potencializar, para que o educando seja capaz de buscar a resposta do que pergunta, significa formar para autonomia.” (GADOTTI, 2010, p. 13).

Ao fazer um resgate da *Pedagogia do Oprimido*, podemos observar que acontecimentos de 50 anos atrás estão à tona e retornaram nos tempos atuais. E nos questionamos o porquê disso? Por isso que a educação libertadora se transforma em exigência de leitura para avançar na educação como substrato para emancipação humana. Isso significa que a teoria da educação pensada por Freire continua em atual para educação para a justiça social. Da mesma forma é que o educador progressista, não deve esquecer que a luta é constante, tendo em vista que, a opressão continua: os oprimidos cada vez mais aumentando, quanto aos processos de opressão não só apenas se vem repetindo.

O ataque à educação libertadora está cada vez mais evidente. As estratégias de opressão cada vez mais vêm se aperfeiçoando, as pessoas que aderem a esse tipo de política vêm acolhendo esta ideia e devido a este tipo de opressão, que vem se refinando. Os oprimidos estão

e são decretados como “criminosos” e a minoria classe dirigente do que governa o país vem deixando-os às margens da sociedade, sem esperança, na descrença, sem otimismo e continuam a fazer uma política que anula o ser humano podendo levar à morte. São extermináveis como militantes e até como jovens, adolescentes e crianças.

Se fizermos um resgate histórico e uma atualização nos dias atuais, podemos perceber que os dias de angústia e a falta de esperança calcada numa fé sem amor, mas numa fé com base na lei e com um Deus punitivo, nós perceberemos que estamos em tempos de golpes ditatoriais, lembrando os anos de 1960.

Mas, para além do aspecto político do regime, o Brasil do regime militar - mais especificamente o de 50 anos atrás - também era um país atrasado, com alta prevalência de miséria e fome e com péssimos índices de desenvolvimento social: um terço da população era analfabeta, doenças infecciosas e parasitárias ainda apareciam entre as principais causas de morte, e a mortalidade infantil era seis vezes maior que a atual. A criminalidade também havia começado a se tornar epidêmica nos grandes centros urbanos. E vários desses aspectos pioraram ao longo do regime.

O ano de 1968 marca o início do “milagre econômico brasileiro”, período de crescimento robusto que durou até 1973, com altas do Produto Interno Bruto (PIB), de entre 7% e 13% ao ano. Ao mesmo tempo, este também foi um período de piora nos níveis de desigualdade.

Em 1965, a participação na renda nacional do 1% mais rico da população, era cerca de 10% do total. Três anos depois, a cifra subiu para 16%. Os números pioraram ainda mais até o fim do regime. Já entre os 5% mais ricos, a participação na renda passou de 28,3% em 1960 para 34,1% em 1970. Em contraste, os 50% mais pobres, que recebiam 17,4% do rendimento total em 1960, passaram a 14,9% do total em 1970. Neste último ano, havia 3.275 municípios (83% do total) cuja população vivia, em média, com menos de meio salário mínimo por mês.

Os indicadores também apontam que, no período entre 1964 e 1974, ocorreu uma queda ou estagnação do salário mínimo real, apesar do crescimento da economia. Em São Paulo houve queda de 42% no poder aquisitivo do salário mínimo. Com os sindicatos banidos, os trabalhadores também não tinham canais para registrar a insatisfação.

A ditadura vem marcada por inúmeras restrições para a sociedade, a anulação dos direitos sociais coletivos e individuais deu início a diversas prisões arbitrárias, desaparecimento de pessoas, torturas, assassinatos, atitudes que passaram a fazer parte do cotidiano da sociedade brasileira.

Durante o período ditatorial, foram censuradas diversas atividades artísticas, culturais entre outras manifestações, proibindo-se qualquer tipo de manifestação que fosse contra ao regime. Nesse sentido, a censura era um dos mais fortes sustentáculos de apoio à ditadura militar. No que diz respeito ao setor educacional, as leis se tornaram mais rígidas já nas primeiras medidas dos golpistas, com o Ato Institucional nº1 (AI-I) (GHIRALDELLI JR., 2000).

Paulo Freire afirma que o ponto de partida do nosso trânsito foi a sociedade fechada, comandada por um mercado externo, exportadora de matérias-primas e predatória; reflexa na sua economia e na sua cultura. Por isso, alienada, sem povo, "antidialógica". Com precária vida urbana e alarmantes índices de analfabetismo, portanto, atrasada.

Na avaliação do autor, essa sociedade rachou-se. Se ainda não era uma sociedade aberta, já não era, contudo, uma sociedade totalmente fechada. Parecia ser uma sociedade abrindo-se, correndo o risco, pelos possíveis recuos no trânsito, como o atual Golpe de Estado, de um retorno catastrófico ao fechamento.

As forças que estavam em disputa eram contraditórias, ressalta Paulo Freire, internas e externas. Uma estavam convencidas, em face da crescente pressão popular, de que a abertura da sociedade brasileira e sua autonomia se fariam em termos realmente pacíficos. Outras, a todo custo buscando reacionariamente entravar o avanço, pior ainda, recuar.

Paulo Freire quando escreve a *Pedagogia do Oprimido* e mostra a todos como uma sociedade que não reflete, não pensa em ações futuras, visam ao lucro para uma minoria que é majoritária e controla todo o sistema o pensamento Freiriano na sua atual conjuntura pode dizer que a opressão está de volta e de outra forma continua na nossa atualidade.

Como podemos perceber, as violências de Estado¹³ são tão atuais e também elas vêm tão requintadas e nos fazem agir contra os mesmos coletivos: os trabalhadores estão perdendo os seus direitos; os jovens pobres, negros, periféricos além de continuarem à margem, sem esperança e na sobrevivência, ainda estão sendo exterminados; os movimentos sociais, que são um meio de adquirir nossos direitos e mudança na estrutura, como por exemplo, o movimento dos trabalhadores sem-terra.

Assim como todos os trabalhadores que tem o direito à terra, ao teto, ao trabalho, à renda, à saúde, à educação, devido à classe de empresários que são donos das multinacionais

¹³ O movimento neoliberal defendia a tese de que as crises da década de 70 e 80 decorria do mau funcionamento do estado, evidenciado na falta de efetividade, no crescimento distorcido, nos altos custos operacionais, no excesso do endividamento público e na incapacidade de se adequar o processo de globalização em curso, que teria reduzido autonomia e a capacidade dos Estados Nacionais para gerirem suas próprias políticas e economias e sociais.

abafam a classe operária em todos os sentidos e esses operários continuam sendo reprimidos, exterminados.

A classe operária se forma devido a uma compatibilização e uma organização, tanto sindical, quanto de pensamento por parte dos trabalhadores, reconhecendo sua situação e com o intuito de buscar melhorias. Contudo, havia uma diferença dentro da classe operária. Os trabalhadores que eram donos de ofício se organizaram mais facilmente, e essa atitude fez com que a participação dos operários fabris nos movimentos coletivos fosse dificultada, o que resulta em uma predominância dos trabalhadores de ofício no movimento sindical em detrimento dos trabalhadores fabris. Essa exclusão fez com que a luta por direitos sociais dessa prioridade para aqueles trabalhadores mais organizados, os donos de ofício, destacando uma clivagem dentro mesmo do movimento sindicalista operário.

É nesse contexto que entra em cena a questão social, de forma que a concessão ou não de direitos sociais ou até mesmo a realização de discussões acerca da questão social – sem nem mesmo tomar uma ação – é negligenciada ou ressaltada em determinados governos, dependendo de suas diretrizes políticas e econômicas. Como ressaltado anteriormente, há uma intrínseca relação entre a ordem política e a ordem jurídica no Brasil, contudo, essa relação não é estrita, uma vez que se pode tecer uma teia ligando os campos jurídico, social e político.

Os processos de opressão estão sendo recolocados em nossa sociedade quando a grande massa ou a classe trabalhadora consegue fazer uma reflexão de mundo e começa a se interessar pelos seus direitos e almeja se libertar e libertar o outro. Como forma de cercear a manifestação da massa popular, a estratégia é renovar um tipo de opressão, onde a grande massa ache que está lucrando, passa assumir como valor o projeto da classe dominante e pensa que pode mudar de classe social. Ou seja, cada vez que a classe trabalhadora começa a querer prosperar e começa a ver a realidade, o processo de opressão se renova e, sempre os oprimidos aumentam e, diante disto, Freire nos dá uma ideia sobre a educação libertadora que transforma em suporte teórico para desvelar a realidade social injusta. Nesse mesmo movimento, a sua pedagogia constitui como mediação para a formação da consciência crítica.

Aprender e compreender esse olhar para esses movimentos com a perspectiva de Paulo Freire, os oprimidos que saibam resistir a toda forma e a todo processo de opressão, resistem à libertação, e somos obrigados a tentar entender com que pedagogias se libertam e nos ajudam nos humanizarmos. O pensamento político-pedagógico de Freire nos ajuda entender que os oprimidos continuam se afirmando sujeitos de outras pedagogias.

É preciso reconhecer e também passarmos pela experiência que os oprimidos veem outro paradigma mediante da educação. Eles não vêm suplicar piedosas pedagogias de como

ensiná-los, o certo é incluí-los, é letrá-los, e torná-los conscientes. E no livro *Conscientização: teoria e prática da liberdade: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* (1979, p. 15), o autor já abordava o conceito nas seguintes palavras:

Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade [...]. Ao nível espontâneo, o homem ao aproximar-se da realidade faz simplesmente a experiência da realidade na qual está e procura. Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência.

É necessária uma conscientização mediante a educação e também do sujeito por meio do ato de educar, isso requer uma qualificação ampla tanto em teoria quanto em prática e não podemos nos esquecer dos saberes dos teóricos e metodológicos que, ao serem sistematizados em junção, formam a estrutura base da transmissão do conhecimento.

Fica claro que, dependendo ou não do embasamento científico ou de qualquer conceituação, determinada pela ideologia exposta, ela está sujeita a esses ensejos que emergem como causa e efeito das suas exposições. Para Morin (2000, p. 20), “O conhecimento, sob forma de palavra, de ideia, de teoria, é o fruto de uma tradução/reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro”. Em suma, o professor age como facilitador e tem o conhecimento explicitando sobre conteúdos determinados que, em primeira visão, são uma porta aberta para as dúvidas e questionamentos entre seus alunos. Essas mesclas produzem uma ruptura ideológica que viabiliza o surgimento do erro como contradição do saber já determinado. Morin (2000, p. 21) nos diz que “os paradigmas que controlam a ciência podem desenvolver ilusões, e nenhuma teoria científica está imune para sempre contra o erro”.

A cegueira da busca científica em todas as áreas produziu no homem uma divisão de saberes restritos ficando viável a cada área só identificar e analisar em seus estudos aquela porção de que é parte de sua especialização empírica. Ou seja, por anos os conteúdos dados em sala de aula foram divididos e estudados individualmente sem relações viáveis com outras disciplinas, ficando o aluno à mercê da ilusão e da contrariedade pertinente do erro.

Isso se dá como efeito dos paradigmas empregados nos sistemas educacionais vigentes sem demandas renovadoras, que levassem o conhecimento a uma visão ampla do mundo como um todo não como uma simples divisão desse todo.

A ciência enquanto ciência tem de despertar a curiosidade de toda outra ciência, assim como na conjuntura curricular de uma escola tem de haver a junção entre todas as disciplinas, formalizando um contexto variado de saberes e não de dicotomias do conhecimento.

Ao sistematizar nosso pensamento como agentes em constante processo de aprendizagem, “nossa mente, inconscientemente, tende a selecionar as lembranças que nos convêm e a recalcar, ou mesmo apagar, aquelas desfavoráveis, e cada qual pode atribuir-se um papel vantajoso.” (MORIN, 2000, p. 22).

No processo de ensino-aprendizagem, o que mais se percebe são essas abordagens relativas que são vistas e estudadas em sala de aula, primordialmente com crianças em estágios iniciais de alfabetização, simultaneamente tomam por base essa perspectiva da má formalização do currículo e na forma como as disciplinas são expostas muitas vezes. Isso camufla as ideias das crianças, levando-as a uma não significação e assimilação do que foi visto e explicitado em sala de aula, ou seja, não guardam em suas mentes as coisas desfavorecidas, mas sim só enfatizam as que mais chamam a atenção.

Quando se atribui um paradigma como definição de controle e ordem a uma determinada área de limitação científica ou não, nesse caso a escola pode ser vista como um aparelho ideológico e social de mistura de raças, crenças, etnias e culturas.

Em primeiras mãos, é formalizar um modelo que se centre no contexto de cada educando sem restringir-se a nenhum, trabalhando com o seu todo sem divisões e sem exclusões, vendo-os como igualitários e não como indivíduos que fogem de suas razões, racionalidades ou da racionalização e de tudo que entrelaça dentro do seu contexto e nas suas visões de mundo. Assim descreve Morin (2000, p. 23):

A verdadeira racionalidade, aberta por natureza, dialoga com o real que lhe resiste. Opera o ir e vir incessante entre a instância lógica e a instância empírica: é o fruto do debate argumentado das ideias, e não a propriedade de um sistema de ideias. O racionalismo que ignora os seres, a subjetividade, a afetividade, e a vida é irracional.

A racionalidade deve reconhecer a parte de afeto, de amor e de arrependimento. A verdadeira racionalidade conhece os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo; sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistério. Negocia com a irracionalidade, o obscuro, o irracionalizável. É não só crítica, mas autocrítica. Reconhece-se a verdadeira racionalidade pela capacidade de identificar suas insuficiências."

A lógica, que por natureza biológica todos nós carregamos conosco, expõe a ideológica para o conhecimento de que existe o julgamento do erro e da ilusão levando a uma descrição do saber do mundo como uma visão ampla de vários saberes e para vermos que a escola não é só um espaço de saber ler e escrever, mas um lugar de pensar da mente sobre vários

pontos diversificados das ciências dos conhecimentos inacabados flexíveis e sob tudo da realidade do mundo em um todo.

Seguindo essa visão do conhecimento científico e os erros e ilusões que ele pode proporcionar, encontra-se na educação a maior concentração desse efeito, de certo modo é na retransmissão e reescrita do conhecimento que nasce em alguns casos o erro, camuflados pelos paradigmas que assolam as definições e contrarie a mente da humanidade, com coisas que às vezes não têm a menor noção, mas que para a ciência se define como evolução e visão de um futuro progressista e científico.

Partindo dessas abordagens do vêm a ser os paradigmas, como formas modeladas e pré-determinadas pela sociedade e no campo da ciência, voltemos para a escola e o seu papel na difusão dos conhecimentos e dos saberes e quais expectativas recaem dentro do ensino e na técnica de trabalhar as mentes humanas na junção e tributos metodologias que viabilizem uma aprendizagem voltada para os laços humanos, sociais, culturais e etc.

Edgard Morin descreve a transdisciplinaridade como forma de tecer conhecimentos e formar um indivíduo complexo assim como ele situa e define seu método das complexidades. O conhecimento transdisciplinar associa-se à dinâmica da multiplicidade das dimensões da realidade e apoia-se no próprio conhecimento disciplinar. Isso quer dizer que a pesquisa transdisciplinar pressupõe a pesquisa disciplinar, no entanto, deve ser enfocada a partir da articulação de referências diversas. Desse modo, os conhecimentos disciplinares e transdisciplinares não se antagonizam, mas se complementam.

Em outra perspectiva, Morin (2003) prioriza a complexidade da educação, discorrendo principalmente sobre os pressupostos e saberes que ele denomina como os sete saberes necessários à educação do futuro: as cegueiras do conhecimento; o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; ensinar a condição humana; ensinar a identidade terrena; enfrentar as incertezas; e ensinar a compreensão e a ética do gênero humano.

Morin e Freire trazem considerações sobre a realidade e também sobre a dialogicidade nos faz ¹⁴ajudar a pensar a educação e, mesmo que cada um seja identificado teoricamente de uma maneira própria, temos nestas posturas uma concepção de conhecimento que enfatiza a problematização e a reproblemática de quem se interroga movido pela curiosidade e inquietação, a importância da contextualização das questões e a visão multirreferencial que

¹⁴ Freire e Morin constroem um olhar processual sobre a realidade, numa postura dialética e dialógica fecundada pela diversidade dos saberes e suas várias formas de expressão. Este movimento de interlocução constante é que permite a inteligibilidade da complexidade do real. Eles demonstraram isso em suas próprias vidas, que sempre estiveram intimamente conectadas com as suas produções.

ultrapassa a disciplinaridade. Nesse sentido parece-me que a questão do método, da dialogia e da esperança é um dos ângulos que permite construir este encontro. As ideias propostas pelos dois como saberes necessários, nos mostram que precisamos ter acesso a um conhecimento capaz de contextualizar e estabelecer conexões múltiplas, mobilizando a diversidade.

Essas ideias ao mesmo tempo em que mobilizam nossa reflexão, trazem subjacente uma crítica e uma denúncia. O que percebemos é que a escola, em seus diferentes níveis, oferece um conhecimento fragmentado, sem vínculos entre as partes e o todo, e o todo e as partes. Operou-se uma ruptura tão forte que no lugar de um ambiente instigante de desafios, iniciativa e criatividade, a escola tem apresentado um pensamento uniforme, indiferente ao contexto e ao processo.

Afastada do movimento que é intrínseco ao próprio ato de pensar, o complexo de relacionamentos e significados se dilui, e em vez de promover um grande diálogo entre os saberes, erguem-se muros e fronteiras disciplinares, que isoladas, não são capazes de produzirem sentido. São ideias que entram num diálogo profundo, pontuando o inacabamento do ser humano e, portanto, nos mostrando que como nossa condição não é predeterminada, temos uma profunda responsabilidade nesta construção. Vale trazer como ilustração algumas passagens para dar voz aos dois autores.

Enfatiza a problemática da fragmentação das disciplinas e dos currículos, dificultando a interdisciplinaridade na educação. Evidencia o desenvolvimento de uma educação que desempenha a inter-relação do indivíduo/espécie/sociedade de forma indissociável, pois, ao mesmo tempo, recobra a identidade do sujeito, fazendo-o numa profunda relação com os outros e o planeta. Cada um desses saberes será detalhado no desenrolar deste ensaio.

Assim podemos perceber que não basta refletir sobre as relações entre ser e fazer, pois é preciso também analisar a inter-relação do ter com o ser. O ter-conhecimento comporta um valor importante, constituindo-se meio e instrumento para ser mais, aperfeiçoar e realizar o ser professor e aluno num processo de troca e interação de seus sentidos e significados em dado contexto histórico. O ter e o fazer devem servir para ser mais e melhor, a fim de que o ensino-aprendizagem contribua para a conscientização reflexivo-crítica dos sujeitos históricos e se recriem as possibilidades de uma pedagogia humanizadora, “numa perspectiva crítica e transformadora” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 81).

Portanto, a preocupação capitalista de formar por meio do ensino, voltando-se para visão de mercado de trabalho, descentralizou o homem da sua noção contínua de regenerador da

espécie como ser recursivo produtor de causas e efeitos¹⁵. Logo, o cotidiano da sociedade vemos uma ideologia baseada na busca pelo sucesso profissional, mas quando nos colocamos a pensar na nossa formação, nos damos conta que a partir de certas concepções, fugimos de nossa patente como indivíduos e entramos na ambiguidade das percepções que fogem de nossas razões se nos privam de nossa racionalidade.

Morin (2000, p. 29) descreve assim a visão sociedade *versus* indivíduo:

As sociedades domesticam os indivíduos por meio de mitos e ideias, que, por sua vez, domesticam as sociedades e os indivíduos, mas os indivíduos poderiam, reciprocamente, domesticar as ideias, ao mesmo tempo em que poderiam controlar a sociedade que os controla [...]. As ideias existem pelo homem e para ele, mas o homem existe também pelas ideias e para elas.

Na educação e no ato de ensinar, devemos explicitar aos alunos essa ideologia nova voltada para a nova perspectiva de ensinar os saberes e transmitir o conhecimento como algo não, mas determinado e sim discutível e refletido. Assim como descreve Morin (2000, p. 30):

Devemos compreender que, na busca da verdade, as atividades auto-observadoras devem ser inseparáveis das atividades observadoras, as críticas, inseparáveis das críticas, os processos reflexivos, inseparáveis dos processos de objetivação [...] devemos aprender que a procura pela verdade pede a busca e a elaboração de meta pontos de vista, que permitem a reflexividade e comportam especialmente a integração observador – conceptualizador e a ecologização da observação-concepção no contexto mental e cultural que é o seu.

Seja na difusão da ciência enquanto ciência seja na sua reflexão como mediador do conhecimento na perspectiva de um ensino por disciplinas. É a escola o grande espaço para o aprendizado e também é o espaço para o diálogo e a escuta; é a partir dela que nascem as mais diversificadas visões do mundo descentralizadas de qualquer paradigma, mas voltados para o interesse da humanidade, com uma inclinação de inclusão e socialização de todas as racionalidades, sejam elas na saúde, na educação, na biogenética, na sociologia ou na psicologia, o calcanhar-de-aquiles, existe o erro sempre existirá, assim como a ilusão descreverá sua existência sempre.

¹⁵ Partindo dessas abordagens do que é o venha a ser os paradigmas, como formas modeladas e pré-determinadas pela sociedade e no campo da ciência, voltemos para a escola e o seu papel na difusão dos conhecimentos e dos saberes e quais expectativas recai dentro do ensino e na técnica de trabalhar as mentes humana na junção e tributos metodologias que viabilizem uma aprendizagem voltada para os laços humanos, sociais, culturais e etc. Assim Morin descreve a transdisciplinaridade como forma de terce conhecimentos e formar um indivíduo complexo assim como ele situa e define seu método das complexidades.

Em suma, foi pela imbricação de sentimentos, emoções, observação, intuição e razão que ele criou a sua “leitura de mundo”, uma epistemologia, uma teoria do conhecimento, uma compreensão crítica da educação na qual disse a sua palavra lendo o contexto do mundo ditado pelo “texto” que seu corpo consciente lhe dizia e ele “escutava” e sobre ele refletia.

Daí porque Paulo entendia que a palavra verdadeira é práxis transformadora, porque ela diz da intenção de não dizer a palavra vazia ou perversa, oca ou inconsistente, astuta ou destruidora, mas a palavra certa, a palavra verdadeira. Dizer a palavra é, para Paulo, portanto, o resultado do diálogo mais profundo de respeito entre homens e mulheres, respeitando cada um a inteireza de dignidade do outro ou da outra. Dizer a palavra verdadeira, para ele, é biografar-se.

É possibilitar que sejamos sujeitos da história também e saíamos da condição de apenas objeto da sociedade. Dizer a palavra verdadeira restaura a beleza do que é profundamente humano – que são o amor e o cuidado com a vida – porque nisto reside a ética humanista/libertadora de Paulo Freire.

A Ética da vida e do respeito que ele criou, nega a ética do mercado e a ética formal, do discurso, que ajuízam as pessoas sobre o mundo pelo dinheiro acumulado e pelo consumismo sem freios, ou pelos padrões moralistas milenarmente tradicionais e mantidos pela negação da história e da verdadeira identidade e natureza humana. A ética do mercado e a ética do discurso negam o verdadeiro destino humano, enquanto a Ética da vida abriga o verdadeiro endereço ontológico da existência humana.

O diálogo e a leitura de mundo em Paulo, não se travam em campo neutro, alheio ao projeto de vida que cada um de nós tem, explicitem isso ou não. Se o sonho coletivo é progressista, humanista, voltado para a utopia de uma sociedade mais justa, melhor, verdadeiramente democrática, se identifica com o sonho de Paulo e de todos e todas que lutam pela justiça social, política e econômica.

Quanto mais o homem se desbravar no estudo de seu ser, de sua cultura, de sua natureza, mais a ciência se questionará enquanto ciência e, a partir daí, desencadear sua totalidade, quanto à aglutinação ou não da transdisciplinaridade como visão ampla do conhecimento dentro das ciências.

Com isso, percebemos a complexidade de Morin como uma nova metodologia de trabalhar o aluno como parte elementar da educação e não como um objeto de manipulação por parte de seus professores.

Explorando a mente, as ideias e as formas de como esse aluno ver e se ver dentro de um conteúdo, como ele se autodescreve no contexto da complexidade, que quanto aluno ele é

racional, inteligente, sociável, difusor cultural e um ser humano de pensamentos e atitudes complexas que o levam à sistematização de ordem, desordem, interação e reorganização.

Chegando a ser um ser, como os outros em um mundo como um todo, sendo visto como um todo focado dentro desse todo no contexto do conhecimento e dos saberes que regem quanto indivíduo nesse mundo das complexidades. Assim o mundo das ideias se move pela mente, na certeza de que tudo tem princípio, meio e fim e na lei da causa e efeito, da razão e da emoção, do afeto e da cumplicidade. A partir dessas perspectivas progressistas, prossegue o avanço da humanidade e o futuro das próximas gerações, a partir das novas ciências e seus objetivos de estudo e da particularidade pré-estabelecida por elas nos diferentes ramos dos saberes.

Assim, capacidade de relação e de diálogo são princípios que afetam os grupos sociais quando buscam uma sociedade mais ou menos justa, mais ou menos desigual. A educação, sem dúvida, foi o terreno onde Buber (2008) e Freire se ancoraram e expressaram suas ideias sobre a ação de humanização do homem, compreendendo que “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação” (FREIRE, 1991, p. 84).

Freire (1991) traduz o ato de educar como aquele que impregna de sentido o que fazemos cotidianamente; se compreende este ato na sua dimensão fundamental para a formação da comunidade, onde as pessoas viveriam de forma mútua, um espaço de solidariedade, de reciprocidade, de diálogo.

Desse modo, Freire (1991) menciona sua concepção de educação e de comunidade que se tem a oportunidade de redescobrir o comum, educar para que se compreenda o sentido de comunidade, de inclusão da diversidade, onde o homem seja capaz de reconhecer o outro na dimensão mútua da relação.

Na reflexão de Buber (2008), a verdadeira comunidade, se faz por estarem todos unidos uns aos outros, em reciprocidade. Ela se constrói a partir dessa relação, mas o verdadeiro construtor é o centro ativo e vivo. A comunidade educacional, para Freire, é edificada pela práxis, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível superar a contradição entre opressor e oprimido.

Talvez sejam eles os protagonistas de uma preocupação com a vida, com o futuro, que experimentam o exercício criativo da liberdade. Para compreender a importância desses grupos, é preciso lembrara inédita conjugação histórica entre a proliferação de armas de fogo (submetida aos interesses da indústria bélica), a corrupção e a violência das polícias despreparadas para lidar com a juventude (que exigem dinheiro dos mais ricos e sujeitam os mais pobres a vários tipos de humilhações) e a existência de territórios pobres dominados pelo

comércio de drogas ilícitas (que nada mais são do que a parte mais visível de uma rede bem mais ampla e complexa que cobre o mundo e gera lucros).

Nesses espaços, os chamados grupos culturais funcionam como antídotos à “discriminação por endereço” (NOVAES, 2012, p. 45), pois ampliam espaços de experimentação e de criação estética, (re)criam laços de pertencimento e afirmam identidades territoriais.

Para Buber (2003, p. 20), toda educação deve ter em mira a inclusão, na difícil, porém possível, construção da comunidade. “A meta da educação é a comunhão que, oposta à coação, à humilhação, é parte do processo de conquista de liberdade”.

Uma educação onde acontece o diálogo, a presença e o encontro, que se volta para a inclusão de todos, na luta pela igualdade e contra todo tipo de discriminação, exclusão ou falta de direitos de pessoas, grupos ou classes sociais. Importa na comunidade o que as pessoas fazem, sua atuação e todas devem ser respeitadas, quaisquer que sejam sua etnia, raça, religião, classe social, gênero, orientação sexual ou deficiência, que todos (as) as temos!

Paulo Freire, em *Pedagogia do oprimido* (1987) e *Pedagogia da Esperança* (1992), destaca obstáculos que impedem ao oprimido reconhecer-se como tal e, mediante o exercício da ação refletida (práxis), transformar sua condição de dominado. A possibilidade de o oprimido vir a ser sujeito está intimamente relacionada à necessidade de que o momento da consciência seja prolongado durante a história,

que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por uma libertação, em que esta pedagogia se fará e se refará. (FREIRE, 1987, p. 20).

Escuta e resposta responsável. A resposta responsável parte da escuta do outro, pressuposto básico da educação de qualidade e da pesquisa. O planejamento, o espaço, as relações cotidianas, as propostas e práticas pedagógicas contribuem para se alcançar uma resposta que faça sentido para creches, pré-escolas e escolas, para as crianças e os adultos que com elas atuam “A responsabilidade genuína só existe onde existe o responder verdadeiro.” (BUBER, 2009, p. 49).

Freire e Buber, suas ideias e os projetos que conceberam e em que atuaram contribuem para manter acesa a chama no campo educacional brasileiro e nos convocam a agir de maneira a assegurar conquistas no plano político e no plano das práticas.

Então os pobres, as mulheres, negros, indígenas, pessoas deficientes, em situação de rua, em privação de liberdade – todos que compõem a diversidade que é a sociedade brasileira, com diversos credos, religiões e opções sexuais, finalmente começaram a ter visibilidade na composição da agenda das políticas públicas.

Mediante a isto partiu-se de um movimento social amplo, liderado ora por grupos comunitários, ora por associações de classe, de universidades que desde o movimento constituinte se fez presente no debate dos direitos para todos e da educação para todos.

Paulo Freire apresentou-se como o educador capaz de pensar e discutir a educação, assumindo o compromisso de formular uma educação libertadora capaz de contribuir para que o educando se torne sujeito de seu próprio desenvolvimento. Em todo o seu trabalho, aposta na relação entre a consciência e a razão, na linguagem, como caminho de invenção da cidadania.

Esse processo se dá na superação das condições iniciais pela ampliação da visão crítica do mundo, pelo desvelar das contradições da realidade, pela aquisição de uma postura inquiridora diante do mundo, pela compreensão de seu papel de sujeito histórico, que faz a história e que é capaz de reconstruir um conhecimento que venha se opor à visão dominante do mundo (KRAMER, NUNES, CORSINO, 2011). Ou seja, no processo educativo o homem pode transformar-se e transformar o seu contexto social.

Buber (2003, 2008, 2009) levantou a importância de o homem ser livre, ser autônomo, capaz de não se deixar manipular, buscando a origem dos atos na relação. Vivemos tempos difíceis no mundo, em um contexto de conquistas em risco para muitos países. Em várias localidades do ocidente e do oriente, se exacerbam as situações de intolerância, de segregação social, e, também aquelas de gênero, étnicas e religiosas.

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que hospedam o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia da sua libertação. Somente na medida em que se descubram hospedeiros do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. (FREIRE, 1987, p. 20).

O pensamento desses filósofos, portanto, continua pertinente, pois nos ajuda a refletir que, pela educação e pelo sentido comunitário, podemos reconhecer a luta e suas conquistas, para que seja possível revigorar e reconhecer os caminhos e as formas de continuar a lutar.

As ideias de Freire e Buber são atuais porque falam e mobilizam a atuação política no presente, na presença, no cotidiano, em um estado de alerta intelectual, ético e estético, a cada e toda situação em que podemos responder de modo responsável e com inteireza, mesmo – e especialmente – quando o cenário não parecer favorável ou promissor.

O professor Pierre Furter (1977) mostra Paulo Freire para a humanidade, ou segundo o seu entendimento, ele a via com o “Poder da Palavra”. Seguindo a lógica de seu pensamento a pedagogia de Paulo Freire não está somente em sua oralidade, mas em sua crença real (naquilo que ele acredita e propõe uma experiência de vida) onde o homem foi feito para ser comunicador e propagar sua palavra. Aqui, é importante levar dois fatores em consideração, o primeiro é o fato de que as palavras necessitam ser dotadas de sentido, e não somente o verbalismo formal, que é o ato de apenas decorar as sentenças expostas.

A educação é uma das dimensões essenciais na evolução do ser humano, pois em cada conquista rumo à civilização, faz-se presente junto a esta, a necessidade de transmissão aos semelhantes. Assim, pode-se dizer que a educação nasce como meio de garantir às outras pessoas àquilo que um determinado grupo aprendeu. Com a educação, o homem pode se instrumentalizar culturalmente, capacitando-se para transformações tanto materiais, quanto espirituais.

A educação reproduz a sociedade, pois a contradição e o conflito não são tão manifestos na sociedade, porque a reprodução é dominante, observando-se que a educação acaba por fazer o que a classe dominante lhes pede. Como a sociedade, a educação é um campo de luta entre várias tendências e grupos. Ela não pode fazer sozinha a transformação social, pois ela não se consolida e efetiva-se sem a participação da própria sociedade (GADOTTI, 1995).

Pode-se dizer, ainda, que educação coincide com a própria existência humana e suas origens se confundem com a origem do próprio homem. Estudar a educação é, também, poder compreender que a escola, como instituição, muitas vezes, não tem poder de modificar o que está estabelecido - a estrutura social. Para Gadotti (1995, p. 83), “a força da educação está no seu poder de mudar comportamentos. Mudar comportamentos significa romper com certas posturas, superar dogmas, desinstalar-se, contradizer-se”.

Diante dos vários problemas da sociedade contemporânea, como: desvalorização profissional, desemprego, violência, modificações das relações familiares, etc., tem-se como papel fundamental da área educacional, o de fornecer o conhecimento, para que as pessoas possam ter possibilidades e autonomia de participar efetivamente das políticas, continuando assim, a lutar por igualdade de direitos.

Nesse sentido, a educação, em termos de Brasil, deve ser tratada como uma política social, que tem como compromisso fundamental à garantia dos direitos do cidadão, ou, ainda a escola deve assumir um novo papel frente à sociedade, que é o de propiciar ações para a efetivação dos direitos sociais.

Paulo Freire, em seus escritos, nos permite a falar de temas extremamente importantes para o ser humano e para que sua palavra chegue para os mais necessitados e possa ser ouvida e seja internalizada como, por exemplo, a liberdade, a democracia e a justiça. Isso porque se acredita fielmente em seus significados e sua importância para a libertação do indivíduo, pois quando ele conhece e aceita as consequências dessas, elas deixam de ser meros veículos alienantes e se tornam palavras geradoras, sendo este o instrumento de transformação tanto para os indivíduos como para as sociedades.

Outro aspecto muito importante de fato é que Paulo Freire pressupõe o diálogo como ferramenta democrática sem a exclusão de nenhuma classe, ou seja, a democracia para ser entendida tem como obrigação que todos tenham o direito de impor-se enquanto indivíduos que vivem na sociedade, demonstrando os seus anseios, as opiniões e reivindicações. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 33).

Sendo assim, para que a educação como prática de liberdade efetivamente ocorra, é necessário que haja uma transformação na sociedade, proporcionando condições sociais, políticas e econômicas voltadas para a liberdade.

Segundo Freire aponta, Educação e Política estão interligadas pois o sujeito pode chegar à autonomia e à liberdade a partir dessa conjunção. Em vista disso, as suas reflexões sociológicas sobre uma pedagogia de liberdade, inicialmente apresenta o livro como um ensaio de Paulo Freire, onde é exposta sua pedagogia e sucessivamente seu método de ensino:

Somente na medida em que se descobrem hospedeiros do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestações de desumanização. (FREIRE, 1997, p. 43).

O autor não faz nenhuma crítica a respeito do pensamento Freiriano, ele faz um grande reforço na sua pedagogia sistemática como somente mais uma mera pedagogia educacional, na história da educação do Brasil. Ao contrário, é um professor atuante e preocupado com a emergência política das classes populares e a crise dos dominantes, onde a sua pedagogia impactou todo o país, e somente não teve maior impacto na revolução da educação da nação porque foi cessado pelo golpe de estado de 1964.

O período da repressão política no Brasil, reconhecemos que, no dia 1º de abril de 1964, o Brasil mergulha em uma nova fase da sua história. Durante 21 anos, o país viveu um regime

de governo militar que marcou a nação, seu povo e suas instituições. Por conseguinte, podemos definir a Ditadura Militar como sendo o período da política brasileira em que os militares governaram o Brasil. Essa época vai de 1964 a 1985. Em consonância com o que foi dito, esse período foi caracterizado pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar.

A rigor, a crise política se arrastava desde a renúncia de Jânio Quadros em 1961. O vice de Jânio era João Goulart, que assumiu a presidência num clima político adverso. De acordo com Ferreira e Delgado (2003), Goulart assumiu seus poderes com aprovação maciça da população.

O autor ainda ressalta que o plebiscito de 06 de janeiro de 1963, para a escolha da forma de governo, foi na verdade sua eleição para a presidência da República e que seu prestígio nesse momento era imenso, pois, seu programa tinha sustentação nas reformas de base e essa tendência era conhecida de todos. Sob essa perspectiva, do bem estar-estar social, estudantes, organizações populares e trabalhadores ganharam espaço, causando a preocupação das classes conservadoras como, por exemplo, os empresários, banqueiros, Igreja Católica, militares e classe média.

Entre os anos de 1964 a 1968, os presidentes militares: Humberto Alencar Castello Branco e Arthur da Costa e Silva junto aos americanos estabeleceram uma parceria, através do MEC, realizando doze acordos com a *United States International for Development* (USAID), realizado os acordos, fez com que esta parceria fosse tão significativa influenciando reformas e leis na área educacional brasileira. Os acordos MEC/USAID visavam o fortalecimento do ensino primário, a assessoria técnica dos americanos para o aperfeiçoamento de melhorias no ensino médio, modernização administrativa, universitária, entre outros setores incluídos nas ideologias previstas pelos acordos MEC/USAID (ROSA, 2006).

Segundo Romanelli (1978), o agravamento da crise do sistema educacional, que já vinha de longa data, serviu como justificativa para os acordos entre MEC e a agência educacional dos Estados Unidos. Os conhecidos “Acordos MEC/USAID”, eram firmados com a *Agency for International Development*(AID), a qual daria assistência técnica e financeira para o sistema educacional brasileiro.

A liberdade em seu método é o conceito da prática educativa, sendo princípio essencial para efetividade da alfabetização que, no método apresentado por Paulo Freire, é promovida pelos círculos de cultura que substituem o modelo de escola convencional. Os círculos de cultura têm um coordenador e um grupo de homens comuns que desejam dominar a linguagem, a função do coordenador não exerce a função de professor, mas sim de um condutor do diálogo,

que é a tarefa central dos círculos, jamais usando sua imposição ou tentando manipular os educandos. “Aos esfarrapados do mundo, e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.” (FREIRE, 1997, p. 05).

A essência da sua pedagogia é a libertação daquele que oprime e principalmente ser liberto de si. A libertação tem como caminho a práxis de uma busca incansável e comunitária. A práxis de sua pedagogia é a reflexão e ação dos homens e mulheres sobre o mundo para transformá-los. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido.

É preciso que o povo tome consciência da realidade em que vive, objetive-a, submetendo-a a sua reflexão para perceber os condicionantes que ela criou e o envolvem. Daí, que a necessidade que se impõe para superar a situação opressora implica o reconhecimento crítico, a razão desta situação, para que, por meio de uma ação transformadora instaure-se outra, que possibilite aquela busca do ser mais. Os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação do oprimido.

Nas sociedades onde são governadas pelos interesses de grupos que a classe empresarial são a minoria estas são as classes e nações dominantes. A educação como prática da liberdade percebe e identifica que necessariamente que é uma pedagogia do oprimido. A educação da práxis libertadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A pedagogia, por si, tem o intuito de abrir os horizontes, ajudar a enxergar a realidade, descobrir meios de solucionar o seu problema e o problema de uma sociedade, ir para a luta reivindicando seus direitos e libertação de si e do opressor.

4.2 A atualidade da educação Libertadora

A educação sempre cumpre o seu papel nesse processo de conscientização e de movimento de massas e classes populares. Pelo conceito de consciência transitiva crítica, entende-se como a consciência é articulada com a práxis. Para se chegar a essa consciência, que ao mesmo tempo é desafiadora e transformadora, são imprescindíveis o diálogo crítico, a fala e a vivência. O diálogo proposto pelas elites é vertical, rígido, impeditivo do educando-massa dizer a sua palavra: “Não pode fugir da discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.” (FREIRE, 1967, p. 96).

O diálogo viabilizaria o entendimento interclasses na sociedade e seria como diz Jaspers (citado por Freire) o indispensável caminho não somente para questões vitais para nossa ordenação política, mas em todos os sentidos do nosso ser.

Por outro lado, percebemos que a outra pedagogia que não é libertaria, porém, que é dominante, o educando cabe apenas escutar, obedecer, e um dos elementos básicos na mediação opressor-oprimidos é a prescrição, a qual se configura como a imposição da opção de uma consciência a outra. Na concepção de Freire, o diálogo é uma relação horizontal, nutrindo-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. (FREIRE, 1967, p. 43).

Nessa relação dialética e dialógico-libertadora, parte-se dos conhecimentos e da experiência de vida dos educandos para construir um conhecimento novo, uma nova cultura vinculada aos seus interesses e não à cultura das grandes elites que pensam em benefícios próprios. É fundante que o educador seja revolucionário e não se utilize dos mesmos métodos antidialógicos de que se servem os opressores. Trata-se de buscar a coerência entre a teoria e a prática.

A coerência que ele defende como primeira virtude do educador revolucionário parece ser sua virtude principal, mas nos adverte com frequência que a coerência absoluta é burrice, pois torna as pessoas incapazes de mudar. E, para mudar, é preciso desrespeitar as verdades já adquiridas, os próprios preconceitos.

A pergunta que nos faz pensar hoje, como a educação libertadora nos promove ao diálogo que também nos possibilita para a conscientização. Por quais meios podemos chegar à autonomia que Freire tanto almejava para que haja emancipação?

A conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. [...] O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmitificação. Por isso mesmo a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a "desvela" para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante. (FREIRE, 1979, p. 15).

No livro *Pedagogia da autonomia*, Paulo Freire (1996) relata que educar com o compromisso social nos requer uma pedagogia da luta e posicionamento e engajamento, pois a educação não é neutra. Segundo o educador:

Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, sou ou serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não é determinismo. (FREIRE, 1996, p. 59).

Paulo Freire defende a esperança, porém pede que ela seja mobilizadora, mostrando o seu testemunho como prova de que é possível construir meios ao modelo vigente de sociedade que estamos vendo. Freire lutou pela educação popular mesmo sendo alvo de perseguições, de desdenho e de não reconhecimento de sua pedagogia era uma pedagogia viva e voltada para o sujeito onde nos mostrava-nos que ele ensinava a pensar e também a viver como seres humanos. Logo para Freire, a educação voltada para a liberdade está associada à humanização, contrária aos outros valores da sociedade capitalista.

Conforme Paulo Freire (2000, p. 48):

O educador libertador tem que estar atento para o fato de que a transformação não é só uma questão de métodos e técnicas. Se a educação libertadora fosse somente uma questão de métodos, então o problema seria mudar algumas metodologias tradicionais por outras mais modernas, mas não é este o problema. A questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade.

Quando o povo é alfabetizado politicamente e também em outros aspectos como ver a realidade e fazer uma reflexão crítica, é claro que ser humano pode produzir mudanças significativas no seu contexto social, ampliando os seus espaços de atuação através de não olhar e sim numa ação crítica, tornando-se consciente de sua realidade para transformá-la.

Para Paulo Freire (2000), a conscientização consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência, a mesma implica na esfera espontânea de apreensão e na mudança da realidade. Além disso, Freire faz apontamentos importantes e algumas colocações que auxiliam nas intervenções de tomadas de consciência dentre elas a que somos seres inacabados em constante processo de aprendizagem e também somos seres de reconstrução!

No pensamento de Freire, uma pedagogia voltada para a humanização se faz como parte da luta de um povo que não quer ser oprimido, mas também, um povo que tem desejo de vitória perante suas lutas e conquistas assim exigindo e recolocando-o no espaço no meio da sociedade para se expressar e viver com dignidade e vivendo de bem com a vida e com o próximo. O

processo de libertação vai para além do direito à educação, a moradia e a liberdade de expressão, é, portanto, compreender que a educação para a conscientização não aceita as opressões advindas da sociedade capitalista, geradora das desigualdades entre contextos urbanos e rurais, preconceito entre trabalho manual e intelectual e da pobreza.

Assim, o caminho da libertação é ir além do que conta na Constituição Federal de 1988, pois deve se acreditar que o compromisso da educação humanizadora está correlacionada ao conhecimento para a transformação social e não apenas para conquistas isoladas e sim pelas conquistas comunitárias, embora sejam importantes não garantem a justiça social. Nesse sentido, pode-se reconhecer que a desigualdade é fruto de sociedades capitalistas é necessário,

indiscutivelmente, em reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica. É também, e talvez, sobretudo, a partir desta dolorosa constatação, que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade – a de sua humanização. Ambas, na raiz de sua inconclusão, que os inscreve num permanente movimento de busca. Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. (FREIRE, 1987, p. 19).

Em outros modos de se dialetizar, a pedagogia Freiriana defende os direitos dos seres humanos enquanto ação construída para a humanização, negando todo e qualquer tipo de opressão. Deve-se sempre acreditar que essa educação é a educação popular nas práxis: a ação emancipatória e humanizadora. A educação para a humanização, portanto, é um compromisso social dos educadores críticos, pois não são os educadores conservadores que irão projetar uma pedagogia para a libertação.

Sabemos que importância à pedagogia Freiriana, e sobretudo porque estudar na escola não significa aprender para transformar. O importante é sabermos vivenciarmos no nosso dia a dia e perceber que existam as fragilidades do sistema educacional vigente no contexto político e econômico brasileiro. A educação enquanto é o direito de todos, porém, não tem garantias de uma formação libertadora e conscientizadora naquilo que Freire escreve e onde ele tem fé!

É mediante os movimentos populares e os movimentos sociais que existem possibilidades de questionar a sociedade capitalista que influencia as políticas educacionais onde o ser humano perde o seu maior tesouro, que é a capacidade pensar e também o livre arbítrio de suas escolhas onde ele (a) possa caminhar com suas próprias pernas e deixando marcas na sua história e também na vida do outro. E que acreditar numa educação voltada para a libertação com base em Paulo Freire é um direito do ser humano e só se efetiva na luta e por meio de uma educação crítica no campo econômico, pedagógico, social e cultural.

O cidadão que é político seria capaz de ler o contexto opressor e atuar sobre ele, de modo a criar alternativas ao modelo vigente e quiçá romper com todos os modos de opressão? O que nos faz identificar, enquanto defensores da pedagogia Freiriana, é a esperança, a autonomia e a liberdade se tornam possível de mudar e fazermos as mudanças que só são viáveis a partir da luta coletiva, do empoderamento das classes oprimidas e da formação política.

Seguindo a linha do pensamento de Paulo Freire, podemos dizermos que lutar para um futuro melhor se esperança é impossível, e se não há esperança, também não existirá a autonomia e também a liberdade. Por isso, devemos ultrapassar o medo e saber como enfrentá-lo, pois aquele que tem medo não vive e, se não vive, é condicionado ou está morto e, quanto mais ficamos com medo e paralisados, mais somos sujeitos para morte e não para a vida. Precisamos de coragem, amanhã, hoje e sempre! Porque a luta continua, sempre temos de lutar.

Aprofundar nas leituras de Paulo Freire nos requer um engrandecimento intelectual que nos dá uma abertura de mundo no ramo da educação, política e social. Freire nos proporciona a “ser mais”; e nos mostra com sutileza o que é ser humano hoje em tempos difíceis. Freire traz uma realidade escolar, ou seja, o pensar na educação. O autor nos permite a fazer um reencontro com a esperança que vem acompanhada com a libertação, autonomia e emancipação de um trabalho comprometido e com responsabilidade.

Nesse sentido, Paulo Freire apresenta-se como o educador que ao pensar o homem, a sociedade e suas relações, preocupou-se em discutir a educação brasileira e pensar meios de torná-la melhor mediante o compromisso e a participação de todos, na perspectiva de uma educação libertadora capaz de contribuir para que o educando se torne sujeito de seu próprio desenvolvimento, diante da presença orientadora que tem o educador.

Segundo ele, é preciso que seja conferido ao homem o direito de dizer sua palavra, o que significa sua iniciação quanto a compreender-se e aos demais, homens no mundo, e seu papel no processo de transformação. Compreender que o homem é um ser histórico e, portanto, capaz de construir sua história participando ativamente com os outros no mundo, lembrando sempre que Paulo Freire se reporta ao mundo imediato dos sujeitos, isto é, o local onde vivem, criam, produzem, sonham.

Aprender muito com Paulo Freire, o próprio tinha dito que e se definiu como “um homem que viveu, amou e tentou saber”. Freire deixa um legado de esperança, amor, sensibilidade, autonomia e a emancipação! Dá-nos a capacidade de sonhar com um mundo melhor e possível de se viver. Seu método dialético reflexivo educativo foi feito por gente que é da gente, e que se sobressai porque existem educadores e educandos que sonham com uma escola alegre e feliz que é uma escola que conhece sua especificidade e por ela luta.

Pensar em Freire nos faz recordar que: “onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender” (FREIRE, 2000, p. 85). Freire propõe um modelo de educação transformador que permita ao homem, a organização reflexiva de seu pensamento, em um processo de conscientização e reconhecimento de si próprio como sujeito histórico e politizado, face à análise crítica da sociedade, uma educação que esteja disposta a considerar o ser humano como sujeito de sua própria aprendizagem e não como um objeto sem saber, onde sua vivência, sua realidade e seu modo ver o mundo, sejam considerados, tornando essa aprendizagem realmente autêntica para ele.

Freire afirmava que o processo de educação não se completa na etapa de desvelamento de uma realidade, mas só com a prática da transformação dessa realidade. A pedagogia de Paulo Freire propõe um ensino baseado no diálogo, na liberdade e no exercício de busca do conhecimento, de forma participativa e transformadora, em uma relação horizontal e de simpatia entre educando e educador, enfatizando a necessidade do processo “reflexão-ação”.

E assim possibilitando o rompimento com o modelo de educação verticalizada, ou seja, onde o professor e o portador do saber e o aluno um simples objeto de depósito de um saber já elaborado, e a imposição “opressora” dos dominantes.

A pedagogia Freiriana considera o valor do “saber popular” vê como uma possibilidade de transformação da realidade destes sujeitos. E é nesta perspectiva de emancipação do sujeito, que Freire (1987, p. 33) afirma que a educação deve ser usada como prática de liberdade, porque segundo Freire, “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão”.

A educação libertadora quando é apontado por Paulo Freire desenvolveu um trabalho pedagógico que vislumbra a Educação como um ato libertador, por meio do qual as pessoas seriam agentes que operam e transformam o mundo. Este analfabetismo, possui sua origem em situações históricas de exploração e opressão das pessoas, impostos por um regime de dominação, e não na falta de capacidade de aprender de alguns grupos sociais ou no atraso tecnológico. Seria então a Educação um ato de busca permanente, onde o próprio homem é o sujeito que opera e transforma o mundo através de uma clara compreensão do mesmo que só será possível com a consciência da realidade concreta.

Uma visão de educação mais humana é levantada pelo autor em contraposição à educação bancária. Tal visão ou concepção é tida como sendo problematizadora e libertadora à medida que a mesma é uma constante busca que visa com que os educandos transformem o mundo em que vivem.

Para tanto, eles devem compreender a realidade que os cerca através de uma visão crítica da mesma, respeitando-se sua cultura e história de vida. Tal concepção educacional baseia-se na estimulação da criatividade dos educandos e numa relação de simbiose entre educador e educando na medida em que procurar misturar os papéis dos mesmos, pois crê o autor que ninguém educa ninguém e ninguém educa a si mesmo, mas os homens educam-se em comunhão, mediatizados pelo mundo.

Essa educação libertadora proposta pelo autor tem como pilares fundamentais o diálogo a ação. O diálogo, neste caso, é visto como horizontal e libertador e não um monólogo opressivo do educador sobre o educando. Através do mesmo pode-se gerar críticas e problematizações por meio de questionamentos fazendo com que o educando aprenda a aprender.

Em uma ação de diálogo, identificam-se dois elementos fundamentais: os interlocutores, no caso, educadores e educandos, e o conteúdo do mesmo. Este, no caso da educação, é justamente o conteúdo programático da educação que nunca devem ser desvinculados da vida dos educandos.

A busca pela definição do conteúdo a ser abordado inaugura um processo de diálogo entre educadores e educandos através da investigação do universo temático dos educandos ou o conjunto de temas geradores do conteúdo.

Um método educacional foi proposto pelo autor como forma de proporcionar uma educação libertadora. Tal método é qualitativo e não quantitativo, donde não pode ser avaliado pela quantidade de conteúdos sobre os quais os educandos são capazes de dissertar, mas sim pelo potencial adquirido pelos educandos de transformação da sua própria realidade e do mundo que os cerca.

A emancipação retomando numa reflexão de Paulo Freire, é comentarmos das diferentes formas de opressão e de dominação no mundo neoliberal e de exclusão quem acontecendo nos dias atuais. É falar de pessoas que vivem de grandes necessidades materiais, de subtração subjetiva e que acabam por ter ausência da alegria de viver, da conscientização principal para conseguirem encontrar a liberdade, a felicidade e a cidadania que desenha democracia.

Portanto, o processo emancipatório para homens e mulheres, percorrendo essa visão, acontece de uma intencionalidade política que assume um futuro voltado para transformação social. Acontece por todos aqueles que são comprometidos com a desopressão, ressaltando que é, contrariamente ao pessimismo e ao fatalismo autoritário defendido pela pós-modernidade, e ao mecanismo etapista do marxismo ortodoxo, que afirma o processo de transformação social, como sendo “certo” e “inevitável”.

Diante disso, é importante continuar uma luta pela transformação social, visando à emancipação, ao projeto emancipatório defendido por Freire também chama atenção para o multiculturalismo, evidenciando que o direito de ser diferente, significa sociedade democrática. Para identificar mais claramente aquilo que Freire defende como projeto emancipatório, é condição fundamental que se busque uma sociedade justa e solidária e que respeite o diferente. Não se pode falar de emancipação no pensamento de Freire sem que se fale da relação entre política, educação e emancipação.

Segundo o autor, é uma relação necessária entre política e educação, mas não necessariamente entre educação e emancipação. Ele coloca que o potencial educativo, vem da articulação possível, sem deixar de esquecer que é tensionado durante a prática através do engajamento do laço social.

Por isso, é importante perceber que não significa que a prática educativa possa transformar por si só a realidade porque compreende, que a transformação qualitativa da sociedade acontece na alternativa das condições materiais objetivas, pela práxis humana coletiva, nomeando, com isso, a luta de classes.

A educação no contexto de hoje, quando nos referimos ao docente, podemos perceber que há um caminho muito longo de se prosseguir porque o professor precisa estar se atualizando sempre! Além da sala de aula, não podemos nos esquecer de sua formação continuada. Se adentrarmos na semântica da palavra “formação”, no contexto de Freire, podemos dizer que formar significa contribuir para a vida do ser educando, significa respeitar o espaço e o meio em que vive, ajudando a compreender melhor o mundo, de forma a entender que faz parte dele, podendo modifica-lo, transforma-lo a todo o momento, a toda atitude e a toda escolha que faz.

Só compreenderemos a postura teórica de Paulo Freire em relação às exigências do exercício da docência quando atentarmos para as suas concepções e princípios educacionais, que se traduzem em práxis educativa. A formação docente e os princípios da educação libertadora, emancipadora são partes indissociáveis do todo/fenômeno educativo. Dessa forma, ter clareza sobre os pressupostos da educação emancipadora se faz indispensável para compreender a proposta de formação docente. “Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação” (FREIRE, 1979, p. 44).

Desvalorização da profissão, falta de atratividade, defasagem na formação inicial, descontinuação dos estudos e capacitações, ausência de avaliações eficientes, baixa remuneração e falta de atenção para os profissionais já inseridos no mercado foram alguns dos desafios levantados pela iniciativa. “Tem sido abalada por todos os lados: baixos salários, deficiências de formação, desvalorização profissional implicando baixo status social e

profissional, falta de condições de trabalho, falta de profissionalismo etc.” (LIBÂNEO, 2010, p. 25)

Outro desafio que atinge a formação inicial de professores é a carga teórica muito maior do que a parte prática. Segundo dados levantados pelo Todos pela Educação, 71% dos professores avaliam os cursos de graduação como insuficientes.

Segundo Barretto (2015) observa que houve um tempo em que os professores eram recrutados junto às camadas de classe média na sociedade, mas isso não é o que acontece agora. Em suas palavras: “Atualmente, uma proporção não muito inferior à metade do corpo de professores provém dos segmentos majoritários e faz parte de famílias em que eles são as primeiras gerações que chegaram ao ensino médio e ao ensino superior no país.” (p. 692).

Gatti também afirma (2009), que percebe-se uma mudança de perfil dos estudantes que buscam os cursos de licenciaturas no Brasil. Observa-se um baixo desempenho nas notas para ingresso no ensino superior, como se vê pelo resultado de avaliações como, por exemplo, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), bem como uma queda do número de formandos.

Nas palavras dessa autora, “São alunos que têm dificuldades com a língua, com a leitura, escrita e compreensão de texto, a maioria proveniente dos sistemas públicos de ensino [...]” (p. 15). Além disso, como ainda observa Gatti (2009), por se tratar de estudantes que têm origem nas classes C e D, estes “[...] tiveram poucos recursos para investir em ações que lhes permitissem maior riqueza cultural e acesso a leitura, cinema, teatro, eventos, exposições e viagens.” (p. 15).

É importante ressaltar também, ao considerar os dados apresentados anteriormente, que a intensificação da entrada dos segmentos majoritários nos cursos de licenciatura nos últimos anos, permite estabelecer um paralelo com a expansão das matrículas em cursos na modalidade a distância. Ressalta-se aqui uma clara incongruência entre as exigências de autonomia e acesso individual a tecnologias de informação e outros bens culturais, indispensáveis para o êxito do processo formativo nessa modalidade de ensino, e as condições concretas dos estudantes que ingressam nos cursos de licenciatura.

Isso porque o professor, quando sai da universidade, o teu primeiro desafio como novo professor estará de frente com seus educandos e com pouco tempo de experiência para conduzir seus educandos, acompanhamento e mentoria, como existe em outras áreas. Quando o professor se depara com problemas em sala de aula, vai ter de recorrer à teoria. Mas primeiro ele precisa se deparar com esses problemas. Isso se torna muito mais difícil quando ele não tem contato com a prática durante a formação,

Com relação ao professor, o que se observa é que não será mais apenas o estatuto profissional que irá definir o papel a ser desenvolvido. Pesará, e muito, a personalidade do docente. Ainda que estejam presos às regras burocráticas que os enquadram, os professores definem o seu ofício como uma construção individual realizada a partir de elementos esparsos: o respeito ao programa, a preocupação pelas pessoas, a busca dos desempenhos dos alunos e da justiça. Trata-se de um profissional que não detém mais com exclusividade as informações. A gestão da classe, a partir de uma autoridade pedagógica, apresenta-se como uma tarefa primordial, visto que os alunos não são mais os mesmos e possuem características socioculturais novas – enquanto sujeitos de direitos.

Mais do que ser um bom professor, o docente tem hoje de construir sua própria legitimidade de sua competência e também a legitimidade como professor na atuação de pesquisa¹⁶, motivando a qualquer custo o aluno, controlando a dispersão da classe, uma vez que a mobilização para os estudos não está mais assegurada, independentemente da qualidade do trabalho do professor.

A complexidade do trabalho é tal que leva o professor a ter que administrar tensões e micro - conflitos¹⁷ que inexistiam no passado, quando a escola possuía um público homogêneo e sua função era apenas a de transmitir conhecimentos.

Mediante a isto, passam a ser decisivas, para os professores, competências relacionais e emocionais para dar conta da gestão da classe. Ou seja, a mudança do trabalho do professor provocada pelo papel crescente dos meios de comunicação de massa, das tecnologias da comunicação, mas também pela crise dos modelos de autoridade, passou a requerer dos docentes habilidades não regulamentadas pelas burocracias, mas valorizadas social e institucionalmente e que incluem componentes éticos, afetivos e emocionais. A expansão da escola de massa trouxe um público multicultural com modos de socialização familiar muito diversos dos padrões de referência do modo escolar.

Só compreenderemos a postura teórica de Paulo Freire em relação às exigências do exercício da docência, quando atentarmos para as suas concepções e princípios educacionais,

¹⁶ A pesquisa que possibilita a professores e professoras das escolas se firmarem na qualidade de sujeitos que auto gerenciam sua própria formação, auxiliados pelo conhecimento teórico tomado como texto dialógico junto à tessitura do cotidiano escolar.

¹⁷ [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma ‘aptidão’, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (FOUCAULT, M. Os corpos dóceis. In: FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. Trad. Lígia M. P. Vassalo. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 127.)

que se traduzem em práxis educativa. A formação docente e os princípios da educação libertadora, emancipadora são partes indissociáveis do todo/fenômeno educativo.

Dessa forma, ter clareza sobre os pressupostos da educação emancipadora se faz assaz indispensável para compreender a proposta de formação docente. Com esse intuito iniciamos por dizer que a proposta pedagógica de Paulo Freire se alicerça sobre a base da ação reflexiva e dialógica e se articula como possibilidade de transformação da pessoa e da sociedade. “Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação” (FREIRE, 2007, p.44).

A educação, entendida como formação integral do ser humano, é essencialmente um ato de relação. Relação humana que se arquiteta de forma objetiva, subjetiva e intersubjetiva. Nesse sentido a ênfase da prática pedagógica transcende o domínio dos conteúdos e se projeta nas condições estabelecidas para a concretização da relação educador-educando, que agora não pode ser mais vertical, mas horizontal.

O fazer do professor, sua autonomia e a identidade docente, que também está intimamente atrelada à instituição escolar, vêm sofrendo com essas decisões políticas da educação. O processo educativo é fundamentalmente formativo. Formação entendida como o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas. Assim, a função primordial da educação está na plausibilidade esperançosa da superação de quaisquer situações de opressão provocadas pela ordem social injusta, uma vez que a educação se apresenta como espaço privilegiado de conscientização.

O desenvolvimento da consciência crítica em relação à história, ao mundo e a si próprio é condição *sine qua non*, para que o ser humano atinja a verdadeira liberdade autônoma. Neste sentido, compreendemos com Freire (2002 p. 66) que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Assim como o professor se demonstra confuso em muitos aspectos, em muitos momentos surgiu um profissional com a profissionalidade abalada, mal definida, em conflito com uma autoimagem pouco expressiva e desvalorizada.

Nesse contexto, a profissão docente necessita de um processo de profissionalização para parti-la dele, deixar aflorar uma profissionalidade bem resolvida, e conseqüentemente, para Freire a formação docente é a condição para a sua profissionalização e também para a sua uma identidade mais clara e definida que repercutirá significativamente no devir das práticas docentes e das atividades diárias existentes no contexto escolar e educativo.

Desempenhar essa tarefa com compromisso e qualidade exige, da parte do professor, reunir um conjunto de saberes e competências que lhe permitam a construção de um ensino de

qualidade. Os saberes do professor são construídos ao longo de toda uma carreira e vida do professor, razão que justifica que não sejam contemporâneos uns dos outros, uma vez que se vão adquirindo ao longo do tempo. São assim saberes temporais, em cuja construção intervêm dimensões identitárias, de socialização profissional, fases e mudanças, que se constituem num conjunto de conhecimentos, competências, habilidades e atitudes.

Diante disso, não se pode falar em aprendizagem sem falar no professor. O contexto social na contemporaneidade impõe a prática educativa um número de demandas muito grande, levando assim o educador do século 21 a repensar também na formação e autoformação na sua atuação em sala de aula e os enormes desafios profissionais que enfrenta a fim de atender as exigências do contexto atual.

Ao professor têm sido colocadas em ambientes escolares bem distintos que por muitas vezes o educador necessita de tempo para poder abstrair o que é para ser feito. Em se tratando do ponto de vista social, ele tem tido que aprender a conviver mais intensamente com os interesses e pensamento dos alunos e pais no cotidiano escolar e a ter uma maior interação com a comunidade onde a escola está inserida. No campo institucional, ele tem sido solicitado a participar mais ativamente nas definições dos rumos pedagógicos e políticos da escola, a definir recortes adequados no universo de conhecimentos a serem trabalhados em suas aulas, a elaborar e gerir projetos de trabalho.

Quanto ao aspecto pessoal, tem sido chamado a tomar decisões de modo mais intenso sobre seu próprio percurso formador e profissional, a romper paulatinamente com a cultura de isolamento profissional, a partir da ampliação da convivência com colegas em horários de discussões coletivas e nos trabalhos em projetos, a debater e reivindicar condições que permitam viabilizar a essência do próprio trabalho.

E, neste cenário atual, no qual o Estado Democrático de Direito vem sendo desmantelado no país e, conseqüentemente, os direitos das pessoas, faz-se importante relembrar Freire, ressaltando um dos seus posicionamentos, Sou a favor da luta constante contra o despudor, o autoritarismo, a licenciosidade e qualquer forma de discriminação, de dominação econômica de indivíduos ou de classes sociais.

Remontando e analisando a grande e fecunda produção de Paulo Freire, podem-se perceber duas importantes influências teóricas que a marcaram. A primeira se consubstancia no Idealismo, notadamente presente no pensamento católico moderno, traduzido, especialmente, nas Comunidades Eclesiais de Base. A segunda influência está ligada à Teoria de Marx e Engels, nela se destacando o Materialismo Histórico, que, entre outras questões, promove uma relação dialética entre a educação e a sociedade.

E, tendo como premissa as referidas influências, Freire supera e combate a ideologia liberal e conservadora que subjaz a uma prática educacional retrógrada, acrítica, que deve ser substituída por uma prática consistente, filosófica, política e crítica, sem a qual não se alcança o conhecimento real e necessário.

Em síntese, o educador em pauta defende uma educação centrada na priorização de valores que constroem a justiça social e liberta o homem do preconceito e da discriminação. Assim, a educação, enquanto ato político, desconstrói o discurso da neutralidade, difundindo a primazia da ética e da equalização social como pressupostos indispensáveis para a instauração de uma educação e de uma sociedade mais justas, democráticas e igualitárias.

Em que pese o esforço para a implementação de uma pedagogia libertadora, bem como propostas de outros educadores e pesquisadores, buscando construir uma pedagogia que corresponda aos interesses da classe trabalhadora, verifica-se, nos anos 1990, a implementação de um projeto pedagógico que talvez possa ser denominado de pedagogia neotecnicista¹⁸. As recentes reformas no ensino médio parecem expressar as necessidades do atual estágio de acumulação do capital. A economia capitalista encontra-se numa crise de sobreprodução de mercadorias, atualmente em proporções maiores do que em outros momentos, devido ao desenvolvimento tecnológico necessário ao capital para superação temporária das crises.

Nesse contexto, a economia capitalista apresenta uma dinâmica de redução e eliminação de postos de trabalho, aumentando cada vez mais o capital constante e diminuindo visivelmente o capital variável, para conseguir a extração da mais-valia relativa. Uma pedagogia "neotecnicista" parece corresponder, portanto, no campo educacional brasileiro, aos interesses dos capitalistas. Por isso, a reforma do ensino médio está sendo justificada com o discurso da flexibilização do trabalho produtivo (trabalho produtor de mais-valia) num cenário de acirramento das contradições do capital.

É importante ressaltar que a dinâmica imposta pelo capital não se dá de forma mecânica. Pois existem propostas e experiências sendo gestadas e que são opostas à dinâmica do capitalismo contemporâneo esboçada acima. Isso indica que apenas uma proposta pedagógica não pode dar conta de superar os desafios atuais.

Nesse sentido, faz-se necessário dar continuidade às elaborações das propostas que estão em processo de construção, resgatando a contribuição do "Método" de alfabetização de adultos

¹⁸ É uma linha de ensino, adotada por volta de 1970, que privilegiava excessivamente a tecnologia educacional e transformava professores e alunos em meros executores e receptores de projetos elaborados de forma autoritária e sem qualquer vínculo com o contexto social a que se destinavam.

apresentado por Paulo Freire no ensaio *Educação como Prática de Liberdade*¹⁹. Por sua vez, é fundamental explicitar que a pedagogia libertadora entende que a educação tem um papel primordial de transformação da sociedade, iniciando já nas relações sociais estabelecidas em seu campo.

A Pedagogia Libertadora tem por princípio a certeza de que a educação é um ato político, de construção do conhecimento e de criação de outra sociedade - mais ética, mais justa, mais humana, mais solidária.

A educação deve ser uma busca permanente em favor das classes oprimidas, luta pela liberdade e igualdade. Para isso, é fundamental entender que o aluno - cidadão - é o agente principal do processo pedagógico, sem com isto desconsiderar o educador, que também deve aprender a ser sempre aluno, pois ambos ensinam e aprendem nos espaços de construção do conhecimento. O diálogo entre os diversos agentes envolvidos nas ações educativas, assim como o processo de construção dos temas geradores, para permanente identificação dos problemas sociais e busca de sua superação é a essência do método freiriano.

¹⁹ Diante da grandiosidade da sua vida e da sua obra, Freire foi declarado Patrono da Educação Brasileira por ser considerado como o mais importante e destacado teórico da história da educação brasileira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando aprofundamos no pensamento de Paulo Freire na perspectiva da minha temática até neste presente momento, percebo a grande ampliação do meu conhecimento e a construção de novos saberes sobre o autor e sua pedagogia crítica reflexiva para o ser humano. A pesquisa possui uma grande relevância no meio acadêmico e foi possível observar nos autores estudados a grande importância do pensamento de Freire no ontem e no hoje.

Enquanto pesquisador, noto que a educação libertadora é um dos pilares do pensamento de Paulo Freire, considerando a tese de que ele, assim como a educação popular, tem o sujeito social como horizonte formativo. Almeja definir, a partir da obra Freiriana, um conceito de sujeito social afinado com princípios políticos e pedagógicos da educação popular, contribuindo para o seu vigor como movimento social libertador. Aponta para uma condição humana em construção, emergente da inconclusividade no devir histórico, na qual os sujeitos sejam capazes de assumirem-se como fatores determinantes da existência individual e social.

O significado exato do conceito de emancipação, no entanto, possui versatilidade histórica e contextual, assim como outros conceitos. O que se pode afirmar, portanto, é que a compreensão do que se entende por emancipação está profundamente imbricada à concepção de liberdade que a alicerça, sendo este último um termo relativo à conjuntura histórica. Assim, o entendimento de emancipação se torna flutuante por estar apoiado numa compreensão de valor humano que depreende interpretações construídas historicamente, a partir das necessidades concretas humanas.

O sujeito emancipado é um ser humano livre, mediante a abertura de pensamento, uma abertura para a escuta e também sabe reconhecer o diferente. Ao reconhecer o diferente, nós começamos a participar e a compreender sua filosofia de vida e também o (a) ajudando para que ele possa “ser mais”, que seja um ser humano participante, que atue e lute por uma sociedade melhor.

Estudar Paulo Freire nos dias de hoje é compreender que a educação libertadora é visão onde o ser humano possa fazer parte da “Polis”, mesmo sendo ela uma casa, o bairro, a cidade ou até mesmo o país. É preciso que as pessoas sejam justas, sinceras, corretas, respeitem o diferente e sejam abertas ao diálogo e à escuta. Diante disso, seremos livres, reflexivos, amorosos e felizes.

Por isso, estudar o pensamento de Paulo Freire é uma exigência na atualidade, onde a esperança e a emancipação devem ser o instrumento da liberdade de todos os seres humanos: o oprimido que é o principal objeto de manipulação das grandes classes e que também o homem

e a mulher que são ricos se libertem de si mesmos, libertos do poder e da alienação que o próprio sistema nos impõe. O importante é que sejamos todos libertos mediante a educação libertária.

O pensamento de Freiriano é muito bem exposto em suas obras e percebemos que ele visa à libertação de homens e mulheres que possam viver na sociedade, sendo respeitados e tendo todos os direitos como cidadão preservados. Diante disso, percebemos o significado especial para o ser humano (educador e educando) o que é ter esperança em tempos difíceis, esperança que nos ajude a nos emancipar.

A educação libertadora exige que tenhamos esperança para que possamos ser emancipados e não ficarmos alienados nos sistemas que são postos em todos os lugares aonde vamos. Assim, não perderemos a capacidade reflexiva de ver a realidade e também poderemos ser libertos em conjunto, ou seja, em comunidade.

Percebe-se que a práxis da esperança, fundada no amor e numa educação, traz esses elementos fundamentais para se recuperar a utopia como sonho possível e compreendermos o futuro como fruto das opções e decisões humanas.

A emancipação significa uma grande conquista política que só pode se manter na práxis humana como luta continua em prol da libertação dos indivíduos. Além disso, também deve ser ressaltada a questão de que as pessoas despossuídas e com vidas marcadas pela dor da desumanização, promovida pela opressão e pela dominação social, são frutos negativos e deve-se olhar profundamente para se pensar na superação das barreiras e, portanto, como se tornarem emancipadas.

A influência do modelo econômico no que tange à educação é um fator que não podemos nos esquecer de abordar, pois é um projeto que consiste na implementação radical daquilo que se chama liberalismo econômico. Para compreendermos bem o que é liberalismo econômico, eis as teses básicas: o direito à propriedade é o único direito universal, fundamental e absoluto que inclui todos os bens que se possa adquirir. Desse direito deriva o direito absoluto de não agressão à propriedade e o direito de defender a propriedade.

Assim, compreendemos que o estado é visto como usurpador da propriedade que é única instituição eticamente aceitável na esfera da atividade econômica, que é chamada de mercado livre. No mercado livre, todos têm os mesmos direitos. Cada ser humano é único e responsável por suas metas e objetivos.

Suas regras constituem o mesmo mecanismo semelhante às leis da natureza. Mediante a isso, devemos estudar a ação humana como um físico estuda as leis da natureza. Assim como não podemos julgar boa ou má a lei da gravidade, do mesmo modo não podemos julgar as leis do mercado. Não faz sentido aqui levantar questões éticas que pertencem a outro nível.

A única questão relevante aqui é sua eficiência técnica. O mercado é compreendido como um mecanismo auto-organizador e, enquanto tal, sua avaliação tem como critério a eficiência e não a valoração ética.

O imposto é uma forma de confisco da propriedade. Portanto, nem saúde, nem educação, nem previdência, nem segurança pública, nem justiça se legitimam enquanto financiados pelo Estado. Os pobres são indivíduos que, por culpa própria, perderam a competição com outros. Assim, o mérito emerge como único critério de ascensão social.

Esse projeto de sociedade é chamado, frequentes vezes, de ante vida, assassino dos pobres e da natureza. Ele visa a se opor ao Estado de Bem Estar Social (no Brasil, Estado democrático de Direito). Este se orienta pelos seguintes elementos: Intervenção do Estado nos mecanismos de mercado, política de pleno emprego (melhoria dos rendimentos dos cidadãos), Institucionalização do sistema de proteção, Institucionalização de ajudas para os que não conseguem estar no mercado de trabalho.

A presente pesquisa buscou responder aos elementos principais a respeito do que é uma educação libertadora em Freire. As perguntas levantadas para tal objeto de estudo foram: Qual é a importância da educação libertadora para os dias atuais? Por que a esperança e a emancipação nos dão uma grande possibilidade de o ser humano passar a ser mais reflexivo, livre e autônomo? Qual importância deste estudo sócio-político na atualidade?

Os problemas levantados nesta dissertação foram respondidos, uma vez que restou evidente que a educação libertadora é de extrema urgência para homens e mulheres que anseiam ser livres, autônomos e por meio do seu raciocínio, percebem como a realidade é, e também, promovem a mudança do mundo e igualmente a sua própria mudança de pensamento e de atitudes.

Creio que a esperança e a emancipação são dois dos elementos principais para que o ser humano se torne mais humano, mais reflexivo, mais amoroso e possa se libertar de si e também ajude a libertar o outro, ou seja, troca de conhecimento e troca de experiência. Não podemos esquecer-nos de mencionar que esta dissertação também tem uma significativa importância numa ação sócio-política. Os elementos Freirianos não apenas dão base para o sujeito se libertar, e sim, dá-nos uma visão política como o nosso país caminha. Dá também uma visão que este país é de todos e é necessário que nossa nação seja mais justa, especialmente no ramo da educação, da saúde, da moradia e do bem-estar. Os elementos de Paulo Freire são ferramentas para que o ser humano possa chegar à suma felicidade e para que todos possamos viver dignamente.

Por estudo, notamos que o pensamento de Freire é de suma importância para o ser humano, para que nos tornemos mais reflexivos, atuantes na sociedade. Freire devolve o excluído que está à margem e coloca-o no meio da sociedade, fazendo-o ser mais “gente” e dando-lhe a responsabilidade de lembrar que ele (a) faz parte desse todo. A educação libertária, ao ser estudada, faz a promoção da vida, amplia e difunde o conhecimento. A esperança e a emancipação são conquistas e lutas diárias de todos.

Nesta dissertação, tenho respondido minhas expectativas e objetivos levantados, uma vez que estudar Paulo Freire nos dias atuais nos faz pensar sobre a nossa realidade e também sobre a realidade do outro. Se todos pensam, logo, todos têm uma racionalidade. A questão é: para que lado o ser humano deve ir? O ser humano deve ir para o lado justo, ético e de promoção da vida, para onde todos possam viver e reconstruir sua vida e também a nossa sociedade.

Freire nos ensina que a educação sociocomunitária não nos permite a alienação e tem papel importante para a organização e para o fortalecimento das relações entre populações empobrecidas ou discriminadas. As escolas comunitárias são organizadas por meio do cooperativismo e do comunitarismo a partir das próprias comunidades que se encontram em locais com pouco acesso a serviços públicos. A educação popular tem seu próprio campo de atuação e está vinculada a novas alternativas de produção, ou seja, é preciso procurar aprender produzindo, uma vez que as classes populares têm de se educar enquanto luta para sobreviver.

Conhecer é descobrir e construir, e não copiar ou “transmitir”. No processo de busca do conhecimento, Paulo Freire aproxima o estético, o epistemológico e o social. Ele conseguia criar laços, interligar as categorias da história, da ciência, da filosofia, da política, da antropologia, e da economia, com questões de classe, de gênero, de etnias, de forma a engajar os saberes e os fazeres educacionais na transformação do mundo, a favor dos oprimidos.

A pedagogia libertadora de Paulo Freire tem como objetivo fundamental dar ânimo, força no trabalho, ideias para que o sujeito perceba a realidade, também motivando-o sempre para que ser torne autônomo na sua vida diária, de modo a relacionar suas vidas aos conteúdos aprendidos, e colocando em prática, como também as relações sociais, de forma problematizadora e a provocar a inquietação quanto aos porquês de conhecimentos e “verdades”.

Nesse sentido, a educação libertadora deve estabelecer uma comunicação democrática entre os seres humanos, na qual a fala do mestre não seja a única, mas que seja vista como uma entre as outras, que possibilita a realização dos indivíduos em sociedade. Assim, o sujeito que se torna livre por meio de sua ação e reflexão toma medidas que o encaminham à felicidade.

Paulo Freire foi um grande colaborador à reflexão do ser humano, foi comprometido com a sociedade, em especial com as chamadas camadas populares. Suas reflexões servem de base para que o Educador Social tenha uma postura consciente, que o leve a obter resultados transformadores, num processo em que, como ser histórico, educa-se de forma contínua, ou seja, jamais perde de vista esse caráter de construir-se, associado à prática social. Assim, reforçamos a convicção de que, como parte das preocupações da educação social e sociocomunitária bem como das outras “educações”, deva-se dedicar especial atenção à formação do professor, do educador.

Educar o educador é bem mais complexo do que educar a criança, uma vez que o educador possui enraizados seus hábitos e costumes. Ele funciona dentro de uma rotina, de forma geral, somente fornecendo informação e aquele que simplesmente “dá” informação seguramente não é um educador. É possível proporcionar o ambiente certo e os recursos necessários à aprendizagem, além de outros mecanismos de suporte a ela, mas é importante que o educador descubra o significado do educar para a emancipação, para a justiça social.

No entanto, na atualidade, percebemos que os ideais de Paulo Freire estão sendo anulados pelo atual governo, que quer, a todo momento, anular as reflexões Freirianas, porque a educação libertadora para alguns é de grande incômodo. Isso porque Freire estimula a reflexão, não separa a educação com a política porque elas estão entrelaçadas e visa a um caminho justo, solidário e ético. Percebemos que não se devem anular os pensamentos de Freire e também de seus comentadores, já que permanecemos na luta diária e nunca devemos perder a esperança. Numa sociedade complexa como a que vivemos, a educação social – além da escolar - é decisiva para encontrar novos caminhos de aprendizagem e realização da vida. A educação atual, quase sempre, é previsível, repetidora, distante da vida. Com as mudanças tão profundas em todos os campos, a educação precisa ser muito mais criativa, diferente, envolvente. Experimentamos que a escola sozinha não dá conta dessas demandas. Ela precisa ser repensada profundamente e, ao mesmo tempo, a sociedade tem de propor ações educativas muito mais abrangentes e significativas, que envolvam continuamente as organizações econômicas e sociais, as famílias, o poder público e as mídias.

A escola tradicional, de concepção positivista neoliberal, enraizada na sociedade, é entendida como aquela que é voltada para o mercado, em que existe o tempo de ensinar e o tempo de avaliar, enquanto momentos estanques, separados entre si. Os seus conteúdos escolares são organizados de maneira linear, hierárquica e, previamente determinados por bimestre, série, disciplina, etc., sendo justificados como pré-requisito de outros. Nessa visão conservadora, a educação sempre é planejada de cima para baixo, onde existe uma escola

burocrática e uniformizadora. Essa visão é excludente e acaba por tornar a escola incompetente em seus vários aspectos, como não ter vagas para quem mais dela precisa e estar desconectada da realidade social do aluno.

A esperança é uma chama ardente que deve estar na mente e no coração. Por isso, não podemos desistir de batalhar e de manter o pensamento Freiriano vivo na escola, na comunidade, na sociedade, nos movimentos sociais, almejando sempre a felicidade e a liberdade.

A escola hoje, mais do que nunca, tem como papel diante da sociedade propiciar ações para a efetivação dos direitos sociais. Nesse contexto, o setor educacional tem o papel de possibilitar e de oferecer alternativas para que as pessoas que estejam excluídas do sistema possam ter oportunidade de se reintegrar por meio da participação, bem como da luta pela universalidade de direitos sociais e do resgate da cidadania. A escola que se deseja deve estar pautada na lógica de um espaço ideal para a construção de uma sociedade sadia, uma escola democrática com formação para a cidadania. Aquela que combata de todas as formas a exclusão social e que entenda o aluno como ser integral. E que possa, ao mesmo tempo, trabalhar a relação escola-aluno-família, tendo-se, assim, a necessidade de incluir a família em suas ações.

Para isso, devemos romper com as visões tradicionais, funcionalistas ou sistêmico-mecanicistas da escola, superando a visão desta como um depósito do saber. É preciso buscar uma escola inclusiva, libertadora e que valorize a diversidade. Um dos maiores desafios apresentados à escola atual é trabalhar com a reelaboração crítica e reflexiva do estudante, a fim de prepará-lo para a luta e para o enfrentamento das desigualdades sociais presentes na sociedade capitalista. Nessa ótica, a escola deve transcender o sentido de ascensão material, que é dado à educação, de modo a transformá-la não em só um meio de retorno financeiro, mas também em um instrumento de crescimento pessoal.

É necessário que a esperança nos mostre que todas as pessoas precisam ser educadas para aprender a conviver numa sociedade complexa, a respeitar as diferenças, a colaborar mais, a fazer escolhas afetivas mais realizadoras, a ter objetivos de vida mais ricos e abrangentes, a construir percursos mais interessantes e produtivos. Sabemos que é uma tarefa árdua e a ser realizada a longo prazo. É uma tarefa que exige o melhor de todos os que querem mudar a sociedade atual.

O pensamento e a prática de Paulo Freire nos permitem indagar sobre nossa ação no mundo e como ela se reflete em nossa prática cotidiana. Faz-nos pensar sobre nossa prática como educadores comprometidos com uma educação democrática. Quais concepções de

educação defendemos, de quais nos aproximamos e para que projeto de sociedade temos contribuído? Como nos posicionamos politicamente em nossos contextos sociais?

Paulo Freire, assim, mostra-nos a necessidade de nós, educadores, termos a “rebeldia” necessária para compreender as estruturas opressoras de nossa sociedade, numa perspectiva macro, e as práticas bancárias em nosso cotidiano, e rebeldia também para romper com essa realidade, em um mundo cada vez mais opressor, mais desigual. Essa é uma das inquietações mais profundas que Paulo Freire nos propicia: repensar nossos lugares como sujeitos de direito e, partir daí, refletir sobre a necessidade de uma radicalidade, no sentido da problematização, transformação/ação e intervenção de nossa práxis cotidiana, do nosso estar no e com o mundo.

Minha perspectiva com esta dissertação é, a partir de uma bagagem teórica consolidada, poder aproveitar a minha linha de raciocínio filosófico/teológico e pedagógico no pensamento de Paulo Freire. Ficam abertas para uma futura pesquisa algumas questões que não foram abordadas neste texto e que podem favorecer mudanças importantes na esfera educacional.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael. Paulo Freire, pedagogia crítica e as tarefas do estudioso crítico ativista. *Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo*, São Paulo, v. 7, n. 03, 2011.

AU, W. Lutando com o texto: contextualizar e recontextualizar a pedagogia crítica de Freire. In: APPLE, Michael W.; AU, Wayne; GANDIN, Luís A. *Educação crítica: análise internacional*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BEISIEGEL, Celso de Rui. *Paulo Freire*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. Síntese de Indicadores. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2009.

_____. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BUBER, M. *Do Diálogo e do Dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. *El Camino Del Ser Humano y Otros Escritos*. Salamanca: Kadmos, 2003.

_____. *Sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARVALHO, Ademar de Lima. *Os caminhos perversos da educação: a luta pela apropriação do conhecimento no cotidiano da sala de aula*. Cuiabá: Edufimt, 2005.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Legislação educacional brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DEWEY, John. *Como pensamos*. Tradução: Haydée de Camargo Campos. São Paulo: Companhia Nacional, 1959.

_____. *Democracia e Educação*. Introdução à Filosofia da Educação. 4. ed. São Paulo: Companhia Nacional, 1979.

_____. *Experiência e Educação*. Tradução: Anísio Teixeira. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de. A qualidade da educação: perspectivas e desafios. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 29, n. 78, p. 201/215, maio/ago. 2009.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília A. Neves (orgs.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. Desafios da educação de adultos ante a nova reestruturação tecnológica. In: FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

_____.; HORTON, M. *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Ed. Olho d' Água, 2001.

_____. *Cartas a Cristina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação: Uma introdução ao Pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro, 1979.

_____. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

_____. *Educação e atualidade brasileira*. Pernambuco: Escola de Belas Artes, 1959.

_____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a.

_____. *Extensão ou comunicação?* Tradução: Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983b.

_____. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. *Política e educação: ensaios*. 5. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

_____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olhos D'Água, 1997.

_____. *The politics of education: culture, power, and liberation*. Westport, CT: Berginand Garvey, 1985.

_____.; ILLICH, I. *Diálogo*. Buenos Aires: Búsqueda, 1975.

_____.; NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: Teoria e Prática em Educação Popular*. Petrópolis: Vozes, 1983.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. *Pedagogia da conscientização: um legado de Paulo Freire à formação de professores*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

FURTER, Pierre. O planejador e o educador permanente. *Cadernos de Pesquisa*, Unesco, 1977.

GADOTTI, Moacir. *Alfabetizar e conscientizar*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014.

_____. *Paulo Freire: uma bibliografia*. São Paulo: Instituto Paulo Freire: UNESCO: Cortez, 1996.

_____. *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Escola cidadã*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. *O projeto político-pedagógico na escola: na perspectiva de uma educação para a cidadania*. Brasília, 1994.

_____. *Paulo Freire: Uma bibliografia*. Brasília: UNESCO, 1996.

_____. *Pedagogia da práxis*. 4. ed. São Paulo: Cortez/ Instituto Paulo Freire, 2004.

_____. *Pedagogia da práxis*. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. *Pensamento Pedagógico Brasileiro*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Pensamento Pedagógico Brasileiro*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____.; ROMÃO, José (org.) *Autonomia da escola: princípios e propostas*. São Paulo: Cortez, 1997.

GENTILI, Pablo. Qual educação para qual cidadania? Reflexões sobre a formação do sujeito democrático. In: AZEVEDO, J. C. et al. *Utopia e democracia na educação cidadã*. Porto Alegre: UFRGS/ Secretaria Municipal de Educação, 2000.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. As concepções de infância e as teorias educacionais modernas e contemporâneas. *Educação e Realidade*, v. 25, n. 01, p. 45-58, jan./jun. 2000.

GIROUX, H. A. (org.). *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. Rejecting academic labor as a subaltern class: learning from Paulo Freire's critical pedagogy. *Fast Capitalism*, v. 8, n. 2, 2011.

_____.; McLAREN, Peter. *Critical Pedagogy, the state, and the struggle for culture*. New York: State University Press of New York, 1989.

_____.; SIMON, Roger Irwin. *Popular Culture, Schooling, and Everyday Life*. OISE Press, 1989.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução: Paulo Meneses com colaboração de Karl-Heinz Effen. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda R.; CORSINO, Patrícia. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 69-85, jan./abr. 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da Escola Pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

_____. *Pedagogia e Pedagogos, para quê?* 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA VAZ, H. C. de. *Antropologia filosófica II*. São Paulo: Loyola, 1992.

LIPMAN, Mathew. *O pensar na educação*. Tradução: Ann Mary Fighiera Perpétuo. Petrópolis: Vozes, 2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. *Filosofia da Educação*. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MACLAREN, Peter. *A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. *Critical Pedagogy and Predatory Culture: oppositional politics in a postmodern era*. London; New York: Routledge, 1995.

_____. Critical Thinking as a Political Project. In: WALTERS, Kerry. *Re-thinking Reason: new perspectives in critical thinking*. Albany: State University of New York Press, 1994.

MAFRA, Jason Ferreira. *A conectividade radical como princípio e prática da educação em Paulo Freire*. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: ENGELS, F. *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Alemã Clássica*. Estugarda: 1845.

MOREIRA, C. E. Criticidade. *In*: REDIN, E.; STRECK, D. R.; ZITKOSKI, J. J. (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 8. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2003.

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NOVAES, R. As Juventudes e as lutas por Direitos. *Le monde Diplomatic Brasil*, nov. 2012.

PALUDO, Conceição. *Educação popular em busca de alternativas: uma leitura desde o campo democrático e popular*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2002.

PLASTINO, Carlos Alberto. A crise dos paradigmas e a crise do conceito de paradigma. *In*: BRANDÃO, Zaia. *A crise dos paradigmas e a educação*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Questões de Nossa Época, v. 35).

RODRIGUES, Neidson. *Da mistificação da escola à escola necessária*. São Paulo: Cortez, 1991.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.

ROSA, Juliano de Melo. *As vozes de um mesmo tempo: a educação física institucionalizada no período da Ditadura Militar em Cacequi*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 8. ed. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 1996.

SILVA, Edvaneide Barbosa da. Resenha de Educação como prática da liberdade. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 14, maio/ago. 2000.

STRECK, Danilo. *Correntes Pedagógicas*. Vozes: Petrópolis, 2006.

WEBB, Darren. Paulo Freire and 'the need for a kind of education in hope'. *Cambridge Journal Education*. Cambridge, v. 40, n. 4, p. 327-339, dec. 2010.

Weffort, F. Educação e política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade. *In*: FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

ZITKOSKI, Jaime José. DIÁLOGO/DIALOGICIDADE (verbete). *In*: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. *Paulo Freire e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____.; MORIGI, Valter. *Educação Popular e Prática Emancipatória: Desafios Contemporâneos*. Porto Alegre: CORAG, 2011.